

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**LUCAS ALVES FIRME CARNEIRO**

**A RÚSSIA NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX:  
A EXPEDIÇÃO DE 1914-1915.**

**Rio de Janeiro**  
**2019**

**LUCAS ALVES FIRME CARNEIRO**

**A RÚSSIA NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX:  
A EXPEDIÇÃO DE 1914-1915.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof. Dra. Magali Romero Sá  
Co-orientadora: Prof. Dra. Juliana Manzoni Cavalcanti

Rio de Janeiro  
2019

# **LUCAS ALVES FIRME CARNEIRO**

## **A RÚSSIA NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX: A EXPEDIÇÃO DE 1914-1915.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

### **BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dra. Magali Romero Sá (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientadora

Prof. Dr. Rodrigo Goyena da Silveira Soares (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo)

Prof. Dra. Lorelai Brilhante Kury (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

### **Suplentes:**

Prof. Dra. Kaori Kodama (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dra. Alda Heizer (Escola Nacional de Botânica Tropical (ENBT) do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro)

Rio de Janeiro  
2019

Ficha Catalográfica

---

C289r Carneiro, Lucas Alves Firme.

A Rússia no Brasil do início do Século XX : a expedição de 1914-1915 /  
Lucas Alves Firme Carneiro. – Rio de Janeiro : s.n., 2019.  
126 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) –  
Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.  
Bibliografia: 118-126f.

1. Expedições. 2. Antropologia Cultural. 3. História do Século XX. 4.  
Brasil.

CDD 305.8

---

Catálogo na fonte - Marise Terra Lachini – CRB6-351

Aos meus pais e meu irmão, minhas engrenagens.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos pelas diferentes formas de contribuição ao longo do processo que me trouxe até aqui, especialmente:

Aos meus pais e ao meu irmão, por serem o meu maior suporte desde sempre.

Ao resto da minha família que, perto ou longe, sempre me apoiam.

À Magali e à Juliana, orientadora e coorientadora, mas também amigas que me acolheram desde o início.

À Aline, Cléber, Marco Antônio, Henry e Gilberto, que proporcionaram meu intercâmbio entre os arquivos da Casa de Oswaldo Cruz e do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, sem o qual esta pesquisa não teria sido possível.

À Marisa Scarafoni, do Arquivo Fotográfico e Documental do Museu Etnográfico da Universidade de Buenos Aires, pela atenção e dedicação com a qual me atendeu, contribuindo com informações importantes para a pesquisa.

À professora doutora Elena Soboleva, do Museu de Antropologia e Etnografia da Universidade de São Petersburgo, pelo contato travado e materiais fornecidos em sua passagem pelo Rio de Janeiro.

À minha coleção de grandes amigos, por todos os incentivos e pela unidade que construímos.

A todos os professores que, de maneiras diversas, contribuíram para a construção do meu trabalho.

*“Eu não sei viver o “presente”. O agora já não me agrada. Sempre aspiro a algum lugar adiante, já além do presente. E quanto mais longe, melhor. Sempre foi assim para mim. Porque o melhor fica longe demais e leva tempo (...). Daí minha paixão pelas viagens. E é por isso que estou indo à América do Sul.”*

*Carta de Ivan Strelnikov, 3 de maio de 1914, página 3.*

## RESUMO

O objeto deste trabalho são os passos da expedição estudantil russa de 1914 à América do Sul, considerada, pela literatura, a segunda campanha científica do Império Russo no continente depois da longa viagem do barão Langsdorff pelo interior do Brasil na primeira metade do século XIX. O empreendimento do início do século XX foi enviado pelo Museu de Antropologia e Etnografia de São Petersburgo em abril de 1914, poucos meses antes do início oficial da Primeira Guerra Mundial, e integrado por cinco jovens cientistas, dentre os quais dois zoólogos, dois etnógrafos e um economista e antropólogo amador, cujo objetivo era a coleta de material de valor biológico e etnográfico para compor coleções nas instituições que participaram de seu financiamento. Em seus caminhos, a expedição passou por países como Brasil, Paraguai e Argentina, resultando em amplo material manuscrito e algumas publicações, além dos objetos coletados. A partir dos documentos dos membros e de uma abordagem das disputas que tomaram lugar na institucionalização da etnografia russa, buscamos compreender as inserções teóricas presentes na expedição e onde ela se situava na chave da história da etnografia na Rússia. A investigação permitiu identificarmos que a expedição vinculou suas análises etnográficas a um método comparativo que, em sua base, evidencia aportes fundamentais das leituras antropológicas de noções evolucionistas. Esta dissertação se pretende, nesses termos, uma contribuição para os estudos locais da etnografia russa e das relações científicas entre Brasil e na Rússia.

**Palavras-chave: Rússia - Brasil - etnografia - expedições.**



## ABSTRACT

The object of this work is the steps of the Russian student expedition of 1914 to South America, considered, by literature, the second scientific campaign of the Russian Empire on the continent after the long voyage of Baron Langsdorff through the interior of Brazil in the first half of the nineteenth century. The early twentieth century venture was sent by the Museum of Anthropology and Ethnography of St. Petersburg in April 1914, just months before the official outset of World War I, and was composed of five young scientists, including two zoologists, two ethnographers and an amateur economist and anthropologist, whose objective was the collection of material of biological and ethnographic value to compose collections in the institutions that participated in its financing. Along the way, the expedition passed through countries such as Brazil, Paraguay and Argentina, resulting in extensive manuscript material and some publications, in addition to the objects collected. From the documents of the members and an approach to the disputes that took place in the institutionalization of Russian ethnography, we sought to understand the theoretical insertions present in the expedition and where it stood at the key of the history of ethnography in Russia. The investigation allowed us to identify that the expedition linked its ethnographic analyzes to a comparative method that, in its base, evidences fundamental contributions of the anthropological readings of evolutionist notions. In this way, this dissertation intends to contribute to the local studies of Russian ethnography and to the scientific relations between Brazil and Russia.

**Keywords: Russia - Brazil - ethnography - expeditions.**

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>Introdução.....</b>   | <b>11</b>  |
| <br>   |            |
| <b>Capítulo 1 - O início</b>   |            |
| <b>1.1 - Radlov, Shternberg e o cenário de mudanças no Museu de Antropologia e Etnografia de São Petersburgo no início do século XX.....</b> | <b>25</b>  |
| <b>1.2 - A expedição, sua concepção, referências e organização inicial.....</b>  | <b>29</b>  |
| <b>1.3 - De São Petersburgo a Buenos Aires.....</b>  | <b>37</b>  |
| <b>1.4 - O balanço entre expectativa e frustração: primeiros passos na capital argentina.....</b>  | <b>44</b>  |
| <b>1.5 - Um plano toma forma: contatos e caminhos futuros em discussão entre Buenos Aires e La Plata.....</b>                                | <b>50</b>  |
| <br>   |            |
| <b>Capítulo 2 - Corumbá e os rumos da expedição</b>  |            |
| <b>2.1 - Rios acima até Corumbá.....</b>   | <b>56</b>  |
| <b>2.2 - Caminhos divididos: Strelnikov e Tanasiichuk.....</b>   | <b>64</b>  |
| <b>2.3 - Caminhos divididos: Fielstrup, Manizer e Geiman.....</b>  | <b>74</b>  |
| <br>   |            |
| <b>Capítulo 3 - Manizer, etnografia, indígenas e evolução</b>  |            |
| <b>3.1 - Entre Kaingang e Botocudos: Manizer e o Serviço de Proteção aos Índios.....</b>   | <b>85</b>  |
| <b>3.2 - A expedição de 1914 e os rumos da etnografia russa.....</b>   | <b>99</b>  |
| <br>   |            |
| <b>Considerações finais.....</b>   | <b>112</b> |
| <br>   |            |
| <b>Listagem de fontes.....</b>   | <b>114</b> |
| <br>   |            |
| <b>Referências.....</b>  | <b>118</b> |

## Introdução

---

O objeto central a partir do qual serão tecidas as discussões presentes nesta dissertação é a expedição russa de 1914 à América do Sul, considerada pela literatura como o segundo empreendimento científico do país ao continente (SOBOLEVA, 2016), após a campanha de Langsdorff na primeira metade do século XIX (KOMISSAROV, 1994; HARDMAN E KURY, 2004). A expedição foi enviada pelo Museu de Antropologia e Etnografia de São Petersburgo em seu objetivo de coleta de material de cunho biológico e etnográfico, tendo atuado em países como Brasil, Argentina e Paraguai entre os anos de 1914 e 1915. Integraram a campanha cinco jovens estudantes russos, sendo dois zoólogos, dois etnógrafos e um economista e antropólogo amador. A partir da discussão dos passos da viagem, o trabalho privilegiará a história da etnografia russa a fim de entender as bases teóricas a sustentarem a expedição. Tendo em vista a relação de parte da campanha com questões latentes do cenário brasileiro naquele momento, esses conceitos serão, também, analisados na maneira como foram mobilizados visando à compreensão e soluções práticas para a questão indígena e de integração nacional. Antes da seção da introdução dedicada à expedição, será discutido um breve panorama histórico das relações entre Brasil, Rússia e viagens científicas.

### **Antecedentes: Rússia, Brasil, ciência e expedições**

A produção de um trabalho cujo eixo de abordagem se constrói sobre as relações entre Brasil e Rússia conforme inseridas na temática de expedições científicas nos demanda tratar, como ponto de partida, justamente um panorama que apreenda as maneiras através das quais os dois países se comunicam nesse sentido. Além disso, deve ser indicado como as respectivas experiências históricas de cada um deles dialogam com esses empreendimentos. Partilhando a condição de nações marcadas por suas dimensões continentais, Brasil e Rússia apresentam uma convivência histórica com as diversas particularidades que são proporcionadas pelas grandes extensões territoriais. Em seus esforços específicos em nome de um gerenciamento efetivo dos recursos disponíveis em seus domínios, os primeiros

desafios se impunham, precisamente, na busca de alternativas para a manutenção das imensas regiões de fronteira.

Tanto o Brasil quanto a Rússia se viram frequentemente envolvidos nesse tipo de problema que, em análise ampla, representa um dos elementos principais dos processos de integração nacional, sobretudo para países continentais. O trabalho de integrar esses espaços acaba por também envolver, necessariamente, a elaboração de soluções para a melhor assimilação e utilização de seus recursos e características físicas naturais, além da articulação de mecanismos de incorporação dos diferentes setores da população às dinâmicas do desenvolvimento. As buscas pelas fórmulas que melhor pudessem responder por esses objetivos produziram, nos contextos russo e brasileiro, padrões próprios para a importante relação entre ciência e expedições. Nesse sentido, vale reforçar que, conforme aponta MAIA (2005: 198), é possível vislumbrarmos uma ligação entre Rússia e Brasil como nações cujas geografias e expedições configuraram forças sociais imprescindíveis a seus respectivos caminhos de modernização.

Colocados esses primeiros pontos gerais, o próximo passo desta introdução nos leva a tratar, separadamente e de maneira preliminar, das relações de Rússia e Brasil no que tocam a temática científica e de expedições, em um recorte cronológico que privilegia essas dinâmicas no século XIX e sua transição para os primeiros anos do XX. Como já foi possível notar a partir dos trechos iniciais desta seção, a relação de Rússia e Brasil com o conceito de expedições acaba por se concentrar no lugar privilegiado ocupado por ele nas questões internas desses países. Essa condição os aproxima entre si, enquanto representa um traço distintivo da lógica imperialista europeia, baseada, essencialmente, nas viagens para colônias e outros destinos além de suas fronteiras. Como veremos, porém, isso não significa afirmar que, especialmente no caso do Império Russo, não tenha sido produzida, também, uma significativa dinâmica de expedições para outros países.

Para trazermos, primeiramente, uma abordagem sobre a ciência e as expedições russas em seu contexto interno, se faz necessário chamarmos a atenção para uma persistente tendência historiográfica que, tradicionalmente, se dispõe a tratar dos pontos de partida para atividades científicas mais organizadas em instituições a partir das transformações que acompanharam a chamada Grande Reforma de 1861. Embora consolidada, essa corrente vem

recebendo críticas recentes que não somente apresentam uma nova proposta como localizam os fundamentos da tradição à qual se contrapõem. Nesse sentido, a recente crítica dos historiadores da ciência russa entende que nas fontes desse paradigma, ainda na obra de autores que viveram os momentos finais da autocracia e compunham uma *intelligentsia* liberal de oposição ao regime, havia o forte e natural fomento a uma oposição entre Império e ciência, através de narrativas que vinculavam esta última, necessariamente, ao contexto acadêmico, de fato mais organizado a partir das reformas administrativas de meados do século XIX (LOSKUTOVA, 2014: 231).

Partindo, portanto, da revisão desse modelo historiográfico, as novas abordagens propostas apresentam um esforço em indicar que, embora não fosse politicamente interessante para os intelectuais da época desenhar qualquer relação entre Império e ciência, essa dinâmica se pronunciara como a modalidade científica mais ativa e coordenada da primeira metade do século XIX, período que, segundo consta, deveria ser incluído como recorte cronológico da história das ciências da Rússia (Ibidem: 231). Conforme indica a importante bibliografia que foi gerada desse processo, a burocracia estatal da autocracia e, mais especificamente as divisões científicas que se formaram em dispositivos como o Ministério dos Domínios de Estado, abrigou incontáveis exemplos de pesquisas e levantamentos que, naquele momento, se baseavam na produção de inventários dos recursos do território do Império (MIRONOS, 2000; LOSKUTOVA, 2012).

Nessa mesma chave de assimilação das características dos domínios imperiais, as atividades científicas deslocaram seu eixo mais substancial, a partir da década 1860, para a profusão de novos cursos e cadeiras acadêmicas que se manifestaram como um dos efeitos da Grande Reforma e sua natureza descentralizadora das alçadas administrativas do governo. Essa mesma descentralização produziu um peculiar cenário científico no que se refere à distribuição geográfica de instituições pelo território. Enquanto as cidades centrais russas, como Moscou e São Petersburgo, concentravam as estruturas universitárias do país (FROLOVA, 2010; KRIVOSHEINA, 2014), as províncias do interior testemunharam a multiplicação das chamadas *zemstvos*. Reformuladas, as *zemstvos* eram unidades administrativas locais, autorreguladas, autofinanciadas e integradas a sociedades agrícolas locais que se dedicavam, entre outros tópicos, à necessidade urgente de se elaborar soluções para a agricultura do Império. Essa configuração favoreceu a criação de escolas e institutos

para estudos agrícolas, fomentando as bases de uma ciência aplicada e local (ELINA, 2014: 307, 309, 310).

Notamos, por fim, que tanto quando se trata das atividades científicas vinculadas ao corpo burocrático imperial na primeira metade do século XIX quanto ao serem abordadas as pesquisas de universidades e sociedades intelectuais que se multiplicaram na segunda metade do século, as expedições aparecem como elemento predominante, indicando sua condição de meio fundamental para a realização de estudos mas, além disso, a forte dimensão política e social desses empreendimentos, ao constituírem uma arena privilegiada para que os meios oficiais, intelectuais e científicos pudessem dar forma e significado a seus olhares em contato direto com o povo e a natureza russa. Dessa forma, é imperativo reconhecermos a importância que tiveram as viagens científicas ao interior do Império Russo no sentido de lançar luz sobre as reais condições em que vivia sua população, processo decisivo para o acirramento das crises do regime autocrata (BEER, 2008; LOSKUTOVA, 2014; KRIVOSHEINA, 2014).

Em complemento a essas questões, LOSKUTOVA (2012: 149) fala no papel determinante da tradição de expedições em fomentar o desenvolvimento do que chama de “ciência cívica”, sinalizando o fato de, historicamente, as ciências russas terem representado um dos principais espaços de debates sobre a sociedade, com uma intelligentsia responsável pela construção, através de seus próprios objetivos e instituições científicas, da forma possível de esfera civil pública em um Estado autoritário (HACHTEN, 2002). Se as expedições internas tiveram lugar de destaque na movimentação da vida política, científica e social russa, aquelas campanhas que se deram além de suas fronteiras também tiveram sua importância no que tange ao desenvolvimento de disciplinas acadêmicas e às pretensões expansionistas e diplomáticas do Império.

No que se refere às áreas científicas favorecidas por expedições russas para outros países, a Geografia aparece como uma das que contou com maiores contribuições, bem representadas pelo exemplo da expedição de Aleksandr Voeikov (1842-1916), prestigiado geógrafo e climatologista que, a partir de 1874, percorreu regiões do México e outros países da América Central, produzindo ricas e novas informações para sua disciplina (CHOLDIN, 1979). As expedições também foram elementos essenciais aos projetos imperialistas russos,

sobretudo entre as décadas finais do século XVIII e a primeira metade do XIX, com destaque para as viagens que deram a dinâmica de colonização das regiões do Pacífico Norte que fizeram parte da chamada América Russa, entre 1733 e 1867, e hoje correspondem ao território do estado do Alaska, nos Estados Unidos (FARRIS, 1997; FOSTER E HENRIKSON, 2009; VINKOVETSKY, 2011). Apesar de ser possível atrelar uma natureza específica quando se aborda expedições, vale ressaltar a diversidade de elementos que podem estar envolvidos nas campanhas desde seu início ou como elementos novos em seus trajetos. Nesse sentido, FEKLOVA (2016) traz a tradição das missões cristãs ortodoxas russas, com enfoque naquelas da primeira metade do século XIX, que levaram representantes religiosos, oficiais e científicos com destino a China, cada grupo com atribuições fundamentais para as relações com o fechado Estado chinês.

Outra referência central de expedições imperialistas russas foram suas ambiciosas campanhas marítimas de circunavegação do planeta Terra, tendo sido organizadas, simultaneamente, três delas na década 1820: a expedição do almirante e geógrafo Fyodor Litke (1797 - 1882) ao arquipélago Novaya Zemlya, no Oceano Ártico, entre 1820 e 1824; a de Ferdinand Wrangel (1797-1870), também entre 1820 e 1824, pela costa norte da Sibéria; e a de Fabian von Bellingshausen (1778 - 1852) pelos oceanos do hemisfério sul, de 1819 a 1822<sup>1</sup>. Na chave das diferentes dimensões possivelmente vinculadas a uma expedição, as próprias campanhas de circunavegação oferecem outro importante exemplo, uma vez que, além das demonstrações de poder e domínio imperial a elas atreladas, é notável também o prestígio que conferiram aos estudos geográficos russos, através dos renomados cientistas que, como Litke, tomaram parte ou mesmo conduziram esses empreendimentos. (SEVCENKO, 1996).

Anteriormente às três expedições marítimas já apontadas, a primeira das campanhas de circunavegação foi comandada pelo almirante germano-báltico Adam von Krusenstern (1770-1846) que, a serviço da Marinha Imperial Russa, percorreu áreas do norte do Pacífico e o sul da América do Sul e da África, entre 1803 e 1806 (Ibidem: 116). O cientista chefe dessa expedição era justamente o naturalista e médico alemão naturalizado russo Georg Heinrich von Langsdorff (1774 - 1852), que seria o responsável pela primeira expedição russa na América do Sul, mais especificamente no Brasil. O primeiro contato de Langsdorff com o

---

<sup>1</sup> Strelnikov, 1928a, p.751.

território e a natureza brasileira se deu ainda durante a viagem de circunavegação, quando desembarcado na Ilha de Santa Catarina, ali permaneceu entre o final de 1803 e 1804, retornando à Rússia com a expedição de Krusenstern. Nomeado cônsul-geral russo no Rio de Janeiro, Langsdorff retornou ao Brasil em 1813, dando início às suas atividades científicas que se seguiram até voltar à Europa em 1820. Recebendo o título de barão e, na condição de ministro plenipotenciário do czar Alexandre I (1777-1825), o naturalista retorna ao Rio de Janeiro para seu último período no país (KOMISSAROV, 1994; SEVCENKO, 1996).

Entre 1824 e 1829, Langsdorff coloca em prática sua expedição no interior do Brasil, a serviço do Império Russo. Juntaram-se ao início do empreendimento o cartógrafo Nester Rubtsov (1799-1874), os desenhistas Hercule Florence (1804-1879), Aymé-Adrien Taunay (1803-1828) e Johann Moritz Rugendas (1802-1858), além do botânico Ludwig Riedel (1790-1861) e do zoólogo e antropólogo Édouard Ménétriés (1802-1861). Passando por regiões dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, entre outros, até concluírem seu percurso no Pará, o grupo produziu ampla documentação e recolheu rico material de cunho biológico e etnográfico (KOMISSAROV, 1994; HARDMAN E KURY, 2004).

Partindo da discussão da relação entre Rússia e expedições, a breve abordagem da campanha de Langsdorff permite um gancho para o contexto da dinâmica brasileira de ligação com as viagens científicas no século XIX. O período em questão representou um ápice da presença europeia, de um modo geral, no território brasileiro, muito através das expedições científicas aos grandes e inexplorados espaços que se abriam aos viajantes no interior do país (SEVCENKO, 1996: 115). O espírito de descoberta que movia esses cientistas fez com que muitos dos primeiros deles pudessem traçar caminhos pioneiros que serviriam, mais adiante, como base para expedições subsequentes (LEITÃO, 1941: 327). Conforme consta desse histórico, esse foi o caso de um percurso para o acesso ao estado de Mato Grosso, que acabou por se transformar em roteiro padrão para muitas expedições europeias no país, com especial referência às alemãs. O caminho em questão indicava a subida do curso do rio Paraguai até a cidade de Corumbá, de onde se deveria continuar rio acima ou seguir por terra, de acordo com cada plano específico (Ibidem: 332).

O caminho descrito acima acabaria por ser utilizado, já no início do século XX, em uma das partes mais importantes da expedição russa que é o objeto deste trabalho. Conforme



será discutido no segundo capítulo da dissertação, o grupo composto pelos membros da campanha percorreu um trecho do rio Paraguai até Corumbá, a partir de onde iniciaram seus estudos e coletas. Como será melhor observado nos capítulos que se seguem, a expedição russa de 1914, em seus caminhos e referências, é, portanto, um caso a refletir a característica fundamental das viagens científicas ao Brasil de fins do século XIX e início do XX, que já não estavam ali “fazendo literatura mas revelando uma fotografia”, ou seja, eles poderiam não ser os primeiros, mas seu trabalho conferia nova forma e significado às observações de seus antecessores (Ibidem: 328).

Retomar a atenção para a rota específica com destino à Corumbá via rio Paraguai ainda nos revela uma questão crucial a movimentar o cenário brasileiro, em termos científicos e de expedições, no recorte cronológico proposto. O fato de esse caminho ter sido o mais corrente naquele momento é um exemplo que evidencia o nível de isolamento em que se encontravam regiões do interior, como o estado de Mato Grosso. Como será melhor discutido ao longo do trabalho, principalmente a partir da segunda metade do século XIX e, especialmente com a Guerra da Tríplice Aliança<sup>2</sup> para o caso do Mato Grosso, se elevaram as preocupações com as dificuldades de articulação entre os centros urbanos do litoral brasileiro e essas partes do país, que ainda eram de difícil acesso e levavam muito tempo para receber informações vindas da capital. Esses problemas apontavam não apenas para os desafios no controle estratégico de áreas de fronteira, mas para uma necessidade geral de se produzirem avanços no processo de integração nacional, que deveria passar pela vinculação de espaços e populações às dinâmicas de desenvolvimento (SÁ et.al., 2008; DOMINGUES, 2010).

As expedições começam a ter parte decisiva nesse cenário ainda nos primeiros esforços de campanhas militares de infra-estrutura nas últimas décadas do século XIX. Esse processo, que visava à instalação de estrutura de transporte e comunicação no território, ganha fôlego, porém, a partir do início do século XX, com a criação das comissões de ferrovias e linhas telegráficas que cortaram o país em nome do projeto de levar a presença do Estado às regiões mais remotas (SÁ et.al., 2008; CASER e SÁ, 2010) . De maneira similar às

---

<sup>2</sup> Também chamada de Guerra do Paraguai, a Guerra da Tríplice Aliança foi o maior conflito armado entre nações da América do Sul e se estendeu de 1864 a 1870, envolvendo o Paraguai, de um lado, e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai, do outro. Uma das regiões mais movimentadas durante a guerra foi a fronteira entre Brasil, em áreas do estado de Mato Grosso, e Paraguai (SÁ et.al., 2008; DOMINGUES, 2010).

expedições científicas ao interior da Rússia, essas campanhas, compostas por militares, engenheiros e cientistas, foram fundamentais em evidenciar a realidade de milhares de pessoas que viviam isoladas no país, tendo, também, impulsionado a centralidade de debates, na arena política e científica, sobre a questão indígena nacional e acerca da vida do sertanejo (STAUFFER, 1959; ERTHAL, 1992; BIGIO, 2007; BRITO E LIMA, 2013). A partir da divisão de caminhos entre os membros da expedição de 1914, a parte da viagem em solo brasileiro esteve muito inserida nessas dinâmicas, que serão objeto de discussão deste trabalho.

### **A expedição de 1914: Cinco russos na América do Sul.**

No dia 8 de abril de 1914, uma expedição de estudantes deixava São Petersburgo para um longo trajeto até a América do Sul. Unidos por suas curiosidades e desejos pessoais, além dos objetivos de coleta de seus financiadores, Manizer, Fielstrup, Strelnikov, Geiman e Tanasiichuk precisaram de cerca de um mês de expectativas para chegarem a seu destino. Se seguirão abaixo algumas informações sobre as origens e formação de cada um dos membros da expedição, conforme nos fornecem BELOV et.al. (2014) e SOBOLEVA (2016).

Nascido em uma família de artistas plásticos de São Petersburgo, **Genrikh Genrikovich Manizer (1889-1917)** se engajou em diversas áreas enquanto estudava na Universidade de São Petersburgo, entre elas, ciências biológicas, antropologia, etnografia e linguística. Em visita ao círculo de jovens biólogos do Laboratório Biológico P.F. Lesgaft<sup>3</sup>, na mesma cidade, Manizer conheceu jovens cientistas com os quais traçou as ideias iniciais para uma expedição à América do Sul. Foi um dos etnógrafos da expedição de 1914.

Filho de um engenheiro elétrico dinamarquês com cidadania russa, **Fyodor Arturovich Fielstrup (1889-1933)** nasceu em São Petersburgo e estudou nos departamentos de línguas orientais e romano-germânicas da faculdade de filologia e no departamento etnográfico da faculdade de história natural da Universidade de São Petersburgo, onde foi colega de Manizer. Foi um dos etnógrafos da expedição de 1914.

---

<sup>3</sup> Fundado pelo médico, anatomista e professor russo Pyotr Lesgaft (1837-1909), o laboratório que leva seu nome foi fundado em 1893, em São Petersburgo. A iniciativa era dependente de mecenato, tendo recebido recursos de figuras como o comerciante e filantropo Nikolai Meshkov (1851 – 1933) (SOBOLEVA, 2016).

**Ivan Dimitrievich Strelnikov (1887-1981)** era filho de um pastor da província de Tambov, foi professor de aldeia na sua região e, a partir de 1911, trabalhou como assistente no departamento de zoologia do Laboratório Biológico P.F. Lesgaft. Foi um dos zoólogos da expedição de 1914.

**Sergei Veniaminovich Geiman (1887-1975)** estudava no Instituto Psiconeurológico V.M. Bekhterev<sup>4</sup>, em São Petersburgo, e seus interesses gravitavam entre economia e etnografia. Cerca de um ano antes da expedição de 1914, Geiman já cultivava uma relação de parceria com o departamento etnográfico do Museu de Antropologia e Etnografia de São Petersburgo, para o qual integrou uma campanha para países orientais como Japão, Índia, entre outros.

**Nicolai Parfenevich Tanasiichuk (1890-1960)**, filho de um oficial militar não comissionado, nasceu em São Petersburgo, trabalhou em uma firma privada de seguros e posteriormente ingressou, em 1911, no departamento de ciências naturais da Universidade de São Petersburgo, onde se especializou em zoologia de invertebrados. Foi um dos zoólogos da expedição de 1914.

Os cinco jovens estudantes tiveram seu trabalho supervisionado pelo etnógrafo Lev Yakovlevich Shternberg (1861-1927) que, à época, chefiava o departamento etnográfico do Museu de Antropologia e Etnografia e viria a ser considerado um dos mais importantes nomes da história do museu e da etnografia russa. Quando se organizou a expedição de 1914, Shternberg já havia orientado o trabalho de outros discípulos e dava palestras em seu círculo de estudos geográficos no próprio museu, do qual faziam parte os etnógrafos Manizer e Fielstrup (KAN, 2003; Idem, 2009). A expedição dos estudantes russos rendeu uma expressiva quantidade de objetos de valor etnográfico, botânico e zoológico, além de amplo material manuscrito, entre diários, cartas, mapas e ensaios, dos quais alguns foram publicados e estarão listados ao final desta dissertação. As fontes originais referentes à expedição de 1914 se encontram no acervo documental do Museu de Antropologia e Etnografia de São Petersburgo, embora versões tenham chegado ao Brasil nos anos 90, acompanhando as cópias do material da campanha de Langsdorff para o projeto de pesquisas Langsdorff de Volta,

---

<sup>4</sup> Fundado em 1908 pelo prestigiado psicólogo e neurologista russo Wladimir Bechterew (1857-1927), o Instituto Psiconeurológico ficava no mesmo prédio que o Laboratório Biológico Lesgaft e também era sustentado por mecenato.

podendo ser atualmente encontradas no Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz e no Centro de Memória da Unicamp (HARDMAN e KURY, 2004)

O levantamento da bibliografia a respeito da expedição de 1914 nos revela a existência de um esforço recente, ligado aos arquivos do Museu de Antropologia e Etnografia de São Petersburgo, em resgatar, organizar e publicizar documentos da campanha e, também, algumas publicações, no idioma russo, com descrições do empreendimento em enfoques diferentes direcionados a seus membros (TAKSAMI, 2010; SOBOLEVA, 2016; Idem, 2018). Essas iniciativas se relacionam a trabalhos mais antigos também nesse sentido (LUKIN, 1964; KOMISSAROV e LUKIN, 1965; LUKIN, 1965; Idem, 1977). Um destaque para a dinâmica de recuperação dos caminhos da expedição se apresenta no filho do zoólogo Nicolai Tanasiichuk, o também zoólogo Vitalii Tanasiichuk (1928-2014), que publicou duas vezes com base nos documentos de seu pai (TANASIICHUK, 1961; Idem, 2001). Uma antologia publicada recentemente consiste em mais um esforço de divulgação das expedições russas ao continente às Américas e dedica um de seus capítulos à descrição da campanha de 1914 (BELOV et.al., 2014).

A busca por literatura sobre a expedição em outros idiomas nos permite apontar referências bastante restritas e limitadas a breves menções ao empreendimento russo. Especificamente no Brasil, a bibliografia, em si, evidencia a importante contribuição etnográfica do trabalho de Manizer, que foi o membro da expedição a permanecer por mais tempo no país. Manizer e seus estudos sobre os Kaingang do oeste paulista e os Botocudos da região do Rio Doce são mais citados do que a própria expedição que, quando muito, é apenas mencionada (SEKI, 1992; VEIGA, 1994; MATTOS, 1996; SILVA, 2003; RODRIGUES, 2007). Essa importante presença do pormenorizado trabalho de Manizer está associada à bibliografia indigenista brasileira que chega, inclusive, a considerá-lo “a maior autoridade no estudo da organização social Krenak” (MATTOS, 1996: 139). A revisão bibliográfica permitiu, ainda, a identificação do andamento recente de pesquisas conduzidas no âmbito do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas (UNICAMP) e concentradas no trabalho de Manizer com os Botocudos do Rio Doce, mais especificamente no precioso dicionário que escreveu sobre o idioma daqueles indígenas, cujos verbetes eram traduzidos para o russo e o português (PESSOA e SEKI, 2014).

A fim de delimitarmos o caminho metodológico pretendido na elaboração desta dissertação, podemos nos valer do ponto de apoio proporcionado por MAIA (2005: 203):

(...) aproxima Brasil e Rússia como sociedades em que a relação entre indivíduo e espaço seria marcada pela solidão e pela ausência de uma vida social orgânica. Nesses termos, a imagem da “terra” estaria vinculada não a uma “ontologia do novo”, mas a uma geografia desértica, típica de sociedades que entraram de maneira torta no moderno. (...) O interessante aqui é a aproximação com a Rússia, que sugere a percepção de uma condição periférica comum e abre espaço para uma espécie de sociologia política não reduzida aos limites do nosso “sertão” específico.

O fragmento acima destacado possibilita, em primeiro lugar, um complemento às discussões sobre a maneira como as trajetórias e padrões de desenvolvimento e organização social de Brasil e Rússia se relacionam, historicamente, com seus espaços. Em segundo lugar, chamamos a atenção para o ponto em que o autor propõe “uma condição periférica comum”, enquanto ele mesmo identifica o potencial de uma chave de investigação baseada nesse elemento. Reconhecer na condição periférica a oportunidade de se produzir abordagens sobre as particularidades históricas e epistemológicas desses contextos é, também, conferir relevância a narrativas locais em detrimento das tradicionais histórias da modernização europeia e sua disseminação pelo mundo. De maneira ampla, o tipo de tendência historiográfica à qual pretendemos inscrever este trabalho e que, recentemente, vem encadeando uma bibliografia fundamental e crítica à simplificação dos processos de difusão dos modelos e categorias científicas transmitidas pelos chamados centros europeus para as periferias do continente e no resto do mundo, encontra importante expressão de cooperação internacional na produção vinculada ao projeto denominado STEP:

*Science and Technology in the European Periphery* (STEP) é um grupo internacional de pesquisas focado no estudo de processos e modelos de circulação do conhecimento técnico e científico entre os centros Europeus e periferias, do século XVI ao XX. O STEP foi fundado em maio de 1999, em Barcelona, e reúne pesquisadores e professores universitários da Bélgica, Dinamarca, Grécia, Hungria, Itália, Portugal, Rússia, Espanha, Suécia e Turquia (BERTOMEU-SÁNCHEZ et. al., 2006: 657).

Ao longo de seu período de atividades, marcado por encontros bianuais, o espectro de intercâmbios acadêmicos do STEP passou a contar com a crescente contribuição de

pesquisadores de instituições em países localizados nas periferias não europeias, com parcerias que resultaram em importantes estudos para o conjunto das histórias científicas de continentes como Ásia e América Latina (GÜNERGUN E RAINA, 2011; SALDAÑA, 2013; CUKIERMAN, 2014;). Embora propostas relativas a essa nova perspectiva historiográfica já estivessem presentes anteriormente à sua fundação (CUETO, 1989), o STEP, representado por nomes como o do historiador turco Kostas Gavroglu (1947 - ), foi decisivo em contribuir para a composição de uma agenda substancial:

Kostas Gavroglu e seus colegas fizeram contribuições fundamentais para desafiar e revisar as visões tradicionais da ciência Europeia e sua disseminação. Eles mostraram, em particular, que mesmo dentro da Europa a ciência não simplesmente “se espalhou” do centro para a periferia, mas que os processos de globalização da ciência têm suas premissas em uma apropriação ativa do novo conhecimento, conduzindo a uma transformação de suas estruturas cognitivas e institucionais. Esses olhares abriram muitas novas perspectivas no estudo da história das ciências que, em realidade, vem se tornando, mais e mais, uma história do conhecimento (RENN, 2015: 242).

No que se refere, especificamente, a essa modalidade de contribuição para a historiografia russa, destacamos a publicação, em 2014, de um número especial do periódico *Centaurus* dedicado a novas abordagens para a história das ciências no país, trazendo estudos que englobam temáticas desde a ciência nas expedições da burocracia imperial do século XIX (LOSKUTOVA, 2014) até abordagens que fornecessem novos olhares sobre a relação russa com seus museus e coleções através de movimentos pela divulgação científica no Império (KRIVOSHEINA, 2014). Por meio dessas novas histórias locais das periferias europeias, é possível elevarmos nossa compreensão sobre traços particulares e determinantes de cada contexto e, conseqüentemente, como se deram suas respectivas trajetórias científicas e culturais.

No caso da Rússia, considerada um “porão da História”<sup>5</sup> por SEVCENKO (1996: 115), e em diálogo com as discussões privilegiadas por esta dissertação, veremos que a maneira específica como são articulados, cientificamente e politicamente, conceitos como identidade nacional se apresenta como exemplo importante dos traços distintivos que, até os dias atuais, marcam seus processos particulares de inserção no mundo globalizado (KOCHTCHEEVA, 2010). A mesma dinâmica poderá ser identificada na composição das estruturas propriamente brasileiras de mobilização das noções de indígena e civilização na arena de debates políticos e antropológicos sobre o tema da integração nacional (DOMINGUES E SÁ, 2003; BIGIO, 2007; KODAMA, 2009).

Por fim, trazemos a introdução para uma breve passagem pelo conteúdo a ser encontrado em cada um dos capítulos a seguir. No primeiro capítulo, partimos da discussão do momento institucional do Museu de Antropologia e Etnografia de São Petersburgo no início do século XX para chegarmos à compreensão das questões práticas de financiamento, objetivos e referências da expedição de 1914. O capítulo discute, então, os caminhos dos membros da expedição desde sua partida de São Petersburgo, passando por sua chegada à América do Sul, até o momento em que partem para Corumbá por via fluvial. Esse primeiro período de sua trajetória será discutido em suas variáveis de mudanças de planos, influências e apoios locais. Já no segundo capítulo discutiremos as circunstâncias envolvidas na divisão de rumos ocorrida após poucos dias da chegada à Corumbá. A partir desse ponto, serão discutidos os caminhos traçados pela dupla de zoólogos da expedição e a trajetória da parte etnográfica do empreendimento. O capítulo também discutirá a divisão ocorrida, posteriormente, entre os próprios etnógrafos e os caminhos separados de Geiman e Fielstrup. Durante o traçado dos rumos dos jovens russos, o capítulo versará sobre temas como as relações entre novos materiais coletados e as coleções já existentes nos museus. O terceiro e último capítulo nos apresenta ao trabalho solo de Genrikh Manizer no Brasil, que será a

---

<sup>5</sup> O autor justifica a expressão em sua afirmação de que, “em geral, há uma tendência de se minimizar a atuação histórica dos russos”, implicando em uma posição marginal ou periférica russa nas narrativas universais dos processos europeus. Ele apoia sua afirmativa em exemplos como o fato de, nas décadas iniciais do século XIX, ser o czar Alexandre I “o homem mais importante da Europa, o que pode parecer estranho”. Além disso, ele diz que “comumente entende-se que foram os ingleses que venceram Napoleão e não os russos, como de fato foram” e que entende-se que foram os americanos que venceram a Segunda Guerra Mundial e não os russos, como também de fato foram (SEVCENKO, 1996: 115, 116).

ocasião para a discussão das questões indígenas brasileiras e do contato do russo com as mesmas. Além disso, ele também será o gancho para a contribuição historiográfica deste trabalho, onde será apresentado um histórico das disputas de métodos e conceitos na formação da etnografia russa a fim de situar e sustentar uma análise das interpretações e conclusões etnográficas contidas nos trabalhos e anotações dos membros da expedição.



### **1.1 Radlov, Shternberg e o cenário de mudanças no Museu de Antropologia e Etnografia de São Petersburgo no início do século XX.**

Pensar sobre as motivações e demais circunstâncias que teriam levado o Museu de Antropologia e Etnografia (MAE) da Academia Russa de Ciências a organizar e participar do financiamento de uma expedição estudantil à América do Sul em 1914 se torna mais interessante ao levarmos em consideração a marcada tendência histórica das ciências russas e da burocracia czarista em organizar expedições com destinos que, apesar de possivelmente distantes, viam-se delimitados, ainda assim, por seus limites territoriais (MIRONOS, 2000; LOSKUTOVA, 2012; LOSKUTOVA, 2014). Uma vez que empreendimentos como expedições científicas são capazes de fornecer retratos dos objetivos, tendências e metodologias de seus organizadores e financiadores, a discussão sobre o porquê da viagem em questão e sua região de interesse deve compreender, portanto, deliberações acerca do momento institucional e dos personagens envolvidos, de forma a inseri-los em uma trajetória mais ampla.

Com o ajuste de lentes para essa perspectiva, é necessário que retornemos a análise para um ponto de referência: o ano de 1894, quando Vasili Radlov (1837 – 1918) recebeu a nomeação de diretor do MAE. Nas palavras de KORSUN (2012: 65), “com a sua chegada, foi marcado um novo período na história do museu. Radlov deu início a mudanças radicais na coleta, contabilização, armazenamento e registro das coleções; e nas atividades educativas, expositivas e científicas”. As reformas inauguradas sob a gestão de Radlov partiram da verificação do estado crítico de desorganização, degradação e obsolescência em que se encontravam as coleções do MAE. A busca de soluções para a situação do museu ganhou fôlego definitivo, sobretudo, a partir de 1901, com as deliberações tecidas em torno das comemorações do bicentenário da Academia Russa de Ciências, evento que demandaria a organização de uma nova exposição do MAE (KORSUN, 2012: 66).

Ainda em 1901, a entrada no MAE de Lev Shternberg, futuro orientador e principal correspondente de trabalho da expedição de 1914-1915 foi determinante para os esforços

empreendidos por Radlov, como grande parceiro no projeto de reestruturação do museu (KORSUN, 2012: 66). Entre os problemas constatados durante o processo de revisão e rearranjo de coleções para a exposição, destacamos aqui a situação dos materiais das Américas Central e do Sul como das piores observadas, tanto em quantidade de objetos representativos das culturas nativas das regiões como em organização e registro. Chegava-se à conclusão, portanto, de que o museu não precisaria apenas enviar novas expedições para a reposição de seus fundos, mas também e, principalmente, renovar sua visão sobre a museologia etnográfica através da experiência de outros países para, então, investir na qualificação de seu pessoal (KORSUN, 2012: 67).

Os problemas a serem enfrentados no MAE consistiam, dessa forma, além da reorganização das coleções e da obtenção de mais artefatos para compor fundos e exposições, a necessidade de renovação metodológica e profissional. Esses processos subjazem todo o trabalho no museu e se apresentam, essencialmente, já na seleção do tipo de material e na maneira como ele é registrado em sua chegada à instituição. O caminho para a resolução ou, pelo menos, melhora desse cenário dependeria, no entanto, da busca por novas relações dentro e fora do país, na forma de patronos para captação de recursos dos quais o MAE não dispunha no momento e parceiros em museus e outras instituições estrangeiras. Através de viagens para países como Alemanha e Estados Unidos e, também, por meio de grandes esforços burocráticos de Radlov na Rússia em nome de apoio ao MAE, o período de 1903 a 1916 representou grandes mudanças na perspectiva e postura do museu (KORSUN, 2012: 68).

Com Radlov e Shternberg à frente de um projeto que visava expandir os horizontes de visão e atuação do MAE, os resultados obtidos foram muito significativos, tanto do ponto de vista material, quanto ao considerarmos as lições tiradas da visita a outros museus e do convívio com expoentes da antropologia e etnografia internacional. A multiplicação de novas relações do MAE produziu um contingente de material etnográfico apreendido pelo museu no período que excedeu substancialmente qualquer outro momento de sua história. Intercâmbios importantes como os empreendidos entre Shternberg e o naturalista e filantropo Hermann Meyer (1871 – 1932), durante uma viagem de trabalho à Berlim e Leipzig em 1903, e os meses, em 1905, que o mesmo passou trabalhando como especialista na etnografia de povos da região do rio Amur para Franz Boas (1858 – 1942), então diretor da divisão etnográfica do

Museu de História Natural de Nova York, são exemplos de atividades que renderam avanços importantes para o MAE (KORSUN, 2012: 67; 68).

Esse movimento de expansão das relações e parcerias do MAE não se limitou ao cenário internacional, tendo sido acompanhado por ramificações internas fundamentais que tiveram como efeito principal um novo grau de integração entre instituições científicas russas e, também, entre elas e diversos dispositivos da logística nacional:

Graças à energia, persistência e atividades educacionais consistentes de V.V. Radlov na Academia Imperial de Ciências (IAH), foi possível chegar a acordos com os administradores das ferrovias russas, sistema de correios, alfândega e frota voluntária sobre incentivos para viagens de trabalho e transporte de cargas. Foi estabelecido um sistema para entrega de coleções vindas de todas as partes do mundo para o MAE, através de regras uniformes de pagamento. Essas normas também se estendiam a outras instituições da Academia de Ciências e funcionaram até meados da década de 20(SOBOLEVA, 2016: 48).

Além disso, o prestígio e credibilidade de Radlov foram fundamentais para a conquista de patronos para o museu e, também, para a obtenção de muitas adesões ao projeto idealizado por ele e o orientalista russo Sergei Oldenburg (1863 – 1934), que propunha a criação de um comitê internacional de estudos do leste e região central da Ásia. O Ministério de Assuntos Exteriores reconheceu o MAE como filial russa desse comitê, gerando um financiamento estatal anual essencial aos planos do museu (KORSUN, 2012: 68). O efeito mais interessante a ser notado, porém, evidencia o grau de isolamento em que a instituição se encontrava em relação a elementos básicos das redes de parcerias e demais dinâmicas que caracterizavam, naquele momento, os museus modernos da Europa Ocidental:

Em contato com a experiência de operações de troca entre museus da Europa, Radlov decidiu tomar um papel ativo nesses intercâmbios museológicos. O MAE deveria, assim, disponibilizar para troca aquelas coleções de que careciam os museus europeus. Coleções essas sobre povos da Rússia, principalmente, os da Sibéria. Uma complicação, entretanto, foi a constatação de que o MAE não possuía fundo de troca dessas coleções, sendo os povos da Rússia, em geral, muito mal representados em seus fundos. Por exemplo, as coleções sobre povos da Sibéria, em 1889, contabilizavam apenas 1223 itens. Era, portanto, uma necessidade urgente organizar expedições de coleta no interior do país. (KORSUN, 2012:70)

É importante notarmos que as dimensões alcançadas por esse movimento do MAE configuraram um momento de verdadeira reorientação que, embora impulsionada por demandas mais imediatas e superficiais, como a organização da nova exposição do museu para as comemorações de duzentos anos da Academia Russa de Ciências, tem sua origem enraizada na natureza das aspirações daqueles que a colocaram em prática. Nesse sentido, (KAN, 2009: 167) pontua categoricamente que tais mudanças ocorridas no MAE, a preocupação com o estado dos itens etnográficos das mais diversas sessões do museu e o ímpeto por inserção nos círculos de troca europeus, em busca de renovação metodológica e coleções para repor seus fundos têm sua base fundamental no “objetivo de Radlov e Shternberg de representarem a totalidade da população da Terra no museu”, visão que, em grande medida, vai de encontro à tradição etnográfica russa de interesse em materiais e interpretações mais voltadas para questões nacionais (KNIGHT, 1998).

No contexto desse novo olhar e das reformas levadas a cabo durante a gestão de Radlov, Shternberg esteve à frente do departamento de etnografia americana do MAE e foi o grande responsável pelas parcerias e contatos do museu com figuras proeminentes nesses estudos na América do Sul. Nas viagens que fez representando o MAE em países europeus, Shternberg não só visitou museus e instituições, mas também participou de eventos primordiais para as relações internacionais entre etnógrafos e antropólogos, dos quais destacamos os congressos de americanistas, onde conheceu personagens que viriam a ser decisivos para a consolidação de intercâmbios de trabalho importantes entre Rússia e América do Sul e, mais especificamente, para o andamento da expedição de estudantes em 1914 (KORSUN, 2012: 69).

Na ocasião de sua participação no XIV Congresso Internacional de Americanistas de 1904, em Stuttgart, Shternberg conheceu Samuel Lafone Quevedo (1835 – 1920), Robert Lehmann – Nitsche (1872 – 1938) e Juan Ambrosetti (1865 – 1917), nomes de destaque para as pesquisas etnográficas da Argentina e que representaram os primeiros passos nas relações de intercâmbio direto do MAE com museus da América do Sul (KORSUN, 2012: 69). Todos esses personagens seriam, mais tarde, de grande ajuda para os jovens expedicionários russos Manizer, Fielstrup, Geiman, Strelnikov e Tanasiichuk e serão, naturalmente, abordados novamente na sequência desta dissertação. Já na décima sexta edição do congresso, em 1908, Shternberg reencontrou Ambrosetti e, a partir dali, se tornaram correspondentes em uma

parceria consolidada (KORSUN, 2012: 71; 72). Como resultado, o MAE recebeu uma quantidade substancial de itens etnográficos sobre diferentes povos sul-americanos, na medida em que Ambrosetti, em contrapartida, adquiriu para o Museu Etnográfico da Faculdade de Filosofia e Filologia da Universidade Nacional de Buenos Aires, da qual era diretor desde 1904, coleções sobre a etnografia de povos da Rússia, pelos quais se interessava de longa data (LUKIN, 1965: 132).

## **1.2 A expedição, sua concepção, referências e organização inicial.**

Foi então que no círculo de jovens biólogos, grupo de discussões noturnas entre alunos do recente curso de ciências naturais do laboratório de biologia P.F Lesgaft de São Petersburgo, se concebeu a ideia de uma expedição russa à América do Sul, que seria enviada e supervisionada pelo reformulado MAE da segunda década do século XX. Dois dos que viriam a ser membros da campanha, os zoólogos Strelnikov e Tanasiichuk, eram estudantes do laboratório. Geiman, economista, antropólogo amador e, naquele momento, aluno ouvinte do Instituto Psiconeurológico de São Petersburgo, situado no mesmo prédio que o laboratório Lesgaft, juntou-se ao projeto, que ainda contaria com os estudantes de etnografia Fielstrup e Manizer. Os dois últimos eram alunos de Shternberg em seu círculo de estudos geográficos no MAE (SOBOLEVA, 2016: 49-51). A composição da campanha assumia, dessa forma, uma faceta dupla, levando em conta as áreas de estudo dos cinco jovens integrantes: uma expedição biológica e etnográfica.

Podemos entender, a partir dessas informações, que a importante ampliação do leque de contatos e parcerias que acompanhou a nova agenda teórico-metodológica do MAE no período tratado ilumina a compreensão a respeito da variedade de instituições que participaram do financiamento da expedição de 1914. Para além do próprio laboratório Lesgaft e do MAE, o Museu Zoológico da Academia Russa de Ciências, a Sociedade Antropológica Russa da Universidade de São Petersburgo e o departamento de antropologia física da Universidade de Moscou foram instituições nacionais envolvidas no patrocínio à campanha (BELOV et al., 2014: 265) ; SOBOLEVA, 2016: 53). Doadores individuais, como o etnógrafo Dimitri Anuchin (1843-1923), membro da Sociedade Geográfica Russa, e o inventor e industrialista Immanuel Nobel (1801-1872), também fizeram contribuições ao

projeto. Especificamente para os dois biólogos da expedição, houve, ainda, um complemento fornecido por Nikolai Meshkov, comerciante e filantropo que já apoiava os cursos do laboratório Lesgaft. A participação, por outro lado, de agentes estrangeiros, como o Museu Etnográfico da Universidade de Buenos Aires, já sugeria os efeitos das novas abordagens iniciadas com a administração de Radlov no MAE (SOBOLEVA, 2016: 53; 54).

No entanto, é importante destacar que, apesar do número de financiadores, a expedição de 1914-1915 contou com recursos muito modestos que representaram, em diversos momentos da viagem, um importante desafio para seus cinco membros. Sobre a curiosa relação entre o número de instituições financiadoras e o montante fornecido, o próprio Manizer aponta a natureza da expedição como principal motivo, ao dizer que ela foi organizada “como se organizam todas as excursões estudantis na Rússia: com simpatia moral geral e muito pouco dinheiro”<sup>6</sup>. Para que possamos ter uma ideia mais clara da situação exposta por Manizer, a expedição precisou contar, ainda, com a contribuição pessoal de 300 rublos dos recursos de cada um dos próprios membros (SOBOLEVA, 2016: 53).

Algumas outras informações devem ser indicadas para que seja possível complementar nosso entendimento da questão do financiamento. Na correspondência mantida entre Fielstrup e seu irmão Emil Arturovich Fielstrup, o primeiro fala, em uma de suas primeiras cartas, de alguns dos financiadores e destaca o Jardim Botânico de Batumi, na atual Geórgia, como patrocinador da parte da viagem em que dois deles deveriam ir ao Chile para coleta de exemplares florísticos<sup>7</sup>. Porém, uma das cartas posteriormente escritas por Manizer para atualizar Shternberg sobre o período que os membros da expedição passavam em Buenos Aires menciona o fato de que, até aquele momento, eles ainda não haviam recebido o dinheiro do referido Jardim Botânico para o trabalho no Chile<sup>8</sup>.

Dessa forma e por mais que, na mesma carta, Manizer afirmasse que esse dinheiro não estava nos cálculos iniciais da expedição, aquele era um elemento gerador de incerteza, tanto sobre uma parte da viagem, quanto em relação ao total de recursos de que teriam à sua disposição mais adiante. Exemplo similar foi encontrado ainda nas cartas de Fielstrup ao irmão, nas quais fala da expectativa do grupo quanto ao recebimento de um subsídio, por

---

<sup>6</sup> Manizer, 1917: 620.

<sup>7</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 28 de março de 1914.

<sup>8</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914.

parte do Museu Etnográfico de Hamburgo, para os custos da parte transatlântica da viagem de Southampton, na Inglaterra, a Buenos Aires. Ao que parece, no entanto, esse financiamento extra não foi concedido, uma vez que os cinco russos acabaram fazendo o trajeto da forma mais barata possível<sup>9</sup>. Pode-se dizer, então, que se somava ao problema de uma expedição estudantil mal valorizada financeiramente a característica de dispersão das fontes desses poucos recursos entre variadas instituições e indivíduos, o que facilitava o surgimento de problemas imprevistos por parte de algum dos financiadores. Vale indicar que essa realidade não era muito diferente das tendências gerais de dificuldades financeiras encontradas por viajantes quando falamos em expedições científicas.

Na já mencionada carta de Manizer a Shternberg observamos ainda mais um elemento que vale ser discutido. De acordo com o que foi escrito no documento, uma carta havia chegado a Buenos Aires, endereçada a Fielstrup, na qual a direção de um determinado museu russo se desculpa pelo contato tardio e oferece uma quantia em dinheiro para custos de viagem. É interessante, nesse sentido, notar que o referido museu justifica seu atraso declarando que “não havia pensado em tomar o empreendimento por oficial”<sup>10</sup>, o que nos permite indicar a ligação direta dessa falta de credibilidade com a condição de expedição estudantil. A questão da credibilidade acabou por configurar um problema central para a captação dos recursos, uma vez que até mesmo Radlov chegara a ser cético quanto às perspectivas científicas de uma expedição com cinco jovens para a América do Sul (SOBOLEVA, 2016: 54). Por fim, podemos abordar uma última variável que, embora não seja claramente ligada, nas fontes ou na literatura, aos problemas de financiamento da expedição de 1914, pode ter tido, em algum momento, sua participação na composição desse cenário.

Alguns anos antes de sua entrada para o corpo de funcionários do MAE em 1901, Shternberg, quando ainda estudante, havia sido enviado ao exílio político na remota ilha Sakhalin, na periferia leste do império, onde permaneceu de 1889 a 1897 por sua participação na organização revolucionária “Narodnaya Volya” (“Voz Popular”) (KAN, 2003: 27; KORSUN, 2012: 65). Além de opositor revolucionário do regime czarista, Shternberg acumulava a condição de judeu e militante da causa desse povo que, ao lado dos poloneses,

---

<sup>9</sup> Ao longo da investigação das fontes, não foram encontradas novas menções ao Museu de Hamburgo ou a um acordo específico com o mesmo.

<sup>10</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914, p.3.

representava a maior parcela da comunidade não russa exilada e era historicamente afetado por restrições impostas pelo império. Entre essas restrições, o fato de judeus terem sido proibidos, até 1917, de ensinar em universidades russas, a não ser que se convertessem ao cristianismo, afetou diretamente o trabalho de Shternberg, obrigando-o a transmitir suas ideias e experiência através de círculos informais nos salões e corredores do MAE (KAN, 2003: 29). Tendo sido uma das principais figuras à frente da instrução e apoio à expedição de 1914, seu histórico e religião podem ter afetado negativamente alguns olhares e, conseqüentemente, inclinações potenciais de financiamento do empreendimento.

Retomando, mais uma vez, as considerações sobre a natureza da expedição, é fundamental reforçar o componente de incerteza associado a uma viagem estudantil dessas proporções. Nesse sentido e considerando-se a necessidade de um amparo básico ao projeto, o suporte fornecido à campanha, em alguns casos, não se restringiu a quantias em dinheiro, como foi o caso do próprio MAE, que assumiu um papel central na preparação e instrução dos cinco participantes. Nas variadas formas de contato científico e pedagógico que tecia com os alunos de suas lições, palestras, círculos de discussão e, também, no caso da expedição de 1914, Shternberg transmitiu ideias e métodos provenientes da grande experiência que acumulou em seus anos de exílio, durante os quais realizou pesquisas etnográficas junto aos Gilyaks e Nivkhs, povos indígenas locais (KAN, 2003: 27; KORSUN, 2012: 65; SOBOLEVA, 2016: 53) . Instituições como o Museu Zoológico da Academia de Ciências, por sua vez, supriram a expedição com instrumentos para o desenvolvimento do trabalho<sup>11</sup> .

Alguma experiência, no entanto, já podia ser identificada nas trajetórias de alguns dos próprios estudantes que fizeram parte da composição da expedição e foi fundamental para o trabalho do grupo. Sergei Geiman, por exemplo, já nutria relações com o MAE, a serviço do qual havia sido enviado em uma expedição estudantil, também apoiada e instruída por Shternberg, para coleta de material etnográfico na China, Índia, ilha de Java, Nova Guiné e Japão, em 1913 (SOBOLEVA, 2016: 48; 49). Fyodor Fielstrup, por sua vez, acumulava interessantes experiências como intérprete, tendo acompanhado a viagem do botânico americano Gerrit Smith Miller (1869 – 1956) ao Cáucaso, em 1912 e, em 1913, a expedição

---

<sup>11</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 28 de março de 1914, p.2.



de Aleš Hrdlička (1869 – 1943), curador do Museu Nacional de Washington, à Sibéria e Mongólia (SOBOLEVA, 2016: 51).

A partir das deliberações originais dos cinco participantes acerca da região a ser escolhida para as pesquisas da expedição de 1914, a primeira ideia considerava a viagem à região do rio Orinoco, na Venezuela, inspirados pelas impressões e pelo trabalho da campanha de Alexander von Humboldt (1769 – 1859), entre 1799 e 1804 (SOBOLEVA, 2016: 51). O plano foi, porém, logo deixado de lado. Na correspondência com seu irmão Emil, Fielstrup atribui as razões para tal desistência às dificuldades que encontrariam, considerando o tempo e os recursos de que dispunham diante do cenário de grande instabilidade e forte oposição revolucionária aos governos militares venezuelanos instaurados em fins do século XIX:

Nossos recursos de trabalho e o curto tempo à nossa disposição fizeram com que os “adultos” no Museu nos dissuassem de ir àquele país; a Argentina parece oferecer maiores vantagens no que toca os modos de viajar. Além de tudo, estando o governo venezuelano em um de seus surtos revolucionários no presente, um explorador que havia sido enviado pelo Museu Etnográfico de Washington teve de retornar após vãs tentativas de obter permissão das autoridades para viajar para o interior: as portas da Venezuela foram fechadas na cara dele<sup>12</sup>.

O fragmento acima nos permite chamar a atenção para dois pontos muito importantes relacionados a todo o processo de preparação da expedição. Em primeiro lugar, a referência feita ao “Museu”, no caso o MAE, e sua capacidade de convencer ou dissuadir Fielstrup e os demais de alguma parte de seu plano demonstra a proximidade do diálogo estabelecido entre os estudantes e essa instituição, além de reforçar a grande influência da experiência e posição de Radlov e Shternberg, conferindo autoridade e poder de decisão às suas opiniões e recomendações. O outro destaque a ser feito se refere aos critérios envolvidos na escolha do destino da expedição, que, naturalmente, passam pela consideração dos recursos e do tempo disposto para o trabalho, em face das circunstâncias locais a serem encontradas. A especificidade das regiões analisadas, no entanto, deve estar associada a algum fator que justifique esse interesse. No caso da expedição de 1914, a literatura sobre viagens científicas

---

<sup>12</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 28 de março de 1914, p.1.

precursoras e coleções ligadas a elas foram determinantes para sua concepção, organização e execução, como será mostrado ao longo desta dissertação.

A referência à expedição de Humboldt demonstra que foi esse o caso para que se chegasse à ideia original e não foi diferente quando se chegou à decisão de tomar a região chaquenha do rio Pilcomayo, na fronteira da Argentina com o Paraguai, como destino definitivo da expedição (BELOV et al, 2014: 264). A referida região argentina e suas fronteiras com Brasil, Bolívia e Paraguai já haviam sido áreas de atuação do botânico tcheco Albert Vojtech Fric, que, no período entre 1901 e 1912 esteve em quatro expedições no continente, onde coletou vasto material de cunho botânico e etnográfico, que vendeu a diversos museus europeus. A última das expedições de Fric se deu entre 1909 e 1912 e foi integralmente financiada pelo MAE, através do contato e parceria com Shternberg na ocasião do XVI Congresso Internacional de Americanistas em Viena, em 1908. O MAE dispunha, portanto, de uma coleção resultante do trabalho de Fric (KORSUN, 2012: 72;73). Além da ideia básica que esse material fornecia acerca de parte das riquezas da região, as relações que Shternberg cultivava com nomes da etnografia argentina, como Juan Ambrosetti, foram cruciais para a obtenção de informações e literatura sobre o que havia a ser explorado.

Uma observação fundamental ainda deve ser feita com relação à questão das referências para a organização da expedição de 1914. Com todos os pontos levantados até aqui, é notável a ausência de qualquer menção à expedição de Langsdorff e seu grupo pelo Brasil dos anos 1820, que lembramos ser atualmente referida como a primeira viagem científica russa na América do Sul. Um olhar direcionado à bibliografia revela que, de fato, essa problemática é abordada, com a indicação de que parte das fontes e coleções do empreendimento de Langsdorff havia sido perdida e outra parte ficara por muito tempo esquecida em repositórios arquivísticos e museus russos. A literatura mais recente sobre a viagem de Langsdorff se deve à redescoberta, feita por pesquisadores russos por volta de 1930, dos passos da expedição (KOMISSAROV, 1994; HARDMAN e KURY, 2004). O zoólogo Ivan Strelnikov, membro da expedição russa de 1914, atestaria esses processos no trabalho que escreveu sobre Langsdorff, apresentado na ocasião do XXIII Congresso Internacional de Americanistas de 1928, em Nova York<sup>13</sup>. É importante apontar que, antes de

---

<sup>13</sup> Strelnikov, 1928a, p.751.

Strelnikov, o etnógrafo Manizer, também membro da expedição de 1914, havia produzido um estudo sobre a viagem de seu predecessor no século XIX<sup>14</sup>.

Uma vez definida a região de interesse para o trabalho dos estudantes, a expedição contou, ainda, com uma variedade de contatos locais como outra forma fundamental de suporte por parte de alguns de seus apoiadores. Além dos já mencionados Juan Ambrosetti, Samuel Lafone Quevedo e Robert Lehmann – Nitsche, contatos fornecidos pelo próprio Shternberg, Fielstrup fala em cerca de dez cartas de recomendação, fornecidas por figuras como o geólogo Oleg Baklund (1878-1958) e o arqueólogo, presidente da Sociedade Antropológica Russa e professor da Universidade de São Petersburgo Fyodor Volkov (1847-1918), para colegas cientistas na Argentina. Outro contato fundamental foi travado com o sacerdote Konstantin Izrastsov, que vivia em Buenos Aires há vinte e três anos como abade enviado pela Igreja Ortodoxa da Rússia e prometeu recebê-los e apresentar-lhes a pessoas importantes. Por fim, é importante destacar que o próprio Fielstrup conhecia o cônsul russo na capital argentina, que havia sido um colega veterano do departamento romano-germânico da faculdade de filologia da Universidade de São Petersburgo<sup>15</sup>.

Para a obtenção de seus documentos de viagem e certificados de adiamento de recrutamento militar, o grupo contou novamente com o auxílio dos serviços e contatos burocráticos de Radlov (SOBOLEVA, 2016: 52). De acordo com o plano da expedição, comunicado por Fielstrup em uma de suas cartas ao irmão, a partida dos membros da expedição foi fixada para o dia 8 de abril de 1914, com chegada a Buenos Aires projetada para meados de maio e previsão de retorno à Rússia em outubro ou novembro daquele ano<sup>16</sup>. Ainda em sua correspondência e sobre as atribuições conferidas aos membros da expedição, Fielstrup comenta que cada um deles teria “mais ou menos sua especialidade”<sup>17</sup>.

Nesse aspecto, Fyodor Fielstrup, amante da literatura e das letras, era o que melhor dominava línguas e dividia com Manizer o posto de “diplomatas” no que eles chamavam de “ala linguística” do grupo. Genrikh Manizer, pela ligação de família que carregava em

---

<sup>14</sup> O trabalho de Manizer sobre Langsdorff (Manizer, 1948), embora escrito logo após seu retorno da expedição de 1914, foi publicado apenas cerca de três décadas depois e postumamente, dada a precoce morte do etnógrafo russo, em 1917, por tifo exantemático, quando prestava serviço militar voluntário na Primeira Guerra Mundial no front romeno.

<sup>15</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, abril de 1914.

<sup>16</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, abril de 1914.

<sup>17</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 28 de março de 1914, p.1.

relação às artes plásticas, também seria o mais próximo de um artista. Nikolai Tanasiichuk, respondendo pela alcunha de “Paganel<sup>18</sup> da expedição” era o retrato do naturalista disperso, sempre mexendo “com sua espingarda e tubos de ensaio” A Ivan Strelnikov era atribuída a função de “médico” ou “enfermeiro” da campanha, enquanto Sergei Geiman, por sua experiência em viagens de campo ao exterior, “era o propagandista ou secretário da expedição, o que era ainda facilitado por seu jeito para os negócios e proximidade com o jornalismo e o comércio”<sup>19</sup>.

Apesar dos cinco terem esboçado, dessa forma, uma divisão de tarefas para a expedição, todos eles tinham perfeita noção de que estavam muito distantes do ideal da configuração tradicional desse tipo de campanha científica e conscientes dos limites, fragilidades e incertezas que a sua situação impunha. Toda a racionalidade associada às considerações que eles tinham sobre esses problemas encontrava, entretanto, forte paralelo na composição de um imaginário idealizador, que havia sido o ponto de partida para toda a movimentação que, enfim, levou os jovens russos a um continente tão distante:

Nós não tínhamos preparadores, artistas, nem fotógrafos e isso limitou a quantidade de material coletado. Mas, para nós, as coleções eram o que menos interessava. O que, de fato, nos atraiu foi o conhecimento e observar a vida da natureza e a vida dos indígenas. Viver junto aos índios (LUKIN, 1977: 161).

A forma com que se dá a expressão do desejo por viver e apreender ambientes e realidades que se colocavam como estímulos inteiramente novos para a experiência cotidiana dos membros da expedição nos permite destacar uma propriedade muito interessante, no que se refere aos objetivos estabelecidos pela campanha. Como o fragmento citado acima nos mostra de forma clara, a expedição havia sido enviada, formalmente, com o propósito de reunir material de valor etnográfico, florístico e faunístico, para a composição ou complementação de coleções nas instituições que a subsidiavam de alguma forma. No entanto, vale reforçar a natureza estudantil, ao invés de “profissional”, de uma expedição cuja ideia original havia nascido não em um museu, mas em um curso de ciências naturais em um

---

<sup>18</sup> Referência a Jacques Eliacin François Marie Paganel, um dos personagens principais da obra do escritor francês Júlio Verne intitulada, na tradução brasileira, “As grandes aventuras do Capitão Grant”, publicado pela primeira vez em 1868. O Paganel de Verne é descrito como o estereótipo do cientista distraído ou disperso. A menção feita, por Manizer, a um personagem de Verne é indicativo da grande popularidade da obra do escritor na Rússia da segunda metade do século XIX e início do XX (STITES, 1989).

<sup>19</sup> Manizer, 1916a.

laboratório de pequeno porte, portanto dependente de todo e qualquer tipo de suporte que pessoas e instituições pudessem fornecer.

Apesar de, tradicionalmente, podermos considerar a figura do naturalista no campo como representante da instituição que o enviou, configura-se para a expedição russa de 1914 um quadro no qual se delimita aquilo que era de interesse do MAE e dos outros apoiadores como algo apartado do que era o objetivo de partida do grupo que a concebeu. Dessa forma, os objetivos dos financiadores da viagem funcionaram como pontes ou meios para que Fielstrup, Manizer, Strelnikov, Geiman e Tanasiichuk pudessem chegar a seus próprios e verdadeiros fins. Embora separados, os objetivos se relacionavam no contexto da necessidade: se comprometer com interesses que não eram, por definição, dos membros da expedição significava o comprometimento com a viabilidade de suas próprias aspirações. Os anseios dos cinco estudantes não estavam direcionados a coletar exemplares para museus, mas eles tiveram que fazê-lo.

### **1.3 De São Petersburgo a Buenos Aires**

As medidas de economia da expedição já começaram no dia 8 de abril, quando o grupo partiu de São Petersburgo, com parada em Liepāja, na atual Letônia, portando bilhetes de terceira classe para o navio que os levaria a Londres. Apesar da modalidade de suas passagens, os cinco foram autorizados a viajar na primeira classe por quatro dias, enquanto ainda havia poucos passageiros a bordo (SOBOLEVA, 2016: 56). Em sua passagem pela Alemanha, Fielstrup chama a atenção para a intensa movimentação de bombardeiros, para os quais deram passagem no Kaiser-Wilhelm-Kanal, tendo avistado os mesmos novamente no Mar do Norte<sup>20</sup>. As impressões foram semelhantes quando o grupo chegou a Londres e Strelnikov registrou, em seu diário, o conteúdo de diversas mensagens de convocação militar, dando uma perspectiva das tensas dinâmicas dos meses que antecederiam o que viria a ser o início oficial da Primeira Guerra Mundial<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Cartas de Fielstrup a Emil Fielstrup, 25 de abril; 27 de abril de 1914.

<sup>21</sup> Diário de Strelnikov, abril de 1914, p.53.

Londres foi, para os membros da expedição, a última parada de equipagem antes da viagem, onde compraram alguns utensílios de que ainda não dispunham, como cadernos para compor diários e “produtos para troca com os índios”<sup>22</sup>. A partir da capital inglesa eles se deslocaram, então, para a cidade portuária de Southampton, na costa sul do Reino Unido, onde embarcaram, no dia 1 de maio, na terceira classe do navio Arlanza, que faria o trajeto transoceânico para a América do Sul. O caminho ainda previa, antes da parte oceânica, breves paradas em Lisboa e, também, na Espanha. Até então, os registros dos estudantes sobre os passos da viagem se mantinham dentro de um horizonte mais conhecido de cidades, paisagens e sociedades europeias, que já faziam parte das experiências pessoais de, pelo menos, alguns deles, como Strelnikov, que já havia trabalhado, em 1910, na costa mediterrânea da França e na Alemanha, além de, em 1913, no laboratório do zoólogo e imunologista russo Ilya Mechnikov (1845-1916) no Instituto Pasteur, em Paris (SOBOLEVA, 2016: 50).

É possível, no entanto, notar mudanças importantes em elementos da escrita dos membros da campanha já em seus últimos dias em solo europeu. Características essas mais claras na medida em que o grupo se aproximava de seu destino. A escrita do período final na Europa já trai, em seu tom, o grau de expectativa e ansiedade que tomava os cinco jovens que estavam a ponto de mergulhar definitivamente na aventura que buscavam desde que a ideia da expedição havia sido concebida em São Petersburgo. Enquanto ainda percorriam distâncias no Velho Mundo, não lhes havia ocorrido, definitivamente, os contornos reais e práticos que seus desejos tomariam. O Arlanza e o afastamento da Europa eram, simbolicamente, esse divisor de águas, que se torna ainda mais interessante ao notarmos outro aspecto novo que surge em seus relatos, com a aproximação do continente americano. O conteúdo das cartas e diários que datam de suas paradas no continente europeu não apresenta descrições físicas de paisagens, habitantes e vegetação, enquanto configuram uma das principais marcas da escrita feita já nos locais por onde passaram antes da chegada a Buenos Aires.

Quando tomamos os registros dos dias que os membros da expedição tiveram em locais ao longo do caminho do Arlanza, percebemos facilmente a profusão de adjetivos bem selecionados nesses textos, denotando uma marcada linguagem quase poética, especialmente

---

<sup>22</sup> Carta de Strelnikov a Sergei Strelnikov (filho), 3 de maio de 1914, p.1.

na escrita de Fielstrup, Manizer e Strelnikov, que nos fornece um quadro dos sentimentos ligados ao que os cinco russos esperavam e em relação ao que foram encontrando em suas passagens por Funchal (Ilha da Madeira), Ilhas Canárias, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos e Montevideo. Nesse sentido, é notável a palpabilidade do imaginário de deslumbramento, curiosidade e idealização das belezas naturais dos trópicos, expressas em suas cores luminosas, florestas luxuriantes e nos “caprichos exóticos” da vida nesses lugares, que prometiam, inclusive, a possibilidade de “experimentar a felicidade completa”<sup>23</sup>, como o estado verdadeiro e puro desse sentimento.

Em uma das cartas que escreveu para seu filho Sergei, Strelnikov chega a empreender o esforço de tentar entender, a partir da afirmação de nunca ter tido uma infância, o fato de somente naquele momento e naquela viagem estar “se sentindo realmente bem”<sup>24</sup>. Em associação a essas deliberações, vale destacar que Strelnikov era, dos membros da expedição, o único de origem camponesa (BELOV et al., 2014: 280; 281 ; SOBOLEVA, 2016: 50), o que permite um olhar superficial ou referência não apenas sobre dificuldades pessoais do mesmo, mas também sobre as condições históricas de atraso e abandono da população rural russa proporcionadas pela sucessão de governos czaristas ao longo dos séculos (BEER, 2008; KNIGHT, 1998). Na mesma carta, escrita ainda na Europa, Strelnikov expressa para o filho o que mais o instiga na ideia da viagem: “Eu tenho a consciência de que não devo encontrar nada de especialmente novo lá. O que mais me seduz, na realidade, é o pensamento na ideia do distante”<sup>25</sup>.

Nessa passagem, é importante também chamar a atenção para o momento em que ele fala na certeza de não encontrar algo realmente novo no destino de sua viagem. Podemos relacionar esse ponto e, da mesma forma, a própria natureza da expedição de 1914 enquanto campanha do início do século XX ao que é disposto por Cândido de Mello Leitão:

As expedições científicas para o estudo dos nossos selvícolas, durante o presente século, se sucedem quase todos os anos. Não são mais aquelas curtas estadias de semanas, dos que vinham desbravar um terreno totalmente desconhecido, e se

---

<sup>23</sup> Carta de Strelnikov a Sergei Strelnikov(filho), 3 de maio de 1914, p.4.

<sup>24</sup> Carta de Strelnikov a Sergei Strelnikov, 3 de maio de 1914, p.5.

<sup>25</sup> Carta de Strelnikov a Sergei Strelnikov, 3 de maio de 1914, p.4.

podiam contentar com os dados que aqueles breves contatos lhes forneciam. Os roteiros estavam conhecidos e, por isso mesmo, os que vinham de longínquas terras traziam um programa bem estabelecido: - Verificar as observações dos seus antecessores, corrigi-las ou dilatá-las – e tal desígnio exigia uma demora mais longa para um exame mais metucioso, a necessidade de uma comunhão mais íntima com esses homens de uma cultura diferente, almas que, como as actínias, só se expandem completamente na água tranquila e mansa de uma confiança absoluta e sem receios (LEITÃO, 1941: 327; 328).

Se tomarmos como complemento para essa relação o que foi previamente disposto sobre as bases fornecidas pela literatura para a expedição de 1914, além dos objetivos dos museus financiadores, podemos considerar a campanha e seu objeto formal dentro dos limites que, segundo o fragmento supracitado, delimitam as características desse tipo de empreendimento científico entre fins do século XIX e início do XX. Dessa forma, apesar de Strelnikov não considerar encontrar novidades reais em seu destino, podemos identificar uma dimensão do inédito, se não no campo do trabalho etnográfico, nas experiências e impressões pessoais dele e dos demais membros da expedição. Em outras palavras, os cinco estudantes russos se encontravam desempenhando uma atividade com inserção em uma tendência mais ampla e relacionada, sobretudo, aos objetivos diretos das instituições que os financiavam e aos campos científicos aos quais estavam vinculados, enquanto expressavam, na escrita romântica e ansiosa típica dos exploradores de séculos anteriores, onde estava a novidade da expedição.

No que diz respeito ao percurso do Arlanza entre a Europa e Buenos Aires, podem ser feitos alguns destaques relevantes. Esse é o caso, por exemplo, das horas diárias de aulas de espanhol que os cinco russos tiveram com um passageiro argentino no caminho<sup>26</sup>. Ainda com relação à questão dos idiomas locais, é importante lembrar a relação que Manizer e, principalmente Fielstrup já tinham com diferentes línguas. Enquanto Fielstrup guardava noções de francês, italiano, alemão, inglês e do próprio espanhol, Manizer era o único que sabia, naquele momento, alguma coisa de português, o que teve sua importância nas paradas feitas pelo navio em Pernambuco, Rio de Janeiro e Santos<sup>27</sup>. Ainda que, entre eles, o russo continuasse a ser o idioma utilizado, inclusive pelo fato de Geiman e Strelnikov não falarem

---

<sup>26</sup> Diário de Manizer no navio Arlanza, maio de 1914 p.4.

<sup>27</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, maio de 1914.



outro idioma, Manizer afirma que os passageiros, em geral, aproveitaram as circunstâncias da viagem de navio para aprender os idiomas uns dos outros<sup>28</sup>.

As circunstâncias de viagem mencionadas por Manizer se traduzem na convivência diária entre os passageiros das diferentes classes a bordo do Arlanza, que produziu intercâmbios interessantes. Além do argentino que lhes deu aulas de espanhol, Manizer e os demais puderam ter lições de música com a esposa dele<sup>29</sup>. Entre passageiros e tripulação, os cinco estudantes também conheceram compatriotas, como Krasnoff, um ex-oficial que viajava na segunda classe, cidadão brasileiro há décadas e dono de um hotel em Curitiba<sup>30</sup>. Outro russo a bordo era o inspetor da terceira classe do Arlanza que, segundo Manizer, havia se aproximado muito do grupo durante a viagem e regressaria à Rússia depois de completado o trajeto<sup>31</sup>. O período que passaram embarcados, o convívio com os demais passageiros e as paradas no caminho também ofereceram oportunidades de observação para os membros da expedição. É notável, nesse sentido, o fascínio de seus relatos sobre as diferenças de fenômenos meteorológicos nos trópicos em relação a seus correspondentes no hemisfério norte<sup>32</sup>.

A partir do foco dos registros de Manizer e Fielstrup, fica patente o olhar do etnógrafo em ação, por exemplo, nas descrições da heterogeneidade de nacionalidades no navio, com interesse sobre práticas e preferências dos diferentes grupos<sup>33</sup>. Também objeto desse interesse foram os padrões de comportamento na movimentação de vendedores nos portos onde atracaram desde Funchal, com destaques para a forma como falavam, o que vendiam, vestes e utensílios<sup>34</sup>. Sobre as paradas no Brasil, inclusive, Manizer demonstra espanto com a “quantidade e tipos de negros” em Pernambuco e, principalmente, no Rio de Janeiro<sup>35</sup>. Na saída do porto de Santos, ele registrou ter visto algumas canoas, que reconheceu como “real herança indígena”<sup>36</sup>. Outro momento alvo das observações dos etnógrafos foi a passagem do Arlanza pela Linha do Equador e as variadas manifestações dos passageiros frente à mudança

---

<sup>28</sup> Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.2.

<sup>29</sup> Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.4.

<sup>30</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, maio de 1914; Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.5.

<sup>31</sup> Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.5.

<sup>32</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, maio de 1914; Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.2.

<sup>33</sup> Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.3.

<sup>34</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, maio de 1914; Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.6.

<sup>35</sup> Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.6.

<sup>36</sup> Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.10.

de hemisfério. Nesse sentido, Manizer fala de uma grande festa ligada a portugueses e espanhóis na segunda classe e do medo supersticioso de uma mulher que acreditava haver, na Linha do Equador, uma força que a empurraria para fora do barco<sup>37</sup>.

Outro ponto a ser posto em relevo se refere à busca do grupo pela visita a museus com material etnográfico, antropológico e de história natural ao longo do trajeto, já desde a Europa. O interesse demonstrado pelas coleções de instituições como o Museu de História Natural de Londres, o Museu da Quinta Imperial e o Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, além de museus em Buenos Aires e La Plata, na Argentina, teve um de seus focos principais na observação da forma como os acervos eram organizados e o que representavam. Da visita ao Museu de História Natural de Londres, Manizer considera curiosa a não separação, no local, das coleções botânicas das zoológicas e outras<sup>38</sup>. Após conhecerem o jardim zoológico de Buenos Aires, Manizer afirmou que o mesmo “não representava a América”, mas contava com muitas espécies argentinas<sup>39</sup>.

Ao considerarem as coleções etnográficas e antropológicas desses lugares, tanto em número quanto em variedade, suas avaliações costumavam tomar o próprio MAE, em São Petersburgo, como ponto de referência, sempre com olhares ajustados especialmente para coleções sobre a vida de povos indígenas<sup>40</sup>. Apesar de essa postura poder ser tomada por comum para as tendências dos círculos científicos europeus naquele momento, analisa-la sob a ótica russa permite-nos ressaltar o caminho particular das ciências e suas inclinações nesse país, com destaque para a etnografia, desde sua institucionalização, em 1845, no seio da Sociedade Geográfica Russa fomentando uma tradição fortemente política e muito voltada para as questões internas de compreensão da formação de sua nacionalidade e valorização da mesma, através da figura do camponês e suas práticas. A oposição da classe científica à tirania dos czares e a apologia à emancipação dos camponeses do regime de servidão deram a tônica dos estudos etnográficos na segunda metade do século XIX (KNIGHT, 1998).

---

<sup>37</sup> Diário de Manizer no Arlanza, maio de 1914 p.5.

<sup>38</sup> Diário de Manizer, abril de 1914 p.2

<sup>39</sup> Diário de Manizer, 22 de maio de 1914 p.12

<sup>40</sup> Diário de Manizer, 24 de maio de 1914 p.15

O interesse direcionado a museus pode ser vinculado, de forma ampla, a dois momentos distintos dessa trajetória. Nas décadas que se seguiram à conquista da emancipação com a Grande Reforma de 1861, figuras como o zoólogo Anatolii Bogdanov (1834-1896) estiveram à frente de esforços que, através da produção de exposições e palestras públicas em museus, buscaram um movimento de divulgação para aproximar o conhecimento científico e a população leiga (HACHTEN, 2002; KRIVOSHEINA, 2014). Para tanto, o próprio Bogdanov, por exemplo, defendeu investimentos e reestruturação dos museus, a partir dos modelos com os quais havia entrado em contato na Europa ocidental em viagens durante sua formação acadêmica (KRIVOSHEINA, 2014: 277; 278). Começava a ganhar terreno o olhar observador da ciência russa para as instituições científicas estrangeiras, fazendo-a iniciar um processo de transposição de seus horizontes territoriais e disciplinares. Já no início do século XX, a exposição de 1914 se inseria em um segundo impulso na direção dos intercâmbios russos com modelos científicos europeus, ainda com os museus como unidades fundamentais no processo que, agora, se baseava também em uma visão mais cosmopolita sobre composição de coleções, bem representada por Vasili Radlov e Lev Shternberg (KORSUN, 2012; SOBOLEVA, 2016). Com esse lugar central dos museus, a ciência russa ganhava terreno nas relações com outros modelos institucionais.

O mesmo senso de observação que conduziu os olhares dos membros da expedição pelas características dos demais passageiros do Arlanza e de representantes de populações locais, pelas particularidades naturais dos trópicos e por coleções museológicas ao longo da viagem foi, também, responsável por chamar sua atenção para elementos contrapostos às idealizações que haviam trazido da Rússia. Nesse sentido, o grupo tece disposições acerca de um ponto comum dessa quebra de expectativa, relacionado a uma marca importante da campanha. Frente às já apontadas dificuldades financeiras no caminho da expedição, a necessidade de viajar sempre a bordo da terceira classe de navios de imigrantes os expôs a uma situação particular. Percorrendo os trajetos com os bilhetes mais baratos, os cinco estudantes russos viajaram ao lado dos imigrantes mais pobres e experimentaram as perspectivas desses passageiros.

#### **1.4 O balanço entre expectativa e frustração: primeiros passos na capital argentina.**

Desde as paradas ainda na Europa, os relatos dos membros da expedição dão conta da desconfiança com que agentes de imigração conduziram procedimentos de inspeção e desinfecção de bagagens e pertences de passageiros da terceira classe<sup>41</sup>. Eles se depararam repetidamente com esses tratamentos, inclusive em sua chegada a Buenos Aires, onde tiveram acesso a uma noção mais ampla das atitudes direcionadas à imigração. Em suas anotações, Strelnikov destina uma seção, intitulada “Expectativas e frustrações”, para tópicos e considerações sobre a cidade argentina e a situação dos imigrantes. Nesse sentido, suas observações contemplam as esperanças nutridas e as dificuldades encontradas por essas pessoas em sua busca por um “estoque de terra” em um país distante. Abordando a lógica da “propriedade privada”, Strelnikov dá tom de crítica à afirmação de que, frente às circunstâncias encontradas, “os imigrantes proletarizam-se”<sup>42</sup>.

Vale chamar a atenção para a postura e a escolha por palavras e expressões chave, como “proletarizar” e “propriedade privada”, que denotam as ideologias que informavam parte da sociedade russa e os discursos revolucionários de crítica à modernização capitalista. Ao considerarmos esse ponto, devemos lembrar-nos das inclinações marxistas e do histórico de militância de Lev Shternberg, com quem os participantes da expedição tiveram uma relação muito importante, com alguns deles tendo sido alunos diretos do mesmo (KAN, 2003; Idem, 2009; KORSUN, 2012). Ainda sobre os tratamentos aos imigrantes em Buenos Aires, Strelnikov dá sequência às suas observações, afirmando que “eles, os argentinos, se consideravam superiores aos outros e se relacionavam com desprezo com estrangeiros”<sup>43</sup>.

Com a chegada do grupo à cidade, no dia 23 de maio de 1914, o recebimento de carimbos de imigrantes e o direito dos portadores de bilhetes de terceira classe a terem hospedagem no Hotel de los Immigrantes os mantinham com essa perspectiva<sup>44</sup>. Em seus diários, Manizer e Fielstrup registram seu olhar sobre a dinâmica que marcava o imigrante pobre em sua chegada, desde as mencionadas inspeções médicas e desinfecção de bagagens,

---

<sup>41</sup> Diário de Manizer, abril de 1914 p.3 e maio p.11; Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, maio de 1914.

<sup>42</sup> Diário de Strelnikov, maio de 1914 p. 17 e 18.

<sup>43</sup> Diário de Strelnikov, maio de 1914 p 18.

<sup>44</sup> Diário de Manizer, maio de 1914 p. 14.

passando por interrogatórios ainda no porto para chegar ao hotel de imigrantes, onde poderia permanecer gratuitamente e com alimentação por um prazo de cinco dias, enquanto não encontrasse trabalho<sup>45</sup>. A fim de situar esses processos em sua real dimensão naquele momento, é importante destacar o grande impulso de massas migratórias que se destinaram a países do continente americano a partir das últimas décadas do século XIX, frente às crescentes instabilidades políticas e econômicas que afetavam a Europa (DI LISCIA E MARRÓN, 2009).

No caso argentino, esse fluxo foi muito favorecido pela Lei de Imigração e Colonização (Lei nº 876), de 1876, que fornecia incentivos para a entrada e estabelecimento de estrangeiros no país, com oportunidades de trabalho e alojamento. O texto da lei, no entanto, apontava algumas condições pertinentes a essa política:

O artigo 32 assinalava que não poderiam permanecer no país os “enfermos de mal contagioso ou qualquer vício orgânico que os faça inúteis para o trabalho; dementes, mendigos e presidiários que tiverem estado sob a ação da justiça nem maiores de sessenta anos, a não ser chefes de família” (DI LISCIA, 2012: 137).

Pelo fragmento exposto, é possível localizarmos a delimitação do perfil ideal para o trabalhador a ser inserido na sociedade argentina, sobretudo através de características que ele não deveria ter. Podemos expor, dessa forma, as relações evidenciadas nas restrições presentes no trecho destacado. Além do desejo natural por mão de obra mais jovem, expresso nas considerações sobre idade ao final do texto citado, observamos o destaque que é dado para a categoria de doença, que aqui não abarca somente a definição patológica mais estrita, mas também vícios que inutilizassem a força de trabalho. Ao colocar “dementes, mendigos e presidiários” lado a lado no artigo, a lei estabelece uma associação entre crime, doença e miséria como mazelas ligadas entre si e contrapostas ao trabalho, que, em última análise, é simbólico do progresso.

Para entendermos o lugar que essas relações ocupavam no contexto do período e, também, como se expressaram na sociedade, precisamos considerar a referida lei em sua inserção em um amplo projeto de organização nacional, impulsionado pelos governos argentinos a partir da década de 1880, que visava à modernização do país com sua efetiva

---

<sup>45</sup> Diário de Manizer, maio de 1914 p.15; Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 19 de maio de 1914.

integração ao mercado capitalista internacional, através da implementação de um modelo baseado na exportação agrícola e pecuária. O crescimento explosivo da população estrangeira no país, como uma das grandes transformações que partiram dessa política, esteve baseado no interesse nacional em promover o repovoamento europeu na Argentina, incorporando os imigrantes no processo de desenvolvimento (LISCIA, 2012: 127). Dessa forma, o surto migratório levou milhares de estrangeiros ao país já nos primeiros dez anos do projeto nacional e da lei de imigração, tendo diminuído drasticamente durante a crise argentina em 1890 e recuperado seu ritmo a partir de 1905 (CIBOTTI, 2000: 367).

Apesar da preferência que o governo argentino demonstrava pela laboriosidade de imigrantes advindos do norte da Europa, foram admitidos grandes contingentes de imigrantes de nacionalidades variadas, como italianos, espanhóis, russos e sírio-libaneses, com seus principais fluxos se destinando às regiões litorâneas e ao Pampa úmido, incluindo a província de Buenos Aires, entre outras (DI LISCIA e MARRÓN, 2009; DI LISCIA, 2012: 127;137). A explosão demográfica argentina não foi um fenômeno isolado e afetou diversos outros países do continente americano, como Brasil, México e Estados Unidos. O vertiginoso crescimento populacional foi acompanhado, no entanto, por efeitos profundamente indesejados, tais como a frequente incidência de epidemias e a escalada da criminalidade e das condições de miséria, especialmente na cidade de Buenos Aires onde, em 1914, metade da população consistia de imigrantes (MARQUIEGUI, 2014: 56).

A constatação de um cenário de grande instabilidade interna e fragilização do tecido social corroborou para o surgimento e disseminação de discursos que se baseavam em noções médico-científicas e sociológicas que buscavam descrever a situação, identificar os problemas e prescrever soluções para a sociedade (DI LISCIA, 2012: 126). Nesse sentido, podemos retomar a já apontada relação entre crime, doença e miséria, que, naquele momento, foram conceitos chave mobilizados pelo discurso médico-científico (DI LISCIA e BILLOROU, 2003). A grande influência e circulação da antropologia criminal de Césare Lombroso é um importante exemplo do tipo de corrente teórica que ganhou terreno e reformulações na arena política e científica argentina. Em uma dessas leituras lombrosianas, Lucio Meléndez (1844 – 1901), diretor do Hospício de las Mercedes de 1876 a 1892, elabora

o conceito do “louco imigrante”, tomando por base a proporção entre imigrantes na cidade de Buenos Aires e imigrantes internados no hospício (MARQUIEGUI, 2014: 56).

A questão da doença enquanto entidade biológica perpassada por elementos sociais, localizada no centro de debates que, conforme já apontado, acabavam por associá-la a grupos presentes na sociedade (DI LISCIA, 2012: 125), não se limitou aos desvios que caracterizavam a então chamada loucura e, nesse ponto, retomamos as epidemias que acompanharam o rápido crescimento demográfico argentino, tomando como exemplo a situação dos imigrantes russos na Argentina. Voltando também aos tópicos registrados por Strelnikov a respeito da situação dos imigrantes em Buenos Aires, ainda vale chamar a atenção para o ponto em que ele destaca os “imigrantes russos”, demonstrando um olhar específico para o grupo<sup>46</sup>. Da mesma forma, Fielstrup relata o alto grau de desconfiança dos agentes presentes no desembarque em relação a russos e, mais especificamente, russos judeus<sup>47</sup>. Essa situação, na Argentina, pode ser remetida a 1894, ano em que algumas famílias de russos se estabeleceram em Colonia Clara, na província de Entre Ríos.

Entre essas pessoas foi deflagrada, pouco mais tarde, uma epidemia de tifo exantemático, doença inédita no país e cujo diagnóstico se relacionava a condições de higiene precária e miséria. Na busca de critérios que ajudassem na tomada de medidas práticas frente à entrada massiva de estrangeiros todos os dias nos portos argentinos, era incerto ligar a doença à nacionalidade, uma vez que se tomava por “russos” aqueles que vinham de diferentes países no Leste Europeu e Ásia Menor. Havia, porém, um denominador comum no fato de que, tanto as famílias de Colonia Clara, quanto a maior parte dos russos que desembarcavam na Argentina eram judeus (DI LISCIA, 2012: 132). É importante lembrar que o tifo, como doença da pobreza, já era associado a imigrantes de religião judaica em outros países (WEINDLING, 1999). A partir dessa e de outras epidemias, diferentes interpretações e diagnósticos apontavam para os imigrantes, fosse por suas origens, suas práticas culturais e religiosas ou pela pobreza que carregavam em vestes e pertences, e foram os pontos de partida para a adoção de protocolos temporários e políticas sanitárias, como os verificados pelos membros da expedição. O elemento político compunha, ainda, um reforço à repulsa de setores da elite urbana de Buenos Aires contra alguns segmentos da população

---

<sup>46</sup> Diário de Strelnikov, maio de 1914 p.19.

<sup>47</sup> Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 19 de maio de 1914.

imigrante, que julgavam ter trazido para o país comportamentos subversivos, impulsos revolucionários e influências danosas à ordem nacional (DI LISCIA, 2012: 133).

O fluxo migratório seria bastante reduzido, no entanto, nos anos de guerra na Europa, entre 1914 e 1918, diante do movimento geral, entre as nações envolvidas, em direção ao alistamento militar massivo (DI LISCIA, 2012: 141). Nesse sentido, Fielstrup dedica uma sessão de suas anotações para fazer observações sobre a dinâmica mais ampla da crise migratória internacional, se mantendo atento, sobretudo, às condições sob as quais enormes contingentes humanos apinhavam, de forma precária, portos e navios para abandonar o continente europeu. Fielstrup chama a atenção para a relativa facilidade com que se podia sair, por baixíssimos preços e a bordo de embarcações que, muitas vezes, não limitavam o número de passageiros na terceira classe. A percepção social e estrutural de Fielstrup destaca, inclusive, uma separação geral entre imigrantes sazonais e permanentes, explicando, para o primeiro tipo, as temporadas de êxodo e retorno, além de relaciona-las ao contexto das condições de trabalho e subsistência, cujas flutuações marcavam o processo<sup>48</sup>. Por fim, é interessante notarmos, em outro trecho das anotações, as preocupações de Fielstrup tomarem dimensões que o levam a abordar o tema das relações de dominação imperialista europeia sobre os povos da América<sup>49</sup>.

De volta ao cenário de Buenos Aires, o próprio Hotel de los Immigrantes, construído entre 1906 e 1911 (SOBOLEVA, 2016), se inclui entre as políticas públicas inseridas no contexto da situação de fragilidade em que se encontravam as relações sociais entre argentinos e imigrantes (CIBOTTI, 2000). A partir do início de sua hospedagem, o grupo relata a precariedade das condições básicas do hotel de imigrantes, desde as refeições, servidas em pratos e talheres que soltavam grande quantidade de um metal que julgavam ser estanho, até a constante insegurança em relação a furtos nos próprios dormitórios, onde Manizer registrou terem roubado, pouco depois de sua chegada, “uma calça de Geiman e alguma ninharia”<sup>50</sup>. Nos últimos dias na cidade, outro furto levou o relógio de Manizer, um colete de Fielstrup e mais algum dinheiro encontrado em suas carteiras<sup>51</sup>. Ainda nas palavras

---

<sup>48</sup> Diário de Fielstrup, abril-maio de 1914, p. 5.

<sup>49</sup> Diário de Fielstrup, abril-maio de 1914, p. 6.

<sup>50</sup> Diário de Manizer, 22 de maio de 1914, p. 9.

<sup>51</sup> Diário de Manizer, 14 de junho de 1914, p. 26.



de Manizer sobre terem se mantido ali sob aquelas condições: “Não fosse a consciência da economia que estamos fazendo, teríamos, provavelmente, sido mais exigentes”<sup>52</sup>.

Com a chegada e a estadia em Buenos Aires, a ideia dos membros da expedição consistia em estabelecer os contatos planejados e fixar o plano a ser seguido. Nos dias que levaram nesse processo, os estudantes registraram algumas de suas impressões principais acerca das características daquela cidade que, segundo Strelnikov, tinha “no sentido geral, cultura, ciência e publicistas sem originalidade – cosmopolitas”<sup>53</sup>. Ainda nesse aspecto, Fielstrup tece observações a respeito das correntes de influência estrangeira expressas em estabelecimentos como lojas de livros em ruas importantes da cidade. Especialmente para esses locais, Fielstrup destaca, inclusive, a dinâmica através da qual se propagandeavam as publicações ali vendidas, não apenas por meio de suas vitrines, mas também levando seu apelo aos transeuntes por via oral<sup>54</sup>. Ele apresenta, por fim, sua perspectiva sobre a inserção, nesse contexto urbano argentino, das notícias e demais informações sobre as movimentações de guerra na Europa.

Levando em consideração a grande proporção de imigrantes em Buenos Aires e sua conclusão pessoal de que os argentinos, ali, desconheciam muito de realidades mais próximas, como a diversidade dos povos na América do Sul, mas estavam sempre a par da escalada de acontecimentos europeus que se multiplicavam nos veículos informativos distribuídos de forma frenética no centro urbano, Fielstrup faz uma avaliação sobre a força dos discursos vinculados às diferentes nações envolvidas no conflito<sup>55</sup>. Nesse sentido, Fielstrup expõe a dicotomia entre Inglaterra e Alemanha, como as partes de maior circulação, destacando, porém, a influência alemã, em função de um cenário mais amplo de presença fundamental dessa nacionalidade na Argentina. Além de observar o grande número de lojas, jornais e outros veículos diretamente ligados ao lado alemão do conflito ou pertencentes a donos alemães, ele também constata a importância e proeminência de imigrantes do referido país na ciência argentina<sup>56</sup>. Manizer, em seus registros, endossa esse

---

<sup>52</sup> Diário de Manizer, 22 de maio de 1914, p. 9.

<sup>53</sup> Diário de Strelnikov, maio de 1914, p. 18.

<sup>54</sup> Diário de Fielstrup, 23 de maio de 1914, p.12.

<sup>55</sup> Diário de Fielstrup, 23 de maio de 1914, p.13.

<sup>56</sup> Diário de Fielstrup, 23 de maio de 1914, p.13.

ponto, observando o prestígio dessas figuras que, em suas palavras, estavam ali “como aves migratórias, produzindo para o benefício do governo argentino”<sup>57</sup>.

É importante chamar a atenção, a partir dessas deliberações, para o fato de, naquele momento, as fontes e o que é descrito por elas já tratarem as tensões europeias com ampla utilização do termo “guerra”, apesar dos referidos registros datarem de maio de 1914 e o início oficial da Primeira Guerra Mundial ter sido no final do mês de junho daquele ano<sup>58</sup>, demonstrando a maneira natural como causas e impactos de eventos históricos atravessam os esforços historiográficos por datá-los. Mantendo em vista as ramificações do cenário de instabilidades, é possível pensar a atenção ou, talvez, preocupação especial dedicada pelos membros da expedição à influência alemã, a partir da premissa de uma oposição geopolítica recente entre Alemanha e Rússia que, conseqüentemente, figuraram como inimigas na guerra europeia (LEVINE, 1914).

### **1.5 Um plano toma forma: contatos e caminhos futuros em discussão entre Buenos Aires e La Plata.**

A primeira providência prática tomada pelos cinco estudantes em solo argentino foi estabelecerem seus contatos com a representação oficial russa no país. Dessa forma, eles tiveram o consulado russo na Argentina como parada obrigatória, onde encontraram Ptashnik, o cônsul que havia sido colega de Fielstrup em sua formação. Em seu diário, Manizer escreve sobre a relação de proximidade e interesse mantida por Ptashnik para com a academia e, especificamente, a etnografia: “Ele (Ptashnik) guarda tanta familiaridade com nosso professorado, que me faz pensar que ele seja mais um estudioso que um diplomata”<sup>59</sup>. Em contato com o cônsul, os membros da expedição foram apresentados ao ministro plenipotenciário do Império russo na Argentina, que veio a ser fundamental em etapas subsequentes de seu planejamento<sup>60</sup>.

Ao levarmos em conta os contatos estabelecidos pelo grupo, devemos tratar também daqueles que representaram a pontual publicidade associada à expedição. Ainda durante a

---

<sup>57</sup> Diário de Manizer, 25 de maio de 1914, p. 11.

<sup>58</sup> Diário de Fielstrup, abril-maio de 1914; Diário de Strelnikov, maio de 1914.

<sup>59</sup> Diário de Manizer, 22 de maio de 1914, p.10.

<sup>60</sup> Diário de Manizer, 22 de maio de 1914, p.11.

passagem que fizeram pelo Rio de Janeiro, os membros da campanha foram o assunto de um folheto publicado por um correspondente polonês, a partir de uma entrevista que obteve com Geiman quando este último fez uma visita ao consulado russo na capital brasileira. Essa entrevista foi, inclusive, o meio através do qual Geiman foi o único dos estudantes a conseguir ir ao Museu da Quinta Imperial, com auxílio nas traduções do português para o russo<sup>61</sup>. Já em Buenos Aires, o correspondente de um jornal russo local também procurou o grupo e, através de Manizer, obteve informações sobre a expedição, publicadas na forma de uma nota posteriormente<sup>62</sup>. Essas iniciativas, no entanto, não produziram efeitos substanciais em termos de suporte ou contatos para a viagem em si (SOBOLEVA, 2016: 56).

Dentre os contatos, porém, aqueles que foram definitivamente fundamentais para o curso da expedição já estavam planejados para acontecer, embora as mudanças causadas por eles não pudessem ser previstas e tenham sido responsáveis por inserir novas variáveis no caminho dos estudantes. Em uma carta enviada a Shternberg no dia 18 de junho, quando já haviam deixado Buenos Aires com uma ideia de caminho a seguir, Manizer deixa essa questão clara ao atribuir a razão para o referido documento ter sido o primeiro enviado em muitos dias à “situação de completa incerteza com a qual nos deparamos nessa estadia de cerca de três semanas em Buenos Aires”<sup>63</sup>. O quadro ao qual Manizer se refere foi desenhado a partir da visita dos membros da expedição à cidade de La Plata, capital da província de Buenos Aires, onde encontraram o etnólogo Robert Lehmann – Nitsche, contato feito por Shternberg no XIV Congresso de Americanistas, e o geólogo Walter Schiller (1879 – 1944), com os quais discutiram o plano de viagem trazido da Rússia.

Nessas conversas, tanto Nitsche quanto Schiller foram categóricos em afirmar que uma ida ao Pilcomayo, naquele momento, não seria o melhor uso para os poucos recursos da expedição, já que, segundo eles, não restava nada de novo ou interessante por lá e, nos últimos anos, amplo material havia sido escrito sobre os indígenas da região<sup>64</sup>. Essa informação é facilmente confirmada pela recente tendência historiográfica argentina em tratar da expansão do Estado, naquela época, sobre as últimas fronteiras indígenas do país, em um

---

<sup>61</sup> Diário de Fielstrup, abril-maio de 1914, p. 9.

<sup>62</sup> Diário de Manizer, junho de 1914, p.20

<sup>63</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914.

<sup>64</sup> Diário de Manizer, 24 de maio de 1914, p. 15; Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914.

processo que representava outra frente do já discutido projeto de modernização e integração nacional. Para conquistar a inserção argentina no mercado internacional, o governo instituiu, a partir do final do século XIX, o aprofundamento do avanço estatal no interior do país, no intuito de conquistar extensões de terra para o modelo agroexportador (DI LISCIA, 2012; CABALLERO, 2017).

O período entre 1884 e 1911 foi especialmente agressivo e acelerado, com expedições militares, missões religiosas e campanhas de vacinação dos nativos, com o objetivo não apenas de conquistar espaços para a agricultura e pecuária, mas também colonizar os corpos, cultura e identidades dos povos que ainda se apresentavam como obstáculos à sociedade moderna, pois haviam sido “excluídos, no século XIX, da conformação étnica nacional” e deveriam ser convertidos em “argentinos” (DI LISCIA, 2012: 131). Vasta literatura dá conta, nesse sentido, das maneiras através das quais o Estado argentino foi capaz de aglutinar terras e pessoas em nome de um projeto nacional de desenvolvimento industrial, que incluía, ainda que tardiamente, a região do Chaco, historicamente desafiadora para os esforços de colonização (CABALLERO, 2017). A natureza de todos os componentes dessas investidas estatais tinha, dessa forma, caráter econômico muito marcado, uma vez que visavam assegurar a força de trabalho indígena e incorporá-la à exploração do quebracho e do algodão, no caso do Chaco (DI LISCIA, 2012: 131). Conferindo suporte de verificação às assertivas dos dois professores de La Plata, as referidas incursões militares no Chaco foram frequentemente acompanhadas por cientistas e naturalistas estrangeiros, que produziram amplo material sobre a natureza e indígenas da região (CABALLERO, 2017: 87).

Além de fornecerem informações no intuito de dissuadir o grupo do destino que haviam pensado originalmente, Nitsche e Schiller complementaram suas recomendações, sugerindo um plano alternativo que consistia em comprarem bilhetes de ida para o percurso pelo rio Paraguai acima e tentarem atravessar para o Brasil sem serem taxados. Plantada a ideia, Nitsche ainda forneceu aos estudantes muitas instruções científicas, apresentando-os livros, cadernos de notas e dando fotografias aos etnógrafos<sup>65</sup>. Um novo caminho começava, portanto, a ganhar forma, mas deixou a nebulosidade para ganhar contornos mais concretos quando Lehmann-Nitsche apresentou os membros da expedição a Samuel Lafone Quevedo, diretor do Museo de La Plata e outro nome com o qual Shternberg havia estabelecido

---

<sup>65</sup> Diário de Manizer, 28 e 29 de maio de 1914, p.21 e 22.

relações no Congresso de Americanistas. Quevedo foi mais específico em indicar, como destino, o estado brasileiro de Mato Grosso:

[...] onde existe o povo Kinikinau no rio Miranda, cuja situação pouco clara e de raros contatos faria do dicionário desse idioma uma novidade e o material etnográfico, intocado pela influência europeia, poderia vir a ser coletado em abundância. A parte zoológica da nossa expedição poderia ser realizada, claro, através da exuberância natural do local onde estivermos.<sup>66</sup>

Ao levarmos em conta a bibliografia sobre a história do povo Kinikinau, nos deparamos com indígenas, que apesar de, naquela época, já viverem em território brasileiro, tem sua origem cultural na região do Chaco. Os Kinikinau consistem em um dos subgrupos da nação indígena Guaná, que viviam na margem oeste do Rio Paraguai, em tradicional associação com a nação Mbayá, com a qual formavam uma intrincada estrutura social. Ainda nas últimas décadas do século XVIII, diversos subgrupos dessas nações indígenas migraram para áreas na margem oposta do rio, em virtude do crescimento da presença espanhola nos territórios chaquenhos. As relações desses povos com suas antigas bases sociais e culturais atravessaram as décadas, mas foram profundamente abaladas pelo avanço português no estado de Mato Grosso e, decisivamente, pela deflagração da Guerra do Paraguai (1864 – 1870), na qual foi, inclusive, utilizada a força de um contingente importante de indígenas da região. Diante desse cenário, alguns grupos, como os Kinikinau, foram obrigados a buscar o isolamento ao qual se refere Lafone Quevedo. É interessante notar, portanto, que, a partir do objetivo original de coletar material etnográfico de povos do Chaco, os estudantes russos acabaram sendo direcionados a um grupo nativo que, apesar de geograficamente mais afastado da região, tinha nela a sua origem e a mantinha, justamente por não ter lá permanecido (CASTELNAU, 1949; BITTENCOURT e LADEIRA, 2000).

De volta ao distrito federal argentino e com um potencial novo plano de viagem, os cinco russos, por intermédio do padre Izrastsov, foram bem recebidos por Juan Ambrosetti, diretor do Museu Etnográfico da Universidade de Buenos Aires e Ángel Gallardo (1867 – 1934), diretor do Museu Nacional de História Natural. Nas reuniões com Gallardo, os membros da expedição receberam livros e outras publicações sobre “bestas da América” e foram apresentados ao irmão do internacionalmente prestigiado naturalista argentino

---

<sup>66</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914.

Florentino Ameghino (1853 – 1911), recentemente falecido<sup>67</sup>. Com Ambrosetti, conversaram sobre conhecidos comuns na Argentina e na Rússia e sobre a relação de longa data cultivada entre o etnógrafo argentino e Shternberg. Além disso, os estudantes entregaram-lhe uma carta de Fyodor Volkov, antropólogo e professor de Manizer que havia sido uma das fontes privadas de cartas de recomendação dos membros da expedição a cientistas conhecidos na Argentina<sup>68</sup>.

Dos tópicos abordados no contato entre os jovens russos e Ambrosetti, os mais decisivos estiveram ligados ao amadurecimento das discussões sobre os caminhos da campanha. Em relação ao assunto, Ambrosetti lhes apresentou outra proposta, oferecendo duas passagens, sem custos, para que pelo menos alguns deles fossem à região norte do Gran Chaco argentino, próximo à Formosa, a fim de coletar material florístico para ele<sup>69</sup>. Dessa forma, os estudantes se viam diante da necessidade de tomar uma decisão que contemplasse seus objetivos e limitações práticas. Nesse sentido, os custos e a conveniência de cada opção foram os critérios de maior peso para a escolha. Para os etnógrafos, o Mato Grosso oferecia um quadro mais atrativo no que se refere a populações indígenas e o nível contato com a sociedade moderna. Os zoólogos, por sua vez, teriam abundância de material de estudo nas duas regiões<sup>70</sup>.

Ao fim e ao cabo, o bater do martelo se deu, sobretudo, pela influência do ministro plenipotenciário russo na Argentina. Através de seus contatos com sua contraparte no Brasil e com o chefe de tráfego em Buenos Aires, o enviado russo conseguiu autorização para que os cinco russos atravessassem a fronteira sem taxas adicionais, além de 25% de desconto em bilhetes de ida e volta na segunda classe para o percurso via rio Paraguai até Corumbá<sup>71</sup>. Sabendo da definição do plano, Ambrosetti forneceu 400 pesos em ajuda de custo para que os jovens coletassem material para seu museu, com a condição de que, caso não tivessem sucesso na empreitada, enviassem, da Rússia, material sobre a etnografia da Mongólia e

---

<sup>67</sup> Diário de Manizer, 28 e 29 de maio de 1914, p.21 e 22.

<sup>68</sup> Diário de Manizer, 29 de maio de 1914, p. 22.

<sup>69</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914.

<sup>70</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914.

<sup>71</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914; Diário de Manizer, 14 de junho de 1914, p. 25.

povos asiáticos em geral. Na carta em que Manizer comunica a decisão a Shternberg, o estudante destaca a importância do auxílio de Ambrosetti<sup>72</sup>.

Quase um mês depois da chegada à capital argentina no dia 23 de maio, às vésperas das comemorações da independência do país<sup>73</sup>, o grupo encerrava o que, para alguns deles, seria apenas o primeiro ciclo na cidade que se mostraria importante como base para outros momentos da expedição. Seguindo o conselho de Lehmann – Nitsche, os cinco estudantes decidiram que seria prudente deixar o material reunido até aquele momento, além da quantia em dinheiro para a volta à Rússia no consulado, enquanto organizavam e registravam a bagagem que levariam consigo<sup>74</sup>. No dia 16 de junho de 1914 eles embarcaram, então, no barco Montevideo, que os levaria a Corumbá<sup>75</sup>. Em correspondência enviada a Shternberg já mais adiante na viagem, é deixada clara a consciência do grupo a respeito da relação entre suas ansiedades e as incertezas que insistiam em se colocar no caminho, fosse a persistente questão financeira ou as preocupações com o novo destino e o despreparo para o mesmo, que se refletia no fato de não disporem da literatura necessária e no desconhecimento da língua portuguesa, à exceção das vagas noções do autor da carta, Manizer<sup>76</sup>. A única certeza que eles guardavam, no entanto, era a de que ainda estavam se aproximando de seu objetivo, afinal, não haviam visto um indígena sequer até ali: “Apesar de praticamente três meses de viagem e de toda a expectativa, nós ainda não chegamos ao nosso objetivo, ou seja, ainda não vivemos entre os selvagens”<sup>77</sup>.

---

<sup>72</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914.

<sup>73</sup> Em seu diário, Manizer registra observações sobre a movimentação, especialmente na Avenida de Mayo, em Buenos Aires, para as celebrações do dia 25 de maio, que marca a independência da Argentina.

<sup>74</sup> Diário de Manizer, 14 de junho de 1914, p. 25.

<sup>75</sup> Diário de Manizer, 16 de junho de 1914, p. 27; Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914.

<sup>76</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 16 de julho de 1914.

<sup>77</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 16 de julho de 1914.

## Capítulo II: Corumbá e os rumos da expedição

---

### 2.1 Rios acima até Corumbá

Seguindo com olhares atentos aos diários e relatórios dos cinco membros da expedição, podemos acompanhar seus passos na parte da viagem que será o tema deste capítulo e que foi a mesma que Fielstrup, em um relatório apresentado, em fevereiro de 1916, ao círculo de estudos romano-germânicos do qual fazia parte na Universidade de São Petersburgo, à época já chamada de Petrogrado<sup>78</sup>, consideraria “o período mais interessante da minha estada na América”<sup>79</sup>. Ao escrever essas palavras, o jovem etnógrafo se referia ao caminho percorrido pelo grupo de Buenos Aires a Corumbá e da posterior experiência de viver entre as populações nativas que encontraram. A afirmação de Fielstrup não chega a poder ser considerada de todo surpreendente, afinal de contas, o período em questão, com seu início demarcado pela definição de um caminho a ser tomado e representado pelo início do trajeto fluvial em direção à capital do estado de Mato Grosso, era o que eles haviam buscado desde sua chegada ao continente. Não apenas a chegada ao que era seu objetivo principal, o convívio com os indígenas, mas também, em sentido mais amplo, solucionar questões práticas que eles, como estudantes inexperientes e ansiosos, traziam em suas expectativas desde a Rússia. Entre todas as questões que ainda restavam, aquela sobre a rota inicial a ser seguida já era uma a menos.

Logo a partir do primeiro dia de navegação do barco Montevideo rio Paraná acima e sendo verificado em diversos momentos ao longo do trajeto, podemos perceber, por meio de observações encontradas na documentação, os olhares interessados dos membros da expedição para características do curso fluvial em que estavam e, especialmente, sua vegetação marginal. Em suas impressões sobre aspectos desde a largura do rio e altura de suas margens até a densidade e peculiaridades das árvores e arbustos vistos da embarcação, é possível identificarmos o mesmo tipo de associação dessas características à tropicalidade e à relativa proximidade da linha do Equador, sempre acompanhadas pelo encantamento diante

---

<sup>78</sup> Petrogrado, em 1914, passou a ser o novo nome da cidade de São Petersburgo. Assim, muitos dos documentos analisados na elaboração deste trabalho apresentam o novo nome.

<sup>79</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.



das formas e cores da região, assim como pelo próprio sentido de desbravamento que a jornada lhes inspirava<sup>80</sup>. Em determinado momento da viagem, Fielstrup registra, nessa chave, seu pensamento a partir do deslumbramento com as flores de determinadas árvores vistas na margem: “Olhando para esses arvoredos, comecei a entender porque a jornada diária de qualquer pesquisador de florestas virgens é medida em apenas dezenas ou centenas de braças<sup>81</sup>”.

A esse tipo de observação se juntam, no entanto, aquelas que seguem a conferir substância à natureza etnográfica que permeia boa parte das impressões registradas pelos jovens russos desde os primeiros contatos com as realidades que encontraram na América do Sul já nas escalas do Arlanza no continente, antes da chegada do grupo a Buenos Aires. A viagem de 15 dias entre a capital da Argentina e Corumbá foi lugar de novos exemplos para essa perspectiva, como foi o caso do conteúdo verificado em algumas entradas do diário de Strelnikov após a breve passagem do barco Montevideo pela cidade de Rosário, no dia 18 de junho. Em determinado trecho do caminho, segundo o diário, enquanto os estudantes entoavam canções tradicionais russas sobre a terra e sobre as guerras passadas, Strelnikov registra um pensamento interessante, no qual nota que o “Paraná não é um rio histórico”, complementando o sentido da afirmação ao dizer que “não se canta sobre ele, não tendo ainda deixado uma grandiosa marca na alma popular, como o nosso Volga”<sup>82</sup>.

O sentido do olhar etnográfico de Strelnikov nessa situação traz um enfoque na relação entre memória popular e lugar geográfico, nesse caso, representado por rios. Nessa configuração, portanto, a música, enquanto expressão cultural, acaba por desempenhar o papel de canal de significação entre a consciência coletiva e determinado espaço físico (TORRES E KOZEL, 2012: 174, 175). Indo além em suas especulações, Strelnikov identifica, naturalmente, o povoamento das imediações como condição básica para que um corpo d’água atinja o status de histórico e busca razões que expliquem o deserto populacional ao longo das margens do rio Paraná, com raras exceções, como Rosário. Como conclusão a essas deliberações, Strelnikov associa a ausência geral de pessoas povoando aquele rio às suas já observadas características anatômicas, como a largura e as margens baixas, sua

---

<sup>80</sup> Diário de Fielstrup, junho de 1914; Diário de Strelnikov, junho de 1914.

<sup>81</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.

<sup>82</sup> Diário de Strelnikov, 19 de junho de 1914.

vegetação, que associa, essencialmente, a grama de pampa a espécies arbustivas e a baixa densidade de fauna percebida pelos russos<sup>83</sup>.

Mais adiante, em sua aproximação da pequena La Paz, na província de Entre Rios, o barco Montevideo permitiu que seus passageiros avistassem os cemitérios que eram marcas daquela paisagem, crescendo junto aos aldeamentos como se fossem “cidadelas dos mortos”. Em suas anotações, Strelnikov havia, inclusive, levantado a suposição de que o nome da localidade poderia estar associado ao sentido de “descanso eterno”<sup>84</sup>. É importante notar como essas observações são seguidas por uma breve discussão que localiza entidades como cemitérios na condição de produto ou representação de práticas ou rituais que se encontram nas bases de memórias sociais e culturais de caráter local e nacional<sup>85</sup>. Dessa maneira, é possível dizer que se encontra justificada a identificação desses objetos como alvos legítimos do interesse intelectual de cunho etnográfico e antropológico.

O enfoque dos olhares dos jovens russos se desloca, em outro trecho do trajeto, para a categoria de linguagem como eixo principal de distinção das diferentes nacionalidades de um novo grupo de passageiros que embarcava naquele momento. Com essa atenção para as línguas dos recém-chegados, muitos deles envolvidos com atividades comerciais que utilizavam aquele curso fluvial e outros que simplesmente se deslocavam entre regiões, Strelnikov chega a considerar, em seus registros, que o rio Paraná, apesar de não poder ser considerado histórico, poderia ser tratado como um “rio cosmopolita, assim como a Argentina”<sup>86</sup>. Com a nova configuração de pessoas a bordo, o Montevideo já percorria as águas do rio Paraguai quando Strelnikov relata, em seu diário, o contato do grupo com um “passageiro no qual havia, indubitavelmente, sangue indígena, que vivia há quatro anos em Corumbá e vizinhança”. Conforme apontam os registros do encontro com esse personagem e as conversas que tiveram sobre Corumbá, “segundo suas palavras, a estadia era barata por lá”. Dizendo o mesmo em relação a uma possível ida dos russos à Miranda, também no Mato Grosso, esse passageiro fornecia, ali, uma base de confirmação para a tese que tratava o roteiro escolhido em Buenos Aires como opção econômica<sup>87</sup>.

---

<sup>83</sup> Diário de Strelnikov, 19 de junho de 1914.

<sup>84</sup> Diário de Strelnikov, 20 de junho de 1914.

<sup>85</sup> Diário de Strelnikov, 20 de junho de 1914.

<sup>86</sup> Diário de Strelnikov, 20 de junho de 1914.

<sup>87</sup> Diário de Strelnikov, 21 de junho de 1914.

Durante cerca de dois dias, a partir de 21 de junho, uma escala da viagem proporcionou aos membros da expedição russa a possibilidade de conhecerem um pouco da cidade de Assunção e seguirem registrando, em suas impressões, as bases etnográficas de suas perspectivas, além do grande interesse histórico pelos locais onde estiveram. Já nas primeiras linhas das anotações de Fielstrup, podemos perceber um entendimento a respeito do histórico de revoluções e golpes de Estado que faziam parte da trajetória recente do Paraguai. Em outro momento, podemos notar a importância conferida às representações urbanas da capital paraguaia através das observações de Fielstrup sobre as mulheres que tinha visto ali e que, segundo ele, “usavam muito pó no rosto”. Seguindo seus registros, o estudante russo consegue dar sentido ao que vê, compreendendo o sentido de europeização que subjazia àquela prática e acrescentando o relato de uma situação simbólica naquele aspecto. De acordo com Fielstrup, uma daquelas mulheres havia pedido que Manizer a desenhasse, mas se ofendera com o resultado, dizendo que “estava feia, parecendo uma bugre<sup>88</sup>”, uma vez que fora retratada com sua cor de pele tipicamente indígena<sup>89</sup>.

Ainda em outro momento que evidencia, ao mesmo tempo, o interesse dos membros da expedição e a presença marcante do olhar direcionado às culturas e às práticas com as quais se depararam, Fielstrup comenta o notável lugar da mulher paraguaia como força de trabalho naquela época e sua relação com a dimensão familiar e com a proporção de homens do país, que embora já apresentasse ritmo de recuperação demográfica, ainda encontrava-se significativamente reduzida pelas grandes baixas da guerra da segunda metade do século XIX. Nesse sentido, Fielstrup aponta esse quadro como determinante para a conformação de uma estrutura sociocultural que produzia uma maior relação da mulher com o provimento familiar<sup>90</sup>. Ainda durante a breve estadia em Assunção, as perspectivas etnográficas russas também apreenderam a relação de orgulho dos homens com uma raça de cavalos local, que recebia adereços e era tratada como símbolo paraguaio<sup>91</sup>.

---

<sup>88</sup> Originada do francês *bougre*, que significava “herético” em usos antigos na Idade Média, a palavra “bugre” era utilizada para se referir, pejorativamente, a indígenas, apontando sua natureza não cristã (FERREIRA, 2005).

<sup>89</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.

<sup>90</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.

<sup>91</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.

De volta ao rio Paraguai e já mais próximos de Corumbá, os membros da expedição russa finalmente tiveram as primeiras amostras daquilo que vinham, de fato, procurando desde o princípio, quando avistaram indígenas chaquenhos em diferentes estâncias no caminho. Esse aguardado primeiro contato com nativos da América do Sul não correspondeu, no entanto, às expectativas relacionadas ao baixo nível de contato dos indivíduos com a civilização moderna, pois os indígenas em questão estavam ali como empregados para carregamento de produtos e combustível dos barcos, ou seja, incorporados aos mesmos modelos de trabalho que os imigrantes estrangeiros que, em Buenos Aires, Strelnikov havia observado como proletarizados. No caso dos indígenas, porém, as dificuldades de adaptação a uma estrutura tão distante de seus costumes tradicionais muitas vezes faziam com que, “com movimentos tímidos e incertos, acabassem perdendo lugar para peões brancos”<sup>92</sup>.

Essas observações encontram base de diálogo em uma historiografia que tem privilegiado discussões sobre os impactos dos movimentos daquele período por integração de indígenas como mão de obra, a redução de suas identidades a documentos de papel que também funcionavam como restrição à sua livre circulação, bem como outras formas de pressão sobre suas práticas e identidades (WRIGHT, 2003; CABALLERO, 2017). Apesar dessas circunstâncias, as anotações dos jovens russos evidenciam o interesse por aquele primeiro encontro, sobretudo em momentos nos quais o Montevideo se aproximou da margem, possibilitando a Manizer utilizar, disfarçadamente, sua máquina fotográfica para fazer registros de alguns indígenas que remavam, desconfiados, suas canoas<sup>93</sup>. As características físicas dos indígenas do trajeto não escaparam às atenções dos russos, que conseguiram, inclusive, descrever os corpos, vestimentas e acessórios de algumas mulheres e crianças nativas, ressaltando o efeito de harmonização que produziam com a natureza ao redor<sup>94</sup>. O olhar analítico dos estudantes foi ainda além dos indígenas, também apresentando detalhadas descrições da figura do sertanejo da região, desde suas bombachas e outras peças

---

<sup>92</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.

<sup>93</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916; Diário de Strelnikov, 25 de junho de 1914.

<sup>94</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.

de vestimenta até suas práticas, como o consumo do chá mate e a caça de jacarés, por exemplo<sup>95</sup>.

Apesar de ainda estarem apenas chegando à capital mato-grossense, onde vislumbravam seus objetos de estudo, tanto em termos etnográficos quanto biológicos, os membros da expedição russa já apresentavam, em suas observações preliminares sobre os encontros com diferentes grupos de pessoas nos trajetos, amostras das bases teóricas sobre as quais deveriam se apoiar em seus futuros trabalhos junto às populações indígenas que buscavam para a parte etnográfica da campanha. Um primeiro ponto a ser destacado se refere à importância conferida às línguas como marcas de identidade, desde os primeiros registros feitos nas escalas do Arlanza antes da chegada a Buenos Aires até os estudos e outros materiais etnográficos produzidos pelos estudantes, especialmente Manizer e Fielstrup, que tinham formação linguística (BELOV et.al., 2014; SOBOLEVA, 2016). Ao abordar o lugar da categoria de linguagem na trajetória da etnografia russa, KNIGHT (1998: 126) indica sua importância como marca ou elemento central da identidade do objeto em perspectiva.

Além da linguagem, uma variedade de outras chaves de observação esteve presente em posição privilegiada na documentação da expedição, partindo das primeiras impressões registradas pelos jovens integrantes e chegando a suas publicações científicas de fato. Todas elas, incluindo vida social, cultura doméstica, práticas e representações de maneira geral, são tradicionalmente englobadas pelo sentido etnográfico atribuído à palavra russa *byt*, que se apresenta como conceito fundamental e especificador da trajetória e bases teóricas da disciplina no país. Conforme indica KNIGHT (1998: 127), *byt* é o verbo russo correspondente ao “to be” da língua inglesa e ao “ser” da língua portuguesa, correspondendo, em sua leitura na etnografia tradicional russa à “totalidade de elementos materiais e culturais compreendendo um modo de vida particular”, com o importante detalhe de que o termo não carrega a possibilidade de abordagem comparativa, como as categorias de civilização ou cultura. Essa importante noção para a história russa fornece grande especificidade ao objeto analisado, pois o *byt*, fazendo jus a seu significado enquanto verbo, “simplesmente “é””.

---

<sup>95</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.

Trazendo de volta o momento em que Strelnikov, em seu diário, discute a ideia de rios históricos sob a perspectiva do que ele chama de marcas deixadas na *alma popular*, é importante chamar a atenção para a dimensão metafísica também compreendida pelo conceito de *byt* e sua proeminência nos debates travados entre as disposições epistemológicas de duas vertentes ou escolas da etnografia russa em seu caminho de consolidação disciplinar acadêmica na segunda metade do século XIX (KNIGHT, 1998; Idem, 2008), tema que será discutido em detalhe no terceiro capítulo desta dissertação.

Um primeiro elemento a ser levantado a partir dos registros da chegada dos cinco russos a Corumbá se refere a mais um choque negativo entre as expectativas nutridas por eles e aquilo com que, de fato, se depararam. Nesse caso, notamos que, embora observações no caminho já abordassem algumas impressões do grupo sobre a paisagem ao redor, foi apenas nos momentos próximos à chegada a Corumbá que começaram a aparecer os primeiros sinais de um desapontamento gradual, associado ao período de seca em que se encontrava a região. Segundo aponta Strelnikov na entrada de seu diário que marca a aproximação e chegada à capital mato-grossense, as primeiras impressões daquilo que viam estavam distantes da exuberância tropical que havia sido consolidada em seus imaginários ainda quando crianças pelas histórias fantásticas e literatura romântica que chegavam a eles sobre as florestas da longínqua América<sup>96</sup>.

Chegando a seu destino na noite do dia 31 de junho, os membros da expedição passaram a noite ainda a bordo do próprio Montevidéo, saindo apenas na manhã seguinte para, primeiramente, formalizarem a permissão e armazenamento de suas bagagens, além de produzirem seus vistos na aduana local<sup>97</sup>. No primeiro dia em Corumbá, os russos procuraram o intendente do lugar, que descobriram se tratar de um belga, com o qual conseguiram se comunicar em francês, em busca de informações sobre a localização de comunidades indígenas e perspectivas de contato. Atingir o objetivo de encontrar e viver com os indígenas seria, porém, mais complicado do que haviam previsto, uma vez que o intendente lhes respondeu que os nativos que não apresentavam histórico de contatos com europeus, incluindo os Kinikinau, tinham migrado, já há bastante tempo, para o interior da mata, o que

---

<sup>96</sup> Diário de Strelnikov, 31 de junho de 1914.

<sup>97</sup> Diário de Strelnikov, 1 de julho de 1914.

tornava a sua localização um problema<sup>98</sup>. É importante reforçar que essa situação configura uma confirmação documentada dos já discutidos impactos do avanço vertiginoso das fronteiras agrícolas e de pecuária sobre as florestas interioranas, além dos desdobramentos dos graves efeitos da Guerra da Tríplice Aliança, nesse caso, sobre as populações indígenas e sua distribuição naquelas regiões (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000; DOMINGUES, 2010).

Dando sequência às providências básicas a serem tomadas na chegada a Corumbá e seguindo uma recomendação fornecida pelo professor Schiller em La Plata, os cinco jovens foram a um reduto de imigrantes alemães que chamaram, em seus diários, de “Casa Alemã”, onde perguntaram por um lugar para se hospedarem por alguns dias, enquanto não encontrassem o que procuravam. Suas buscas foram respondidas com a sugestão de que fossem ao rancho de um imigrante alemão que vivia em São Domingo, a dez quilômetros de Corumbá, onde poderiam ficar por baixo custo. Acatando a recomendação, o grupo obteve sua estadia no rancho em questão. Em uma entrada de seu diário, Strelnikov registra seu anfitrião como um senhor que havia desertado do exército na Guerra da Tríplice Aliança e vivia ali há 20 anos com sua esposa, que já não falava mais alemão, e seus descendentes, que despertaram a curiosidade dos russos por serem “brasileiros loiros e de olhos claros”<sup>99</sup>.

É interessante notar que observações como esta última tiveram expressão mais detalhada em ensaios produzidos, especialmente por Manizer, posteriormente na campanha. Tais estudos, identificados em meio à documentação da expedição, apresentam o olhar desses personagens sobre as relações entre a conformação étnica e diversidade brasileira daquela época e discussões mais amplas sobre nação e formação de sociedade<sup>100</sup>. Dessa maneira, o grupo ainda unido passou as duas primeiras semanas em circulação por localidades próximas, como Ladario, São Domingo e Acuriçal. É importante lembrarmos, porém, que parte significativa de suas bagagens e equipamentos se encontravam armazenados em Corumbá, fato que delimitava retornos regulares à cidade<sup>101</sup>. A posição central de Corumbá nesse

---

<sup>98</sup> Diário de Strelnikov, 2 de julho de 1914.

<sup>99</sup> Diário de Strelnikov, 8 de julho de 1914.

<sup>100</sup>Os estudos de Manizer intitulados “Neobrazilitsi” (Neobrasileiros) e “A Brazílii kak primer protsessy formirovki novovo obchestva.” (Sobre o Brasil como exemplo do processo de formação de uma nova sociedade) foram ambos apresentados, em 1916, ao círculo de estudos geográficos organizado por Lev Shternberg no MAE. Esse material deverá compor a documentação central a ser analisada em futura pesquisa de doutorado.

<sup>101</sup> Diário de Strelnikov, 8 de julho de 1914.

momento da expedição é bem amparada por Strelnikov e Tanasiichuk no relatório que apresentam ao Laboratório Biológico de Petrogrado (Lesgaft) em novembro de 1915: “Corumbá foi nossa base”<sup>102</sup>.

Ao longo desse período inicial, no entanto, começavam a se pronunciar as diferenças entre os objetivos específicos do trio de etnógrafos e da dupla de zoólogos. Na medida em que Manizer, Fielstrup e Geiman empreendiam sua busca pela localização de populações indígenas, era patente que, para Strelnikov e Tanasiichuk, as florestas das redondezas de Corumbá e das outras localidades já ofereciam as possibilidades de que precisavam para suas coletas e observações. Um exemplo dessa situação pode ser indicado para o período que o grupo passou em Acuriçal, quando os etnógrafos levantavam informações com a população local, enquanto os zoólogos decidiram-se por pequenas excursões nas matas adjacentes, onde permaneceram até 9 de julho<sup>103</sup>. O prolongamento desse cenário provocou, então, o que já estava fadado a acontecer quando, a partir do dia 14 de julho, as porções etnográfica e zoológica da expedição seguiram seus próprios rumos em separado<sup>104</sup>.

## 2.2 Caminhos divididos: Strelnikov e Tanasiichuk

A título de organização, o conteúdo desta seção do capítulo será dedicado aos passos de Strelnikov e Tanasiichuk, os autointitulados naturalistas da expedição. Na seção seguinte, será retomado o momento da divisão do grupo para que seja discutida a parte etnográfica da campanha. Posto de forma sintética, podemos demarcar a trajetória da dupla de zoólogos russos pela América do Sul através dos longos meses que passaram em coleta e observações de fauna e flora nas florestas onde viveram no Brasil, Bolívia e Paraguai. O ponto de partida dos trabalhos foram as matas dos planaltos e morros das imediações de São Domingo, de onde um exemplar da correspondência de Strelnikov foi enviado, fornecendo um olhar sobre a rotina e condições nas quais se encontravam. Na carta em questão, que marca cerca de um mês de atividades na floresta, Strelnikov relata estarem vivendo “como Robinson<sup>105</sup>”, em

---

<sup>102</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916.

<sup>103</sup> Diário de Strelnikov, 9 de julho de 1914.

<sup>104</sup> Diário de Strelnikov, 15 de julho de 1914.

<sup>105</sup> Carta de Strelnikov para Sergei Strelnikov, 28 de julho de 1914, p.1. - O fragmento citado faz referência ao personagem Robinson Crusoe, da obra de mesmo nome de autoria do escritor inglês Daniel Defoe (1660-1731).



“uma cabana simples, coberta com folhas de palmeira e com paredes de troncos de palmeira presos ao chão”<sup>106</sup>. Tendo adquirido um estoque de arroz, sal e um pouco de açúcar na cidade, o consumo de carne dependia da caça, incluída no cotidiano dos zoólogos junto à coleta de frutos para consumo próprio e às excursões diárias de trabalho.

Apresentadas essas descrições registradas por Strelnikov, é necessário notarmos que, na mesma carta, o naturalista aponta, com clareza, que a opção por viver daquela forma representava, ao mesmo tempo, a busca pelas melhores condições de coleta e observação das plantas e animais locais e a expressão do desejo pessoal de experimentar a vida no interior de uma floresta tropical<sup>107</sup>. A importância conferida à dimensão dos objetivos pessoais nessa expedição, discutida desde o primeiro capítulo, é reforçada pela dupla em seu relatório de atividades, onde tratam a coleta de materiais como um empreendimento destinado ao Museu Zoológico da Academia de Ciências e ao Laboratório Biológico de Petrogrado, mas, também, como “trabalho próprio”<sup>108</sup>.

Apesar dos aspectos positivos contidos nas impressões gerais de Strelnikov e Tanasiichuk, os dois zoólogos também passaram por situações não apenas inconvenientes, mas até mesmo perigosas e diretamente associadas à modalidade de trabalho de campo que haviam escolhido. O convívio constante com mosquitos e diferentes tipos de parasitas, por exemplo, aparece frequentemente na documentação, com descrições bastante detalhadas e gráficas de seus ciclos de vida, desde a eclosão dos ovos, passando pela larva até chegar ao organismo adulto na pele. Strelnikov aponta que as atividades de coleta foram, nesse sentido, muito afetadas em diversos momentos, chegando a registrar que, certa vez, Tanasiichuk havia chegado ao ponto de ter tantas picadas nas pernas que não conseguia acompanhá-lo em excursões que exigissem longas caminhadas<sup>109</sup>. Em um documento produzido décadas depois da expedição, Strelnikov chega, inclusive, a mencionar que ambos os naturalistas teriam contraído malária e sofrido com úlceras durante os meses de trabalho na floresta<sup>110</sup>.

---

<sup>106</sup> Carta de Strelnikov para Sergei Strelnikov, 28 de julho de 1914, p.1.

<sup>107</sup> Carta de Strelnikov para Sergei Strelnikov, 28 de julho de 1914, p.2.

<sup>108</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916.

<sup>109</sup> Carta de Strelnikov para Sergei Strelnikov, 28 de julho de 1914, p.3.

<sup>110</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

Outra questão muito presente nos diários dos zoólogos e de todo o grupo, de maneira geral, é o aparecimento ocasional da noção da distância de sua terra natal, que acabava por gerar, em diversos registros, trechos dotados da melancolia daqueles que estão saudosos do lar. Esse ponto se apresenta de forma mais intensa para Strelnikov e Tanasiichuk, estando frequentemente relacionado às deliberações que teciam sobre o isolamento em que se encontravam<sup>111</sup>. Somando-se a isso, o período de seca na região afetava a densidade de animais e a qualidade dos exemplares florísticos a serem coletados, comprometendo, assim o progresso desejável do trabalho. Ao abordar esses problemas, no entanto, Strelnikov demonstra, em suas palavras, o comprometimento e determinação que os moviam em direção a seus objetivos: “Passado o primeiro mês de nossa vida aqui, o trabalho encontra-se em andamento, apesar do pouco sucesso. Mas devemos fazer muito mais, pois fomos muito longe e gastamos recursos para isso<sup>112</sup>”.

Uma última observação a ser feita para essa primeira fase da vida e trabalho de Strelnikov e Tanasiichuk nas florestas da América do Sul se refere ao momento em que seus diários apontam o avistamento, em um dos caminhos de montanha que percorreram, de uma parte da estrutura telegráfica que, segundo foram informados posteriormente, ligava Corumbá a São Paulo<sup>113</sup>. Partindo desse ponto, podemos levantar uma breve discussão que também toma por base algumas das impressões registradas por Strelnikov sobre Corumbá, durante os primeiros dias que o grupo passara ali:

Cidade relativamente pequena, mas com pessoas de origens diversas, falando línguas diferentes. Algumas em busca de aventuras, outras ali para se fixar. Não muitos ficam por muito tempo e vão para outros lugares. Reputação do estado de Mato Grosso, como um todo, de ser lugar de foras da lei. Ficavam, por exemplo, em Corumbá, aqueles que fugiam de pessoas, da lei ou do Estado<sup>114</sup>.

Além disso, Strelnikov complementa as observações dispostas acima ao notar como aquele estado e, de maneira ampla, o Brasil era mal povoado, inclusive apresentando, em suas anotações, alguns números obtidos sobre população e, também, extensão territorial brasileira

---

<sup>111</sup> Carta de Strelnikov para Sergei Strelnikov, 15 de agosto de 1914, p.2.; Anotações de Tanasiichuk, 11 de agosto de 1914.

<sup>112</sup> Carta de Strelnikov para Sergei Strelnikov, 15 de agosto de 1914, p.1.

<sup>113</sup> Diário de Strelnikov, 10 de agosto de 1914.

<sup>114</sup> Diário de Strelnikov, 3 de julho de 1914.

e mato-grossense<sup>115</sup>. Todos esses elementos, identificados nas palavras do zoólogo russo, se encontravam no cerne dos desafios que o Brasil enfrentava em busca de uma ingerência efetiva sobre seus espaços, com “a integração e a ocupação do território, por meio da interiorização da presença do Estado, num movimento de expansão para dentro” (CASER e SÁ, 2010: 364). As medidas que representaram os impulsos em direção à solução desses problemas e, também, sua posição de relevância para a vida política nacional naquela época, foram produzidas na forma de incursões ao interior do território do país, que levaram, originalmente, militares que deveriam estar à frente daqueles que eram considerados os caminhos mais adequados para que se pudesse atingir a integridade física e populacional brasileira: as infraestruturas de transporte e comunicações (SÁ et.al., 2008: 780; 781).

Embora tenham ocorrido de forma mais intensa e efetiva no Brasil republicano dos primeiros anos do século XX, alguns exemplos de expedições que visavam à implantação de estrutura de redes telegráficas e estradas de ferro já datavam da segunda metade do século XIX, especialmente nos anos que se seguiram à guerra da Tríplice Aliança, considerado o momento no qual haviam ficado patentes as fragilidades brasileiras no que tangia ao controle e comunicação com as áreas mais distantes e isoladas do território (SÁ et.al., 2008: 780; DOMINGUES, 2010: 3; 4). Ao se abordar o contexto brasileiro naquela guerra e a temática de controle de fronteiras e integração, é inevitável que se evoque o vulnerável e isolado estado de Mato Grosso e a facilidade com que foi invadido pelas tropas paraguaias de Solano López, em um episódio que ainda marcava a memória da incipiente República brasileira no início do século XX (DOMINGUES, 2010: 3; 4).

Justamente pela importância da região como um dos principais obstáculos à desejada apropriação do território pelo Estado brasileiro, o Mato Grosso esteve presente, de maneira decisiva, nos planos de mais de uma campanha nacional de incursão e inventário no interior:

No que se refere particularmente ao telégrafo, a primeira grande comissão criada pela República foi a Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Rio de Janeiro ao Mato Grosso, que, sob a chefia do Major Gomes Carneiro, esteve em funcionamento entre os anos de 1890 e 1898, alcançando a região do rio Araguaia. No ano de 1900, foi criada outra importante comissão. Colocada sob a chefia do então jovem oficial Cândido Rondon, a Comissão Construtora de Linhas

---

<sup>115</sup> Diário de Strelnikov, 3 de julho de 1914.

Telegráficas de Mato Grosso a Goiás concluiu, em 1906, a ligação telegráfica entre Cuiabá e Corumbá, na fronteira brasileira com o Paraguai e a Bolívia (CASER e SÁ, 2010: 364).

Às campanhas citadas juntou-se a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, que representou, em um período que se estendeu de 1907 a 1915, uma linha de chegada para os esforços estatais em direção a uma infra-estrutura de telégrafos que integrasse o território nacional como um todo, com vistas a uma maior presença na região amazônica. A referida expedição teve Rondon apontado como seu comandante, depois do que foi considerado, a época, o sucesso da campanha que havia liderado em 1900. De volta a expedição russa de 1914 e levando em consideração os registros feitos pela dupla de zoólogos em seus diários, nos é permitido chegar à conclusão de que a localização das estruturas telegráficas encontradas por eles sugere que elas sejam parte das ligações construídas entre 1900 e 1906 entre Corumbá e Cuiabá pelas primeiras incursões de Rondon.

Em prosseguimento à jornada de Strelnikov e Tanasiichuk, pode ser verificada uma melhora em suas perspectivas de coleta a partir do momento em que os dois deixam os arredores de São Domingo e partem para a região chamada de Pantanal do Jacadigo, ainda no Brasil, porém já mais afastada de Corumbá. E ali que eles completam cerca de dois meses e meio de atividades nas florestas do Mato Grosso e, em outubro, cruzam a fronteira para o território boliviano, chegando a província de Chiquitos onde realizaram seu trabalho na região da Bacia de Cáceres, próxima a cidade de Puerto Suarez. Através da análise do material documental dos zoólogos nesse momento, podemos observar que a área boliviana em questão teria representado, em certa medida, uma sequência ao processo de familiarização dos russos com a flora e a fauna dos grandes pântanos tropicais<sup>116</sup>.

Em outras passagens que conferem suporte a essa questão, Strelnikov e Tanasiichuk comentam novamente as dificuldades impostas pelo período de seca, com perda de folhagens na mata e poucos insetos e aves, acrescentando, porém, que os exemplares de vida tropical que encontraram estavam justamente concentrados junto aos corpos d'água, como riachos e pântanos<sup>117</sup>. Nesse sentido, os zoólogos complementam suas observações ao destacarem, em seu relatório, que as regiões de Pantanal periféricas a Corumbá e as áreas que percorreram na

---

<sup>116</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.2.

<sup>117</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.2.

Bacia de Cáceres se aproximarem entre si na condição de extensões das condições climáticas e representantes florísticos típicos das paisagens do Gran Chaco argentino<sup>118</sup>. Ainda sobre o período que passaram nessas regiões, os jovens russos registram os medos iniciais de andarem descalços por alguns lugares, em especial os pântanos, que, quando conseguiram enfrentar, também foram os ecossistemas a renderem o material mais abundante e interessante daquela fase das coletas<sup>119</sup>.

Posteriormente ao período que passaram na Bacia de Cáceres, a dupla de naturalistas russos seguiu viagem com uma excursão até um posto militar na localidade de San Juan, situada na fronteira entre Bolívia, Brasil e Paraguai. De lá, eles cruzaram a fronteira para o Paraguai em um caminho de descida do rio de mesmo nome que chegaria, finalmente, a Assunção<sup>120</sup>. Nesse ponto, é importante destacarmos dois pontos referentes ao roteiro dessa parte da expedição dos naturalistas. Em primeiro lugar, percebe-se um direcionamento, aparentemente predeterminado, de um trajeto com destino à capital paraguaia. O outro ponto se refere à informação de que o governo paraguaio teria concedido passagens gratuitas à dupla, para livre circulação via estradas de ferro e barcos da república<sup>121</sup>. A relevância desses pontos não reside apenas em sua relação entre si, mas também no que dialogam com o papel de um personagem que, naquele momento da viagem, havia sido tão fundamental quanto Ambrosetti, Lafone Quevedo e outros professores e diretores de museus argentinos abordados previamente.

Tanto o projeto de se ir a Assunção quanto as facilidades no que se referem a passagens e locomoção em solo paraguaio foram possibilidades proporcionadas por Rudolph Ritter, ativista social e escritor moscovita radicado no Paraguai. É importante destacarmos que os membros da expedição haviam conhecido Ritter na primeira passagem que fizeram por Assunção, ainda como grupo completo a caminho de Corumbá (BELOV et. al., 2014). Além das assistências já apontadas, os dois zoólogos foram hóspedes de Ritter em Assunção, também valendo indicar que foi sob a responsabilidade do mesmo personagem que ficaram

---

<sup>118</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.3.

<sup>119</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.3.

<sup>120</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916. p.5.

<sup>121</sup> Diário de Strelnikov, 20 de outubro de 1914.

todos os exemplares que Strelnikov e Tanasiichuk haviam coletado até ali, no momento em que os jovens russos partiram para a fase seguinte de sua parte da expedição<sup>122</sup>.

Em se tratando de coleções, portanto, o relatório dos naturalistas registra que, em cerca de três meses e meio de trabalho, haviam sido produzidas, além do volume de observações registradas nos manuscritos, oito latas e noventa vidros contendo material preservado em álcool, compreendendo exemplares faunísticos variados. Também foram coletadas peles de mamíferos e aves diversas, além de “um ninho interessante de *Furnarius*<sup>123</sup>, o exoesqueleto de uma sucuri, entre outros exemplares”. Ainda sobre essa primeira fase da jornada dos naturalistas da expedição russa, é curioso notarmos que, além das coletas e observações concernentes a suas áreas, os dois zoólogos escreveram sobre encontros ocasionais com indígenas, dos quais alguns não chegaram a ser encontrados pelos próprios etnógrafos da campanha, como foi o caso dos tão procurados Kinikinau. É interessante percebermos que também nesses registros são analisadas, de maneira geral, informações recebidas localmente sobre o nível de contato dos referidos indígenas com a civilização moderna e suas condições de sobrevivência frente ao avanço da mesma:

Em todos esses lugares aconteceu de nos depararmos com indígenas semi civilizados, como Kinikinau e Chiquitos. Todos eles falavam espanhol, ainda que muito mal. Poucos resquícios de costumes puros, objetos da vida doméstica e cultos. Não vivem mais, nessas florestas, indígenas sem qualquer contato com a civilização. Há ocasionais ataques aos brancos, ao mesmo tempo em que é uma tarefa quase impossível encontrá-los na época da seca, uma vez que os índios são os únicos que conhecem as poucas fontes de água nesse período. É onde ficam<sup>124</sup>.

De volta à participação importante de Ritter nos planos de Strelnikov e Tanasiichuk, devemos, por fim, apontar uma última e decisiva contribuição, fornecida na forma da indicação e recomendação dos zoólogos ao doutor Santiago Bertoni, a fim de que este lhes fornecesse suporte para a parte seguinte da expedição<sup>125</sup>. Moisés Santiago Bertoni era um botânico e naturalista de origem suíça que, segundo indica Strelnikov, havia abandonado a

---

<sup>122</sup> Diário de Strelnikov, 20 de outubro de 1914.

<sup>123</sup> O gênero *Furnarius* compreende cinco espécies de aves conhecidas por seus ninhos em formato de forno. Uma dessas espécies é conhecida popularmente como João de Barro (*Furnarius rufus*) (GILL e DONSKER, 2019).

<sup>124</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.7.

<sup>125</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.8.

Europa “por odiar a superficialidade e vulgaridade da cultura européia”, imigrando para o Paraguai, onde se estabeleceu, “com amigos e família”, nas florestas da região do alto rio Paraná “para um novo começo”<sup>126</sup>. No final de 1914, Strelnikov e Tansiichuk partiram de Assuncao, via estrada de ferro, para a região do alto Paraná, de onde embarcaram em transporte fluvial para atingirem a comunidade auto sustentável fundada por Bertoni, onde se hospedaram. Em um de seus relatórios, Strelnikov da conta da quantidade de pessoas que integravam a comunidade na época de sua passagem por lá, falando em trinta e nove membros, entre familiares e amigos, nenhum deles em condições de trabalho assalariado<sup>127</sup>.

É interessante também destacarmos que, em suas anotações, Strelnikov indica ter descoberto a relação de Bertoni com correntes de ideais revolucionários, provavelmente decisivos para o contato que possuía com Ritter e seu ativismo social. Nesse sentido, Strelnikov destaca as relações de juventude que Bertoni havia cultivado com figuras como os geógrafos e anarquistas Elisée Reclus (1830-1905) e Piotr Kropotkin (1842-1921)<sup>128</sup> (EL HAKIM, 2015). Além disso, a relação de Bertoni com a esfera revolucionária russa aparece representada pelo nome dado à sua própria filha, chamada Vera Zasluch, em homenagem à escritora niilista menchevique de mesmo nome (1849-1919) (BERGMAN, 1980; SHANIN, 2018). Tais aspectos nos permitem perceber, portanto, uma ligação entre essas referências pessoais e intelectuais e a inspiração para o projeto de vida levado a cabo por Bertoni, desde sua crítica à cultura europeia até o modelo sob o qual funcionava a comunidade que fundara.

Em seu relatório, Strelnikov e Tanasiichuk abordam então, aquele que foi o período mais longo de coleta da parte zoológica da expedição. Tendo utilizado a comunidade de Bertoni como base de apoio para suas sucessivas excursões, os dois jovens russos passaram os quatro primeiros meses vivendo nas florestas do alto Paraná, mais especificamente em regiões próximas as fozes dos rios Monday, Iguazu e Acaray, as quais conseguiram conhecer<sup>129</sup>. O trabalho empreendido nesses primeiros meses se limitou à coleta exclusiva de material

---

<sup>126</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

<sup>127</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.8.

<sup>128</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

<sup>129</sup> Diário de Strelnikov, dezembro de 1914 - janeiro de 1915.

zoológico e busca de observações da fauna no meio natural<sup>130</sup>. A essas observações, no entanto, se juntaram algumas nas quais os naturalistas russos afirmam não ter sido raro o aparecimento de bandidos ou perseguidos políticos em diversos pontos das florestas que percorreram no Paraguai. Nesse sentido, Strelnikov demonstra, mais uma vez, o olhar dos membros da expedição aos contextos políticos dos países por onde passaram, quando relaciona essas observações aos constantes golpes e revoluções que tomavam a vida paraguaia naquele momento, destacando, inclusive, duas revoluções apenas durante o período total de seu trabalho nas florestas do país<sup>131</sup>.

Passados os primeiros meses de trabalho nas matas paraguaias do alto Paraná, uma segunda fase da vida dos zoólogos russos ali teve seu ponto de partida no momento em que Bertoni direcionou-os para áreas de florestas mais profundas e “muito interessantes”<sup>132</sup>. Seguindo essas sugestões, Strelnikov e Tanasiichuk inauguraram o período em que viveram nas partes menos acessadas das florestas da região, realizando excursões nas quais se depararam com indígenas de diversos povos Guarani, como poucos indivíduos Gnayaqni, que viviam nas profundezas da mata e raramente eram vistos, os Tupi, Guayná, Kaingang e, por fim, os Kaa-iwuá, com os quais os russos viveram por cerca de três meses. Contribuindo de maneira fundamental para a parte etnográfica da expedição, os zoólogos obtiveram uma variedade de utensílios cotidianos e armas dos Guarani com os quais conviveram, além de terem conhecido suas comidas e estudado sua língua e práticas espirituais<sup>133</sup>.

Apesar de, em última análise, terem sido bem sucedidos em seu convívio com os Kaa-iwuá Guarani e, também, com a produção de trabalhos de fundo etnográfico importante sobre os mesmos, Strelnikov e Tanasiichuk enfrentaram grandes dificuldades em seus primeiros contatos, uma vez que não possuíam conhecimento da língua espanhola e, mesmo que fosse o caso, aqueles indígenas, em especial, também não sabiam falar o idioma, o que, em si, já era um sinal de quão pouco o grupo em questão havia sido afetado pela sociedade moderna até aquele momento<sup>134</sup>. Outro ponto importante se refere à falta de um intérprete

---

<sup>130</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.11.

<sup>131</sup> Anotações de Strelnikov, janeiro - fevereiro de 1915.

<sup>132</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.11.

<sup>133</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.12 e 13. Depois da expedição, Strelnikov viria a publicar sobre os Kaa-iwua (Strelnikov, 1926; idem, 1928b; idem, 1930).

<sup>134</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.13.



para a língua Guaraní durante um longo período do trabalho até que, em um momento posterior dos registros dos zoólogos, se fala em um paraguaio local chamado “senor Gonzalez”, que teriam solicitado que realizasse tal mediação, uma vez que conhecia a língua Guaraní<sup>135</sup>.

A contabilizar de sua chegada a comunidade de Santiago Bertoni, portanto, a dupla de jovens naturalistas permaneceu nas florestas paraguaias por um total de cerca de oito meses, depois dos quais, segundo seus próprios relatos, não havia mais condições físicas ou materiais de dar sequência às atividades<sup>136</sup>. Partindo das terras de Bertoni, Strelnikov e Tanasiichuk retornaram a Assunção em julho de 1915, onde realizaram os preparativos de tudo o que havia sido coletado antes de partirem para Buenos Aires e, enfim, de volta para a Rússia<sup>137</sup>. Ainda durante a organização do material em Assunção, foram constatadas perdas importantes causadas pelas intempéries dos longos caminhos percorridos nas matas do alto Paraná, como foi o caso da coleção entomológica, vítima dos estragos provocados pela umidade e ataque de insetos<sup>138</sup>.

Mesmo considerando o que foi perdido nas circunstâncias do transporte, o saldo material do trabalho de coleta dos zoólogos da expedição compreendeu dezesseis gavetas de coleções de fauna, com treze latas metálicas contendo espécimes em álcool, cento e noventa jarras de vidro, cento e oitenta peles de pássaros e vinte de mamíferos, além de não menos que quinze mil exemplares de insetos e objetos como casas de cupins, entre outros. Em termos botânicos, as inúmeras observações registradas foram acompanhadas de exemplares de plantas de valor medicinal, trepadeiras e outras<sup>139</sup>. Para a parte etnográfica das coleções, o relatório de Strelnikov e Tanasiichuk fala em “todo o tipo de objetos que apenas nós possuímos”, somando um total de cerca de uma centena de utensílios cotidianos, armas, etc<sup>140</sup>. Nesse sentido, podemos tomar essas palavras de Strelnikov e, lembrando também do que fora discutido ainda em Buenos Aires sobre os potenciais vinculados às desejadas coleções sobre os isolados indígenas Kinikinau, para identificarmos as maneiras como os interesses

---

<sup>135</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.13.

<sup>136</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.14.

<sup>137</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.14.

<sup>138</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.14.

<sup>139</sup> Os resultados biológicos da trajetória de Strelnikov e Tanasiichuk também incluíram um estudo sobre cupins do Paraguai. (Strelnikov, 1919).

<sup>140</sup> Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916 p.15.

pela raridade e dimensão exótica dos trópicos e seus materiais estiveram presentes, por séculos, nos objetivos e imaginários europeus, tendo sido não apenas associados a simbologias de domínio e poder, mas também e posteriormente, aos êxitos de instituições e tradições científicas específicas (SA, 2010).

Ainda falando em saldos da viagem, Strelnikov documenta que os ganhos positivos teriam ido além do aspecto material das coleções em si, quando registra que a juventude da dupla e a coragem com a qual enfrentaram diversas situações em uma jornada por um país tão distante do seu atraíram a atenção, o interesse e a simpatia de diversas pessoas que estiveram em seus caminhos, algumas delas tendo, inclusive, oferecido a eles possibilidades de se estabelecerem no Paraguai ou na Argentina como cientistas<sup>141</sup>. Esse foi o caso, segundo Strelnikov, de uma proposta que receberam de professores argentinos, como Ambrosetti, poucos dias antes da partida para a Rússia. De acordo com o que era sugerido, a dupla de zoólogos poderia permanecer no país, pelo menos enquanto a guerra estivesse em curso na Europa, e trabalhar no processo de fundação do Parque Nacional do Iguaçu, desempenhando suas funções na condição de cientistas estrangeiros vinculados a alguma das universidades ou museus na Argentina. Apesar do apelo de suas condições, a proposta foi, no entanto, rejeitada pelos russos que, conforme indica Strelnikov, desejavam acompanhar de perto a escalada histórica de acontecimentos no continente europeu<sup>142</sup>.

### **2.3 Caminhos divididos: Fielstrup, Manizer e Geiman**

Depois de abordadas as características da trajetória dos zoólogos da expedição russa de 1914, retornemos, então, a Corumbá e ao momento em que os diferentes objetivos e as circunstâncias da viagem separaram seus cinco membros nas duas sessões que formavam o empreendimento em sua essência. Nesse sentido, é possível verificarmos que, em determinado ponto da estadia em Corumbá, Strelnikov tece deliberações sobre os diferentes caminhos do grupo e declara que, enquanto eles, os naturalistas, ainda buscavam um roteiro

---

<sup>141</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

<sup>142</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

concreto a seguir, a frente etnográfica da campanha já tinha um plano delineado<sup>143</sup>. Passadas as dificuldades iniciais com relação a busca pelas tribos indígenas, o referido plano consistia em Manizer, Fielstrup e Geiman retornarem ao rio Paraguai, cujo curso deveriam descer, por embarcação, até alcançarem uma localidade denominada Barranco Branco, próxima da qual poderia ser encontrada a aldeia Nalike, onde viviam indígenas da tribo Kadiwéu Guaicuru<sup>144</sup>.

Com uma prática de convivência com os nativos que respondia pelo que almejavam desde a concepção da expedição, o trio de etnógrafos permaneceu em contato direto com os Kadiwéu de Barranco Branco por cerca de dois meses, período em que coletaram rico e diversificado material e puderam estudar, de perto, a linguagem, os rituais, rotina e representações daquela comunidade<sup>145</sup>. Vale lembrar, no entanto, que aqueles indígenas Kadiwéu não eram, a princípio, o grupo que buscavam e, nesse sentido, é importante que se destaque uma passagem de uma carta de Manizer a Shternberg, em que o jovem etnógrafo atualiza o supervisor sobre o momento atual do trabalho, na medida em que deixa claro o que representam as informações e coleções levantadas naquele caso específico: “Eu me lembro da coleção dos Kadiwéu que temos no museu acadêmico. Provável que não consigamos acrescentar algo novo nesse sentido, mas talvez possamos elucidar aquilo que já temos<sup>146</sup>.”

Se tomarmos o trecho em que Manizer fala em uma coleção de Kadiwéu já existente no “museu acadêmico”, se referindo ao MAE de Petrogrado, devemos partir da premissa de identificar a origem desse primeiro material que, em si, já fornecia uma noção importante, ao menos, de que havia um povo Kadiwéu no Brasil central. A partir desse ponto, portanto, chegamos a um outro fragmento interessante de correspondência, no qual Manizer nos permite retomar a discussão sobre a importância do trabalho do tcheco Albert Fric em suas expedições na América do Sul, em especial aquela em que, financiado pelo MAE, coletou especificamente para aquele museu, como já foi apontado no primeiro capítulo desta

---

<sup>143</sup> Diário de Strelnikov, 10 de julho de 1914.

<sup>144</sup> Diário de Fielstrup, 11 de julho de 1914; Diário de Geiman, 10 de julho de 1914; Diário de Manizer, 11 de julho de 1914.

<sup>145</sup> Diário de Fielstrup, julho-agosto de 1914; Diário de Manizer, julho-agosto de 1914. Fielstrup apresentou um trabalho sobre os Kadiwéu à Sociedade Geográfica Russa depois da expedição. O trabalho só seria publicado, porém, muitos anos após sua morte (Fielstrup, 2005). Manizer analisou os Kadiwéu através de suas músicas instrumentais, em abordagem comparativa com as demais tribos que estudou. O trabalho foi publicado postumamente (Manizer, 1918).

<sup>146</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 16 de julho de 1914.

dissertação: “Sobre Fric, de maneira geral, muitos aqui conhecem e esses, inclusive, consideram a si mesmos amigos dele, mas ele mesmo não vimos”<sup>147</sup>.

No recorte apresentado acima, Manizer se refere a perguntas que os etnógrafos teriam feito, a respeito de Fric, aos indígenas da aldeia Nalike, o que sinaliza a importância do precursor não apenas no que se traduz como alguma expectativa, por parte dos russos, de que o naturalista tcheco estivesse pela região. Ao considerarmos o que Manizer apresenta como sendo as respostas dos indivíduos por eles questionados, além de podermos atestar a passagem de Fric por ali, a julgar pela maneira como os indígenas se consideravam seus amigos, se evidencia que um nível de proximidade havia sido cultivado através de um período de convívio, que, por sua vez, pode ser associado às bases do trabalho etnográfico de campo. Diante desse quadro, devemos observar que, embora esse trabalho de Fric estivesse vinculado a um viés etnográfico, as chaves principais sobre as quais se assentavam as origens da sua sequência de expedições na América do Sul no início do século XX eram, na realidade, outras.

Conforme aponta KORSUN (2012: 72), enquanto botânico, Fric dedicou sua primeira expedição no continente, entre 1901 e 1903, à busca e coleta de plantas tropicais brasileiras. Nessa mesma expedição, porém, o botânico tcheco se viu influenciado por seu encontro com o pintor e viajante italiano Guido Boggiani, que havia escrito um livro sobre os indígenas Kadiwéu e cujo olhar etnográfico Fric já aplicou em sua viagem seguinte, entre 1903 e 1905, tanto para os objetos de interesse, quanto para a metodologia utilizada. A partir, portanto, do contato travado com Boggiani, a orientação etnográfica passou a ser central em suas expedições subsequentes, inclusive a de 1909 a 1912, que foi integralmente financiada pelo MAE e rendeu ao museu “mais de 700 objetos sobre as culturas tradicionais dos Chamacoco, Tumparra, Morotoko, Chiriguano e Kadiwéu” (KORSUN, 2012: 73). Em confirmação ao disposto nesta discussão, a condução de uma pesquisa sobre a base digital de coleções do Museu de Antropologia e Etnografia da Academia Russa de Ciências<sup>148</sup> permitiu verificar que o material sobre Kadiwéu anterior ao da expedição de 1914 se encontra, de fato, registrado no nome de Albert Fric.

---

<sup>147</sup> Carta de Manizer a Shternberg, 16 de julho de 1914.

<sup>148</sup> Endereço para a busca de coleções: <http://collection.kunstkamera.ru>

Ao retornarmos às passagens escritas por Manizer, podemos verificar que, além do momento em que suas palavras trazem o lugar ocupado por Fric como referência recente para o trabalho realizado, também se apresenta a ideia de, a partir de novas atividades sobre um objeto acessado previamente, poder se “elucidar” aquilo que já se tem, nesse caso, em um acervo. Em suporte a essa questão e, ao mesmo tempo, reforçando o caráter fundamental da parceria construída entre Shternberg, Ambrosetti e MAE, identificamos um momento de um dos relatórios de Strelnikov, em que o zoólogo traz a informação de que, após o XII Congresso de Americanistas de 1912, realizado em Londres, o etnógrafo argentino fez uma visita especial ao MAE, durante a qual forneceu indicações valiosas e informações que eles não tinham ou eram muito insuficientes sobre o material que já tinham no museu<sup>149</sup>.

Se evidencia, dessa maneira, a composição de um quadro dinâmico de contribuição bidirecional, no qual não apenas as coleções precursoras desempenham papel de referência, ponto de apoio ou inspiração para aquelas que a ela se seguirão, mas também estas últimas poderão ter agência, no sentido de produzir novos sentidos e informações sobre as primeiras. Ao analisarmos essa questão através de uma perspectiva mais ampla, chegamos à possibilidade de levar esse diálogo para uma visão geral das complexas relações entre conceitos ou ideias precursoras e aquelas que, mais tarde, as agregam, modificam ou ressignificam. Tal ponto de aproximação entre coleções e ideias em produção é capaz de representar uma possível maneira de se apoiar a tese que atribui aos museus a categoria de espaço privilegiado de produção de conhecimento.

Ao levarmos essa proposta em consideração, é necessário entendermos que tal concepção da entidade museu se apresenta de maneira historiograficamente recente, o que pode ser explicado, entre outros fatores, pelas consolidadas tendências tradicionais em se localizar o laboratório enquanto reduto, por excelência, da produção de conhecimento científico (LOPES, 2001: 882). Nesse sentido, vale perceber como a historiografia dos museus da América do Sul mostra-se um indicador adequado desses desenvolvimentos, trazidos como novidades nas últimas décadas, uma vez que podemos verificar que, até então, as disposições gerais da literatura tradicional se limitavam em apenas evocar a categoria de

---

<sup>149</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

museu na forma de menções no contexto de narrativas de cunho essencialmente biográfico, que perspectivavam trajetórias pessoais, enquanto o local era relegado à condição de cenário onde se desenrolavam os eventos abordados (PODGORNY e LOPES, 2013: 16).

Ao deslocarmos o eixo da análise para um espectro mais amplo, podemos notar que, antes dessa problemática, ainda há o debate sobre a própria questão de uma historiografia do conhecimento vinculada a seus locais de produção, em detrimento das tradicionais narrativas universalizantes das ciências, que, por definição, passaram séculos desconsiderando a categoria de local. A partir do momento em que o paradigma da ciência universal passou a ser colocado em xeque, interesses renovados começaram a ser direcionados para discussões em torno daqueles que deveriam ser considerados os locais de produção do conhecimento científico. No processo de concepção e estabelecimento dessa nova historiografia, o movimento de identificação desses locais não atingiu apenas os museus, mas também recebeu o referido status, por exemplo, o “campo”, espaço privilegiado de atuação de viajantes como os jovens russos. Passou a se configurar, assim, um cenário de valorização de elementos que eram anteriormente ignorados ou tratados com inferioridade, de maneira que não apenas os locais, mas também as atividades a eles associadas tornaram-se alvos de atenções e olhares especiais (KURY, 2001; LOPES, 2001; KOHLER, 2002).

Ainda levando em consideração o caráter dinâmico das negociações intrinsecamente associadas aos museus, coleções, sua organização e interpretações das mesmas, podemos engatilhar uma discussão que volta a perspectiva na direção de um interessante e importante debate museológico, no qual se viram canalizados esforços no sentido de se formular uma aproximação em que os museus pudessem ser entendidos como zonas de contato, tais como são enunciadas por Mary Louise Pratt (PRATT, 1991: 34):

Eu uso este termo para me referir aos espaços sociais onde as culturas se encontram, se chocam e se agarram umas às outras, frequentemente em contextos de relações de poder altamente assimétricas, como o colonialismo, escravidão, ou suas consequências como são vividas em muitas partes do mundo hoje.

Introduzida no ambiente de discussões museológicas poucos anos após a publicação do trabalho seminal de Pratt, a proposta provocou debates que não se limitaram a tratar apenas a questão em si, mas que se estenderam em torno de perspectivas mais amplas para a

área (CLIFFORD, 1997). Entre os principais trabalhos a fornecerem suporte de fôlego ao que se pretendia, WITCOMB (2003: 89) se apoia na defesa de que sejam substituídas as interpretações que abordam “o museu como instituição estática e monolítica no centro do poder” por novas leituras que privilegiem seu tratamento como “instituição instável que tenta lidar com os efeitos do encontro colonial, em um empreendimento que tem efeitos positivos e negativos sobre os envolvidos”. Laura Peers e Alison Brown, por sua vez, trazem sua contribuição ao debate empreendendo uma análise da questão através da discussão em torno dos artefatos:

Artefatos em museus incorporam tanto o conhecimento local quanto as histórias que os produziram como, também, as histórias globais da expansão do Ocidente. Processos esses que resultaram na coleta desses artefatos, sua transferência para museus e em sua utilização como fontes de novos conhecimentos acadêmicos e populares. (PEERS e BROWN, 2003: 4).

A tônica verificada para os debates que se debruçam sobre a aproximação entre museus e zonas de contato, especialmente no que se relacionam às negociações e apropriações da transculturação<sup>150</sup>, apresenta-se intimamente associada às trajetórias históricas dessas instituições, com destaque para o período em que representavam dispositivos oficiais da modernidade ocidental, entre meados do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX (PHILIPS, 2005; BARBUY, 2008). Conforme aponta WITCOMB (2003: 18), os museus acabam por lidar, historicamente e em diferentes proporções, com o insistente dilema entre suas tradicionais atribuições civilizatórias e modernizantes e as crescentes tendências de se vincularem às críticas dos modelos ocidentais de desenvolvimento.

Ao abordarmos, a partir do caso dos materiais sobre Kadiwéu, os intercâmbios de sentido e referências estabelecidos entre coleções museológicas e, nesse sentido, o papel do espaço do museu, também podemos trazer essas deliberações, por fim, para as circunstâncias que definem a natureza da própria campanha russa de 1914 e de que maneira o empreendimento se localiza no contexto das relações de troca entre as próprias expedições e a

---

<sup>150</sup> Segundo PRATT(1991:36) “Etnógrafos usaram o termo transculturação para descrever processos em que membros de grupos marginais ou subordinados selecionam e inventam a partir dos materiais transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana”.

presença do MAE no processo. Sobre esse aspecto, devemos evocar uma determinada passagem do relatório escrito por Strelnikov sobre os diversos resultados da expedição, em que o zoólogo russo aponta, com clareza, o esquecimento no qual se encontrava a campanha precursora de Langsdorff antes da viagem dos cinco jovens ao continente. Segundo a indicação de Strelnikov, a segunda expedição russa ao continente sul americano teria, inclusive, resgatado a primeira<sup>151</sup>.

Em outra ocasião, então, na introdução de seu texto sobre Langsdorff para o XXIII Congresso de Americanistas de 1928, em Nova York, Strelnikov explica essa questão, dando conta do fato de que, embora muito vastas e ricas, as coleções e documentos da expedição de 1821-1829 haviam sido, desde a viagem em si, bastante afetadas pelas condições nas quais a campanha foi concluída, inclusive com a doença e degradação do estado mental de seu comandante. Em profusão e desorganização, os materiais permaneceram, dessa maneira, armazenados nos museus russos da Academia de Ciências aos quais se destinaram, contribuindo para a deterioração da memória de Langsdorff e sua expedição no Brasil. Dentre as coleções, segundo Strelnikov, as etnográficas eram as mais substanciais, depositadas na seção sul americana do MAE, o que nos permite lembrar da situação até a gestão de Radlov e Shternberg, discutida no primeiro capítulo<sup>152</sup>.

Conforme indica Strelnikov, esse foi o cenário por muitos anos até que K. K. Hilsen, um dos antigos curadores da sessão sul americana, estabeleceu o objetivo de buscar, em meio ao material, padrões que indicassem suas origens e história. Após sua morte, essa função foi atribuída ao jovem Genrikh Manizer, que viria a integrar, posteriormente, o grupo da expedição de 1914. Tendo publicado, após sua própria expedição, um trabalho sobre a campanha de seu predecessor, Manizer foi um dos primeiros responsáveis por tornar o empreendimento de Langsdorff devidamente reconhecido em seu país<sup>153</sup>. Podemos notar, portanto, que não apenas Manizer e Strelnikov, mas a expedição de 1914 como um todo, apesar de vinculada a um período no qual, conforme já apontado, as campanhas eram marcadas por seguirem os passos de viagens precursoras, acabou tendo a função fundamental

---

<sup>151</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

<sup>152</sup> Strelnikov, 1928a, p. 751.

<sup>153</sup> Ibidem, p.751.



de conferir sentido, inclusive de existência, aos passos dados por Langsdorff quase um século antes.

Retornando aos registros do período no qual foram realizadas as coletas e estudos etnográficos em meio aos Kadiwéu da aldeia Nalike, é necessário que se delimite que os cerca de dois meses dessa parte da viagem foram passados naquele local apenas por Fyodor Fielstrup e Genrikh Manizer, uma vez que, após o primeiro mês de atividades, Sergei Geiman deixou os demais para seguir sozinho de volta a Buenos Aires. É interessante notarmos, nesse sentido, que, segundo indica uma passagem das anotações de Fielstrup, em cidades centrais e movimentadas seu companheiro poderia exercitar, de forma adequada, sua “veia política” e melhor aproveitar seu interesse pela vida cultural, política e econômica dos países da América do Sul<sup>154</sup>. Sobre essa veia política de Geiman, não apenas vale recordar as iniciativas de contato de imprensa para a divulgação da expedição desde seu princípio, mas também deve ser apontado o trecho de uma das cartas de recomendação obtidas pelo russo para outra parte de sua viagem. No referido documento, se fala que um dos objetivos de Geiman na América do Sul teria sido o de “propaganda migratória”<sup>155</sup>.

A partir desse ponto e levando em consideração outras cartas na documentação, que se referem a encontros de Geiman com membros de uma colônia russa socialista na cidade paraguaia de Villarica<sup>156</sup> e, também, sua presença em uma colônia croata de nome “Hrvatski Dom”(Casa Croata), em Punta Arenas, no sul chileno, é possível que se sugira que, por propaganda migratória, a carta se refere a atividades de incentivo à imigração russa para a América do Sul ou, possivelmente, a publicidade sobre a atuação de imigrantes eslavos no continente, já que, em correspondência com Luka Bonacic, da colônia croata, é mencionado interesse por “divulgação”, por meio de Geiman, em jornais russos<sup>157</sup>. Ainda no que se refere a cartas e, especificamente, aquelas contendo recomendações, pode-se dizer que foi devido à profusão das mesmas, fornecidas por professores e diretores de museus em Buenos Aires, La

---

<sup>154</sup> Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.

<sup>155</sup> Carta de recomendação de Julio M., do museu de Mendoza, para ida de Geiman, além de um médico austríaco e sua esposa, ao Chile e Peru, 6 de janeiro de 1915.

<sup>156</sup> Carta de Clebseh Alfredos a Geiman sobre a colônia socialista russa em Villarica, Paraguai, 1 de novembro de 1914.

<sup>157</sup> Carta de Luka Bonacic, da colônia croata Hrvatski Dom de Punta Arenas, a Geiman, 22 de abril de 1915.

Plata e ao longo de seu caminho, que foi possível a Geiman visitar diversos locais e coletar material etnográfico.

Após uma breve segunda passagem pela capital argentina, Geiman se dirigiu para o Paraguai, onde visitou as cataratas do Iguazu e, posteriormente, foi a Montevideu, no Uruguai, de onde viajou por algumas localidades do território daquele país<sup>158</sup>. De volta a Buenos Aires no final de 1914, o economista e antropólogo amador russo obteve as cartas de recomendação que o levariam, entre dezembro daquele ano e janeiro de 1915, a Mendoza, onde foi autorizado a conhecer as coleções de museus locais e fez novos contatos que, por sua vez, o indicaram para estudar indígenas, inicialmente, na região de Temuco, no Chile<sup>159</sup>. Em abril daquele ano, os caminhos, convites e recomendações de Geiman o levaram, então, para a Terra do Fogo, no extremo sul do continente, onde também realizou coletas<sup>160</sup>. Entre junho e julho de 1915, o russo esteve em coleta na região de Formosa, no Chaco argentino e, atravessando a fronteira, no Chaco boliviano, o que fez dele o único membro da expedição a, afinal, estudar indígenas da região, valendo-se da variedade de contatos e portas abertas para economizar em seu percurso<sup>161</sup>.

Os rumos de Geiman ainda o levaram a diversos outros locais, em uma longa e impressionante jornada que, em 1916, o localizava nos Estados Unidos, enquanto seus companheiros de campanha já se reuniam em solo russo para organizar o material coletado e seus estudos (BELOV et.al., 2014: 272). Ao longo das análises realizadas sobre a documentação da expedição de 1914, foi localizado um relatório esquematizado, produzido por Geiman em julho de 1915 para organização do material coletado por ele até aquele momento e que seria fornecido ao Museu Etnográfico da Universidade de Buenos Aires, do qual Ambrosetti era diretor. A partir desse documento, é possível verificar os povos indígenas estudados pelo jovem russo até aquele momento, entre eles, os já abordados Kadiwéu no Mato Grosso, os Araukan de Temuco, os Charotes e Matakó, respectivamente das regiões dos rios Pilcomayo e Bermeko, no Chaco argentino, além dos Toba do Chaco boliviano<sup>162</sup>.

---

<sup>158</sup> Diário de Geiman, novembro-dezembro de 1914.

<sup>159</sup> Diário de Geiman, dezembro de 1914 - janeiro de 1915.

<sup>160</sup> Diário de Geiman, fevereiro-abril de 1915.

<sup>161</sup> Diário de Geiman, junho-julho de 1915.

<sup>162</sup> Relação de itens a serem depositados no Museu Etnográfico da Universidade de Buenos Aires (Geiman), julho de 1915.

Voltando as atenções para meados de 1914 e para a dupla composta por Manizer e Fielstrup, após os meses em convivência com os Kadiwéu de Nalike, os etnógrafos russos se dirigiram a uma localidade denominada Bananal, situada a cerca dois quilômetros da estrada de ferro Visconde de Taunay, onde passaram alguns dias em coleta de material com indígenas Terena. Em seguida, se deslocando para as imediações de Aquidauana, ainda no Mato Grosso, estudaram indígenas Xavantes por cerca de uma semana. Apesar do menor período de tempo despendido nessas duas passagens, Manizer e Fielstrup foram bem sucedidos em apreender muitos utensílios comuns dessas comunidades, além de registrar alguns de seus contos, lendas, rituais e músicas, de acordo com suas bases de interesse de estudo<sup>163</sup>. Com relação a músicas, vale destacar que esse era um ponto constantemente observado e que, posteriormente, Manizer chegou a publicar um trabalho sobre os instrumentos fabricados e utilizados por todos os indígenas que estudou no Brasil<sup>164</sup>.

Foi, então, depois de coletado esse substancial e diversificado material sobre Kadiwéu, Terena e Xavante, que a dupla de etnógrafos vivenciou o maior contratempo de sua viagem. Apenas alguns dias depois da passagem por Aquidauana, Manizer e Fielstrup se decidiram por percorrer um dos trechos fluviais de seu caminho remando duas canoas pequenas ligadas entre si para se deslocar pelo rio Paraguai. Durante a travessia, porém, os jovens russos foram atingidos por uma forte tempestade que virou as canoas, em um episódio que não vitimou fatalmente nenhum dos dois, embora tenha causado a perda dos objetos coletados e registros realizados até aquele momento<sup>165</sup>. Entre o material perdido se encontravam as páginas manuscritas por Fielstrup do que deveria, mais à frente, se tornar seu estudo sobre os Kadiwéu. Conforme aponta Strelnikov, o ocorrido, portanto, faria com que a publicação intitulada “Kadiwéu” consistisse em uma reedição dos escritos de Fielstrup com base, exclusivamente, em sua memória do que havia sido produzido antes do acidente<sup>166</sup>.

Viradas as canoas, então, Manizer e Fielstrup conseguiram nadar até uma das margens e, com roupas encharcadas, caminharam até conseguirem retornar a Barranco Branco, de onde iniciaram um processo de recuperação, com ajuda dos indígenas, de parte dos objetos

---

<sup>163</sup> Diário de Fielstrup, setembro-outubro de 1914; Diário de Manizer, setembro-outubro de 1914.

<sup>164</sup> Manizer, 1918.

<sup>165</sup> Diário de Fielstrup, setembro-outubro de 1914; Diário de Manizer, setembro-outubro de 1914.

<sup>166</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

que haviam sido coletados em cada uma de suas paradas anteriores (Ibidem: 268). Depois desse processo, os etnógrafos se dirigiram para Porto Esperança e, a partir dali, para o oeste do estado de São Paulo. Àquela altura, porém, a experiência do acidente recente havia provocado a decisão de que um dos dois deveria regressar a Buenos Aires, para fins de organização e preservação do material já coletado, enquanto o outro seguiria a viagem no Brasil<sup>167</sup>. Coube a Fielstrup, portanto, voltar a capital argentina, onde chegou no final de 1914 e finalmente se viu a par do desenrolar dos conflitos na Europa.

Até então alheio às notícias que chegavam a América do Sul, apenas naquele momento o russo tinha noção do início oficial da Primeira Guerra Mundial e do assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando, em 28 de junho daquele ano, além dos riscos e restrições que representava uma tentativa de retorno à Rússia (GARAMBONE, 2003 ; COMPAGNON, 2014). Segundo aponta a documentação, o portador de muitas dessas informações teria sido Juan Ambrosetti, que também foi quem apresentou a Fielstrup a proposta de lhe fornecer uma passagem para que embarcasse em um navio militar argentino que faria um trajeto de circunavegação do continente, incluindo escalas em algumas ilhas do mar do Caribe<sup>168</sup>. Em fevereiro de 1915, portanto, foi iniciada a longa viagem de Fyodor Fielstrup a bordo do Presidente Sarmiento. Dadas as breves escalas do caminho, não foi possível para o etnógrafo fazer incursões locais ou realizar coletas, tendo sido as marcas de seus diários de bordo as rápidas observações registradas, cujo conteúdo permite se ter uma ideia de algumas características dos países e regiões por onde passou<sup>169</sup>. De volta a Buenos Aires em novembro daquele ano, Fielstrup levou alguns dias em preparativos para seu retorno à Rússia<sup>170</sup>. Enquanto isso, Genrick Manizer havia seguido com seu trabalho em solo brasileiro, que será um dos assuntos discutidos no próximo capítulo.

---

<sup>167</sup> Diário de Fielstrup, setembro-outubro de 1914; Diário de Manizer, setembro-outubro de 1914.

<sup>168</sup> Diário de Fielstrup, fevereiro de 1915.

<sup>169</sup> Diário de Fielstrup a bordo do Presidente Sarmiento, fevereiro - novembro de 1915.

<sup>170</sup> Diário de Fielstrup, novembro de 1915.

### 3.1 Entre Kaingang e Botocudos: Manizer e o Serviço de Proteção aos Índios

Consumada, então, aquela que seria a última separação de rumos entre os membros da expedição, Manizer seguiu em uma jornada solitária que o levaria, por meio da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que ligava São Paulo e Mato Grosso, até as redondezas da estação ferroviária Hector Legru, no oeste paulista, onde habitavam indígenas Kaingang<sup>171</sup>. A respeito de seu período de convivência com aquela tribo, Manizer reportaria à Sociedade Antropológica Russa em dezembro de 1915, já de volta a seu país. Além disso, o valioso trabalho realizado pelo etnógrafo russo foi posteriormente organizado para dar origem ao estudo intitulado “Os Kaingang de São Paulo”, um dos seus trabalhos com publicação póstuma e apresentado, por seu colega Strelnikov, no Congresso de Americanistas de 1928<sup>172</sup>. Ao lado dos registros pessoais de Manizer, esse volume fornece as bases para que sejam discutidos alguns pontos pertinentes ao presente capítulo.

Um dos pontos mais importantes consiste na presença de estruturas do governo federal atuando diretamente sobre os indígenas, um elemento até então ausente como variável nas observações documentadas pelos jovens russos. Nesse sentido e nos atendo aos indígenas brasileiros, os já apresentados Kadiwéu, Terena e Xavante, além de outros povos do isolado estado de Mato Grosso ainda viviam com alguma distância em relação a dispositivos governamentais, enquanto os Kaingang do oeste de São Paulo e os Botocudos da região do rio Doce, ambos alvos dos estudos de Manizer, já se apresentavam em contato direto e constante com uma tutela estatal direta. Nesse momento, tal tutela era representada pelos postos e inspetorias implantados pelo chamado Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em seus primeiros anos de funcionamento em áreas do sudeste do país.

O Serviço de Proteção aos Índios passou a existir a partir de um decreto assinado no final do mandato presidencial de Nilo Peçanha (1867 - 1924), em 1910, com a proposta de se realizar um trabalho de pacificação e proteção sobre as populações nativas do país, através da instalação de postos com funcionários do governo próximo a terras indígenas, a fim de

---

<sup>171</sup> Manizer, 1930, p.11.

<sup>172</sup> Ibidem.

produzir um processo de aproximação com esses grupos. Ao analisarmos esse tema à luz do trabalho de Manizer sobre os indígenas do oeste paulista e da informação de que estes haviam sido pacificados pelo SPI já em março de 1912, pode ser destacada, a princípio, a passagem na qual o russo aponta que “o mérito da pacificação dos Kaingang e da segurança da Estrada de Ferro São Paulo - Mato Grosso é devido a um serviço governamental especial, criado em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios”<sup>173</sup>. Esse trecho permite sugerir que Manizer tinha conhecimento de que, a bem da verdade, o interesse urgente em alcançar o patamar de relações pacíficas com os Kaingang paulistas havia sido também, e sobretudo, a pretensão de garantir as condições de segurança no funcionamento da recém-aberta Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Em determinado trecho, a ferrovia em questão atravessava o território Kaingang, fato que já havia produzido diversos confrontos entre os indígenas e os funcionários que trabalhavam na estrada de ferro<sup>174</sup>.

A partir, então, da retomada de alguns tópicos discutidos ainda no capítulo anterior, podemos sugerir que as campanhas para construção de ferrovias e estrutura telegráfica e o Serviço de Proteção aos Índios se identificam e se cruzam não apenas como elementos que marcaram as primeiras décadas de governos republicanos brasileiros, mas também como meios através dos quais esses mesmos governos federais buscaram ampliar sua alçada sobre questões nacionais urgentes, na medida em que almejavam equilibrar forças com a autonomia de que gozavam os estados após a instauração de um sistema federalista com a Constituição de 1891 (STAUFFER, 1959: 78). Além disso, podemos falar em uma relação de causalidade entre ambas as partes, uma vez que as expedições ao interior e os projetos de integração nacional acabaram por ser decisivos em deflagrar uma atenção renovada à questão indígena, em termos teóricos e práticos (Ibidem: 75). Em outro momento de seu texto, Manizer indica ainda outra razão importante a expor os Kaingang do oeste paulista àquela posição de delicada evidência:

O solo da floresta virgem habitado pelos Kaingangs é a famosa “terra roxa”, extraordinariamente fértil e particularmente propícia à cultura do café; e esta é, precisamente, a causa pela qual os dias que restam de vida aos selvagens estão contados. As plantações de café, esse tão precioso arbusto do Brasil, já se estendem

---

<sup>173</sup> Ibidem, p.11.

<sup>174</sup> Ibidem, p.13. Em seu estudo, Manizer observa as posturas invasivas e autoritárias assumidas sob o pretexto de um trabalho de “pacificação”, que costumava incluir o remanejamento de indígenas nas terras e outras atitudes no sentido de induzir as populações a viverem sob a tutela do governo.

além da estrada de ferro que atravessou essas florestas inacessíveis; a floresta não tem condições de lutar contra esse novo inimigo<sup>175</sup>.

Partindo da observação das pressões sofridas pelos indígenas, Manizer considera como fatores a conferirem valor e interesse científico a seu estudo esses processos que, durante seu período de estadia na região, minavam a existência dos Kaingang e, segundo o mesmo, apontavam para o iminente desaparecimento daquele povo<sup>176</sup>. Segundo nos informa Manizer, a estrutura daquele Posto da Inspetoria de Índios do Estado de São Paulo agregava dois conjuntos de habitações, separados entre si por cerca de meio quilômetro de distância. Dos agrupamentos, a chamada Vila Kaingang ficava mais próxima da estação ferroviária e abrigava, no interior de uma grande clareira cercada por floresta densa, os funcionários do Posto, com destaque para o diretor, na época o capitão reformado do exército Manuel Sylvino Bandeira de Mello (MELLO, 1982), e sua família. Enquanto Vila Sophia era o local onde, já dentro da mata, viviam apenas os indígenas, com os quais só era permitido fazer contato mediante autorização do diretor do Posto e na presença de um intérprete<sup>177</sup>.

Dessa maneira, se configurava, portanto, um cenário no qual uma espécie de ambiente controlado se colocava diante de Manizer como não havia ocorrido anteriormente, tendo sido, inclusive, essas condições determinantes, ao lado da falta de um bom intérprete indígena, para o relativamente curto período da presença do etnógrafo russo entre os Kaingang<sup>178</sup>. Em outro momento de seu estudo, Manizer fornece maiores informações sobre a dinâmica encontrada no Posto e suas possibilidades para trabalhar na Vila Sophia:

Evidentemente, os índios não têm aprendido quase nada e não abandonaram de forma alguma os seus costumes, no espaço desses dois anos e meio. O papel do diretor consiste exclusivamente em conservar as boas disposições dos índios, evitar por todos os meios possíveis os mal entendidos e as querelas, e proteger os índios de toda influência estrangeira. Para que não houvesse nenhuma complicação, livrou-se até dos intérpretes provenientes dessa mesma tribo e trazidos do Estado do Paraná, tão logo seu serviço não era mais absolutamente necessário. Na qualidade de intérprete há, no momento, um rapaz brasileiro que está a par da linguagem apenas o necessário para manter o status quo e não apresenta, por consequência, inconveniente de nenhum dos lados. As funções administrativas consistem em

---

<sup>175</sup> Ibidem, p.13.

<sup>176</sup> Ibidem, p.9.

<sup>177</sup> Ibidem, p.15.

<sup>178</sup> Ibidem, p.9.

desfazer os mal entendidos e desmentir pacientemente os burburinhos de todo tipo e os mexericos que constantemente causam alarde entre os índios; e ensinar-lhes longa e pacientemente a não meter os pés numa toalha limpa, a não enfiar as mãos nos pratos dos outros, a não andar totalmente nus, a não brigar entre si, etc<sup>179</sup>.

A partir dessas disposições de Manizer, devemos chamar a atenção para alguns elementos importantes, como é o caso da menção feita por ele a indivíduos identificados como indígenas da mesma tribo advindos do Paraná, sugerindo a existência de outros grupos, ao que o jovem russo confirma, em outras passagens ao longo de seus registros, falando em Kaingang de regiões meridionais, inclusive fazendo referências à bibliografia disponível, naquela época, sobre eles<sup>180</sup>. Outro ponto a ser levantado no fragmento diz respeito aos esforços empreendidos, pelo diretor e demais funcionários da Vila Kaingang, no sentido de conduzir os indígenas a certos aprendizados considerados mais adequados a uma vida integrada ao que consideravam como sociedade moderna e civilizada. Mais adiante na mesma passagem, o etnógrafo apresenta alguns hábitos e práticas que se tentava introduzir na rotina dos Kaingang paulistas e, nesse sentido, é necessário que seja chamada a atenção para o fato de não estarem presentes, nos exemplos enumerados, elementos que se contrapunham diretamente às crenças e aos rituais espirituais daqueles indígenas, como é observado por Manizer em outro momento do texto:

O caráter não religioso do governo republicano e dos agentes faz com que não se toque em nada na religião dos índios. A administração do posto considerara, em princípio, como inadmissível opor-se de qualquer forma aos seus ritos e cerimônias; os empregados vão mais além nesse sentido e oferecem cooperação para as festas, as danças e os funerais; aconteceu mesmo que uma vez um enterro foi inteiramente executado pelos operários, num momento que os índios tinham se recusado a tomar parte nesse funeral, mas que foi feito segundo suas indicações e seus costumes. Os índios apreciam esse tipo de apoio e não perdem a ocasião de recorrer a ele<sup>181</sup>.

A relevância dessa observação sobre as atitudes do SPI, naquele momento, em relação às práticas religiosas dos Kaingang se apresenta de tal maneira que, anos mais tarde, esse viria a ser um dos pontos destacados pelo zoólogo Strelnikov ao realizar, em um relatório, um

---

<sup>179</sup> Ibidem, p.15.

<sup>180</sup> Ibidem, p.11,12.

<sup>181</sup> Ibidem, p.15,16.



retrospecto a respeito do trabalho de Manizer na expedição de 1914<sup>182</sup>. Além disso, ao fazer menção ao “caráter não religioso do governo republicano”, o etnógrafo nos fornece um gancho para chamar a atenção para as bases de implantação do SPI enquanto dispositivo tipicamente criado nas primeiras décadas da República brasileira. Como um reflexo do processo de separação entre governo e Igreja após a instauração do regime republicano, o SPI foi criado como um departamento do Ministério da Agricultura e cujas diretrizes leigas para instrução dos indígenas representavam um rompimento com a tradição secular de se delegar essas atividades ao trabalho missionário católico, logicamente despertando a oposição de setores religiosos à natureza puramente burocrática e estatal do programa (STAUFFER, 1959: 73).

Ainda no que se refere à última passagem destacada do estudo de Manizer e retomando, também, a citada anteriormente a ela, é possível identificarmos o ponto em que se trata das relações diárias travadas entre os funcionários do Posto da Inspeção e os Kaingang, tanto nas já abordadas tentativas de instrução dos indígenas, quanto nos cuidados mantidos no trato com os mesmos e a preocupação em não gerar conflitos ou mal entendidos que pudessem prejudicar o trabalho de pacificação e integração. Em determinado ponto da última citação, percebemos que Manizer observa, inclusive, a maneira como funcionários do Posto teriam, certa vez, se encarregado de um funeral nos moldes dos Kaingang.

Sugerimos, então, discutir esses tipos de negociações à luz de algumas formulações produzidas por Palmer (2006) para analisar os intercâmbios tecidos entre agentes de saúde da organização filantrópica Fundação Rockefeller e habitantes dos países da América Central e do Caribe que eram os alvos de seu programa nas primeiras décadas do século XX. Guardando-se as devidas particularidades dos objetos em questão, é possível que se identifique os processos selecionados por Palmer e as relações entre funcionários do SPI e indígenas no Brasil do início do século XX no sentido de uma pretensa verticalidade dos respectivos programas tratados, leia-se atividades de saúde da Fundação Rockefeller e o trabalho de instrução do Serviço de Proteção aos Índios. Essa verticalidade, no entanto,

---

<sup>182</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

encontra os obstáculos contidos nos diferentes conceitos e representações das populações escolhidas como alvos da ação desses processos (PALMER, 2006: 21).

É comum para esses tipos de análise, portanto, a verificação de dinâmicas de adaptação dos programas aos variados tipos de agência de seus objetos. Em nome do sucesso de sua agenda, por exemplo, os agentes de saúde global da Fundação Rockefeller se engajaram em negociações de seus próprios mecanismos de instrução sobre hábitos básicos para prevenção da ancilostomíase em regiões como as colônias britânicas de Trinidad e Guiana, em um processo de tradução do discurso de saúde pública para narrativas que fossem menos afastadas ou abstratas para as concepções locais (Ibidem: 29). De maneira similar, os funcionários dos Postos do SPI, não apenas na Vila Kaingang, tiveram que aproximar suas abordagens educativas da realidade e costumes dos indígenas, enquanto também investiram em um certo nível do tato necessário à manutenção do cenário de pacificação, como é apontado por Manizer.

Apesar de podermos traçar esse tipo de paralelo entre os casos, vale ressaltar a diferença importante que subjaz às agendas dos programas em suas origens. Nesse sentido, Palmer encontra, nas bases que alicerçam a saúde global da Fundação Rockefeller, disposições médicas totalizantes, no sentido focaultiano, que respondem por abordagens como “vigilância biológica, registro, examinação e tratamento de uma população para erradicar doenças e maximizar a vitalidade” (Ibidem: 21). O autor, então, parte desse ponto para ir além e complementa, afirmando que, “nesse sentido, os programas de Saúde Global eram encarnações pioneiras da “biopolítica” que muitos acadêmicos percebem como característica dos regimes de saúde internacional” (Ibidem: 21). Ao trazermos a comparação para a análise do SPI, porém, notamos que, em sua essência, esse dispositivo governamental não previa tamanha verticalidade em suas atividades, privilegiando, de partida, formas de aproximação e contato menos invasivos com vistas, então, a um processo de integração dos indígenas à sociedade que, em um primeiro momento, deveria respeitar certos pontos, como a já apontada questão religiosa.

Corroborando com essa visão, ERTHAL (1992: 155;156) fornece informações sobre o chamado processo de “atração”, empregado pelo Serviço antes da chamada pacificação e baseado em regras e práticas como: a) O grupo de atração deveria ser composto por

trabalhadores esclarecidos sobre a dinâmica e problemas de contato; b) O chefe dessa equipe deveria ter experiência em trabalho com indígenas; c) O grupo de atração deve estar instalado no interior do território indígena; d) Indígenas pertencentes ao mesmo tronco linguístico que aqueles a serem pacificados deveriam estar presentes; e) Deveria ser construído um Posto protegido, com plantação e roçado; f) Exibir armas de fogo em caso de ataque dos indígenas hostis, demonstrando poder que não seria usado contra eles e; g) Distribuir os indígenas intérpretes pela mata e instalação de tapiri com presentes, a fim de estabelecer as trocas que seriam o “namoro” inicial com os indígenas arredios. É importante indicar, no entanto, que, em termos práticos, o programa original do SPI foi aplicado de maneira relativamente efetiva apenas em seus primeiros anos de vigência, uma vez que os Postos das Inspetorias logo passariam a apresentar diferentes níveis de problemas relacionados à falta de recursos, corrupção e abusos contra os indígenas, em um cenário que culminaria, já em meados do século XX, no acolhimento de inúmeras denúncias contra seu funcionamento, que levou a demissões em massa e ao encerramento do Serviço, substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1967 (BIGIO, 2007: 15; BRITO e LIMA, 2013: 96).

Ao se falar nas bases do SPI, no entanto, é inevitável que se chegue à figura do marechal Cândido Mariano Rondon (1865 - 1958), primeiro diretor deste serviço e uma das principais mentes por trás da formulação de sua política e atividades (BIGIO, 2007: 14). Se voltarmos ao âmbito das relações existentes entre o SPI e as campanhas nacionais para construção de ferrovias e estrutura telegráfica, identificamos Rondon como ponto de interseção decisiva por sua atuação prática nesses programas e, também, por sua ativa participação nos acalorados debates sobre indígenas, desenvolvimento e integração que movimentaram setores intelectuais nos primeiros anos do século XX. Nesse período, Rondon fazia parte de uma ala positivista relacionada à burocracia do governo federal que, inscrita nos urgentes debates, foi responsável, junto a cientistas do Museu Nacional, como Roquette Pinto (1884 - 1954), pelo alicerce teórico para a criação, em 1910, do Serviço de Proteção aos Índios (Ibidem: 17). O novo dispositivo estatal deveria atuar, portanto, em concordância com a concepção positivista da transitoriedade do indígena, segundo a qual os nativos teriam a perspectiva de se tornarem civilizados e adquirirem o status de trabalhadores nacionais, desde que acompanhados e orientados para tal (OLIVEIRA, 1985; BIGIO, 2007).

O decreto que inaugurou o SPI foi lançado, entretanto, após o momento em que os debates e tensões envolvendo a questão indígena alcançaram seu ponto de maior acirramento, entre 1907 e 1908, a partir de determinados eventos e declarações, entre os quais destacamos um dos de maior relevância e que, além disso, revela uma surpreendente relação com a expedição russa de 1914. A situação em questão tomou lugar durante a realização do XVI Congresso Internacional de Americanistas de 1908, em Viena, mais especificamente na sessão do dia 14 de setembro, quando, pedindo a palavra, o jovem tcheco Albert Vojtech Fric teceu um elaborado discurso de denúncia à calamidade na qual estavam vivendo os indígenas brasileiros, baseando seus relatos em sua experiência de viagens, estudos e coletas por diferentes partes do país (STAUFFER, 1959: 169; 170).

Dessa maneira, além de elevar os horizontes de discussão da polêmica indígena brasileira, fazendo a arena de debates alcançar uma audiência intelectual estrangeira, Fric provocou, no Brasil, a reação especialmente contundente do naturalista alemão e diretor do Museu Paulista Hermann von Ihering (1850 - 1930) (Ibidem: 173), que se situava, em suas formulações antropológicas, em uma posição diametralmente oposta à de Rondon e seus colegas positivistas no bojo das disputas acerca da “capacidade ou não de evolução dos povos indígenas” (LIMA, 1987: 172). Causando uma onda de reações no campo intelectual, Ihering já havia elaborado, em seu *A Antropologia do Estado de São Paulo*, publicado em 1907 (IHERING, 1907), uma clara separação que apresentava, de um lado, os indígenas que, apesar de primitivos, eram pacíficos e, portanto, se concebia sua incorporação à sociedade nacional e ao mundo do trabalho, enquanto, do outro lado, trazia os nativos que eram violentos e perigosos em sua origem, caracterizando um grupo para o qual não havia qualquer perspectiva de evolução ou convívio (FERREIRA, 2005: 428).

Ainda nesse mesmo estudo, Ihering aborda, como um dos principais exemplos dos indígenas violentos, justamente os Kaingang do oeste paulista, com os quais Manizer conviveu, em 1915, atribuindo a esse grupo uma série de crimes que, como previamente apontado neste capítulo, se situaram no contexto dos conflitos com colonos, fazendeiros, funcionários e outros membros de comissões nacionais de infra-estrutura e pesquisa:

Quasi tudo que sabemos da vida dos Caingangs refere-se a observações feitas nos Estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, com relação a Índios aldeados. A cultura dos Caingangs ou « Coroados » de S. Paulo é-nos quasi inteiramente desconhecida,

mesmo por serem elles absolutamente refractários a qualquer relação amistosa com a população brasileira, ainda quando estes estejam em companhia de indígenas que falem a sua lingua. No correr dos últimos annos tivemos a lamentar no Estado de São Paulo o assassinato do Monsenhor Claro Monteiro, facto ao qual já acima nos referimos, bem como dous assaltos practicados contra expedições da Commissão Geographica e Geológica deste Estado. O primeiro destes assaltos deu-se á margem do Rio Feio, tendo sido neste occasião feridos por flechadas o chefe da turma exploradora, Dr. Olavo Hummel e diversos camaradas. O segundo encontro deu-se no Rio do Peixe por occasião da descida das canoas da turma chefiada pelo Dr. Gentil Moura que explorava o curso do Rio do Peixe (IHERING, 1907: 14).

O naturalista alemão parte, então, dessas observações para, mais adiante, sentenciar aqueles indígenas ao extermínio, devido à sua pobreza cultural e à resistência que impunham ao avanço do desenvolvimento representado pelo potencial cafeeiro da região e ao funcionamento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (IHERING, 1907: 215). No decorrer da controvérsia, Ihering desenvolve seus posicionamentos e os reforça em outras oportunidades, como no caso de sua fala no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), quando foi eleito membro honorário, alguns dias após as revelações feitas por Fric em Viena. É ainda interessante notarmos que a fala do jovem tcheco continha críticas severas e diretas aos colonizadores brasileiros e europeus que eram vistos, em geral, como culpados pelo extermínio deliberado dos indígenas, tendo sido a parte contra as colônias alemãs um ponto crucial em provocar a reação de Ihering, que considerava a presença de seus compatriotas no país essencial para seu progresso como nação e sociedade, considerando-os as verdadeiras vítimas de alguns grupos indígenas. Mais tarde, o diretor do Museu Paulista publica o estudo *A Questão dos Índios do Brazil* em 1911 em resposta à criação positivista do SPI, que tratou como “tupimania”, “filoindianismo epidêmico” e “resquício anacrônico do romantismo” (IHERING, 1911: 117, 127).

Ao nos voltarmos para uma nova análise das coleções que, conforme indicado no segundo capítulo, Fric havia levado para o MAE, percebemos que a expedição do tcheco e a campanha dos cinco russos estiveram em regiões em comum e estiveram com indígenas do Chaco e do estado de Mato Grosso, lembrando que ambos os empreendimentos realizaram coletas entre os Kadiwéu de Barranco Branco. Se esses pontos já sugerem uma relação importante entre as expedições, o contato travado entre Fric e Shternberg em meio aos

debates do Congresso em Viena permite-nos propor que o primeiro, na condição de “estudioso dos assuntos indígenas no Brasil Meridional” (STAUFFER, 1959: 169), forneceu informações importantes ao segundo. Manizer, orientado por Shternberg, pode ter ido ao encontro dos Kaingang paulistas já munido do propósito de estudar aquela tribo pelo valor etnográfico conferido por seu possível iminente desaparecimento. Notamos, ainda, que, depois do trabalho com os Kaingang, Manizer chegou a conhecer Ihering e Rondon durante o período em que passou, em estudos e organização de material coletado, no Museu Paulista e no Museu Nacional do Rio de Janeiro, respectivamente. Esses contatos e o envolvimento de Manizer com a literatura sobre os indígenas do Brasil forneceram as condições para que o russo pudesse informar suas próprias perspectivas que, ao que seu estudo publicado indica, se orientavam com proximidade às de Rondon.

Em seu estudo acerca dos Kaingang, o etnógrafo russo avalia o estado da bibliografia sobre o assunto como nada além de “fragmentos de origem fortuita”, tanto no que toca os grupos meridionais quanto, especialmente, quando se fala naqueles do oeste do estado de São Paulo, com as dificuldades encontradas no estabelecimento de contatos pacíficos até o advento do SPI e a implantação do Posto indígena na região<sup>183</sup>. Sobre os Kaingang paulistas, Manizer menciona uma publicação de Luiz Bueno Horta Barbosa (1872 - 1933) que descreve o processo de pacificação desses indígenas, além de um artigo de autoria de um capuchinho italiano chamado Santin da Prade, que o russo caracteriza como “um estudo muito fragmentário baseado em um contato muito passageiro com os selvagens, ou melhor, sobre os vestígios que eles deixaram”<sup>184</sup>.

Abordando, mais tarde, o aspecto geral dos resultados da expedição russa de 1914, o zoólogo Strelnikov atribui valor e importância etnográfica aos estudos de Manizer com os Kaingang paulistas e os Botocudos do rio Doce, além do seu próprio com os Kaa-iwuá do Paraguai por terem sido pesquisas sobre povos pouco estudados ou nunca estudados por cientistas da própria América do Sul, inclusive<sup>185</sup>. No decorrer dos dois meses entre Kaingang e funcionários do Posto da Inspeção de Índios do Estado de São Paulo, Manizer produziu

---

<sup>183</sup> Ibidem, p.11.

<sup>184</sup> Ibidem, p.12.

<sup>185</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

uma série de ricas observações sobre diversos aspectos da vida daquele grupo e sobre a já discutida rotina de convívio em um Posto do SPI, sendo fundamental destacarmos que o russo foi o responsável pelo único registro iconográfico de um sepultamento nos moldes tradicionais da tribo<sup>186</sup>.

Após deixar a Vila Kaingang, o etnógrafo russo passou o mês de fevereiro de 1915 entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, em preparativos para seu retorno à Rússia, mas, em razão das dificuldades que a guerra europeia impunha para uma pronta partida naquele momento, ele se viu obrigado a aguardar por instruções, como informa em um artigo publicado no periódico russo *Birjivie Viêdomasti* no ano seguinte<sup>187</sup>. Nessa situação e vendo seus recursos financeiros completamente esgotados, Manizer não teria condições de usar o tempo livre de que dispunha não fosse a assistência fornecida pelo embaixador do Império Russo no Brasil Piotr Maksimov. A importante participação de Maksimov nos rumos de Manizer se deu tanto no sentido de aconselhamento quanto em termos materiais, como é apontado pelo jovem etnógrafo:

Eu não saberia exprimir, ele disse, qual consideração sinto por sua memória, quando me lembro do afeto e paternal bondade com a qual me recebeu. Ele me aconselhou a reportar imediatamente os principais fatos da minha viagem já terminada e anexar a minha carta à Academia de Ciências, no seu correio próprio, e esperar a resposta com a remessa de fundos necessários para o meu retorno - pois as minhas próprias finanças estavam esgotadas - ele me ajudou com recursos pessoais para ir ver os índios Botocudos, para que durante esse tempo eu pudesse continuar com a minha viagem<sup>188</sup>.

Dessa forma, a partir de março de 1915, Manizer passou um total de seis meses em convivência com indígenas Botocudos que viviam em dois locais diferentes entre Minas Gerais e Espírito Santo: o primeiro deles era o Posto Oficial de Pancas, instalado pelo SPI a cerca de cinquenta quilômetros da cidade capixaba de Colatina. O segundo se tratava de uma aldeia situada às margens do rio Doce e próxima da estação ferroviária Lajão. Dos seis meses na região, Manizer passou cerca de cinco com quatro diferentes grupos de Botocudos (Gout-Krakis, Nak-rékés, Nak-nanouks e Minia-jirunas) que haviam sido conduzidos ao

---

<sup>186</sup> Manizer, op.cit., p.43.

<sup>187</sup> Manizer, 1916a p.8.

<sup>188</sup> Ibidem, p.7.

Posto, enquanto esteve, por mais ou menos um mês, em contato direto com o grupo de Krenaks das imediações de Lajão, que viviam na nascente do rio Mutum e haviam ficado conhecidos por, ocasionalmente, segundo apurou o etnógrafo, aparecerem nas margens norte do rio Doce<sup>189</sup>. Segundo aponta Manizer, esse último grupo era aquele que melhor havia preservado seu modo de vida e representações tradicionais, dado seu histórico muito recente de contatos com a sociedade e a relativa distância que ainda mantinham em relação ao SPI, apesar de, em virtude do estágio de ameaça de seus territórios, tanto eles quanto outros grupos já começavam a depender do fornecimento de alimentos pelo governo federal<sup>190</sup>.

Vale notar que, apesar de frequentemente utilizado, o termo “Botocudo” possui, historicamente, natureza genérica e é atribuído aos diferentes grupos e tribos indígenas que fazem ou faziam uso de adornos labiais chamados “botoques”. Nesse sentido, Manizer introduz o registro de suas observações em “Os Botocudos, segundo as observações recolhidas durante uma estadia com eles em 1915”, esclarecendo a existência, naquele momento, de indígenas considerados Botocudos originários de territórios nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia e, também, os Kaingang que habitavam regiões no Paraná e Santa Catarina<sup>191</sup>. Mais tarde, em setembro de 1917, o diretor do MAE Vasili Radlov falaria, em uma sessão da Seção das Ciências Históricas e da Filologia da Academia das Ciências da Rússia, sobre o trabalho do recentemente falecido Manizer e abordaria, com base no estudo do etnógrafo, a importância de sua pesquisa diante das condições em que viviam os índios Botocudos, de maneira geral, no Brasil:

Os Botocudos estão condenados a desaparecer dentro de algumas décadas - como consequência às invasões de seus territórios pelas linhas de trem e pelos colonos europeus. Uma monografia sobre essas tribos salvará o conhecimento da alma do homem americano do esquecimento; mas seria indispensável uma estadia mais longa entre os indígenas (o Sr. Manizer ficou apenas seis meses), - e também mais recursos<sup>192</sup>.

---

<sup>189</sup> Manizer, 1916b, p.245.

<sup>190</sup> Ibidem, p.246.

<sup>191</sup> Ibidem, p. 244.

<sup>192</sup> Texto de Vasili Radlov, apresentado à XIª Sessão da Seção das Ciências Históricas e da Filologia da Academia das Ciências da Rússia, 20 de setembro de 1917. p.2.



Em suas próprias palavras, Manizer reconhece, de certa maneira, aspectos positivos nos efeitos da condução da agenda estatal incorporada pelo SPI, embora com ressalvas sobre sua durabilidade:

Hoje em dia, após a criação do Serviço de Proteção aos Índios, alguns grupos desfrutaram uma melhoria efêmera: no entanto as pequenas vilas de "civilizados" se deixaram levar novamente pela influência corrupta da população de bandidos dos arredores, e os "não civilizados" voltaram à condição de tímidos ladrões do quintal dos brancos e dos negros<sup>193</sup>.

Naquele período, portanto, o etnógrafo russo teve condições de dar continuidade ao seu trabalho etnográfico em solo brasileiro, além de seu processo de observação das condições de vida de populações indígenas sob a tutela estatal representada pelo SPI. No caso do período em que viveu entre os Botocudos, Manizer pôde contar com intérpretes mais adequados às suas pretensões de maior aproximação dos nativos. Para o trabalho realizado com os Krenaks da aldeia próxima a Lajão, Manizer teve o auxílio fundamental de Cristino, um brasileiro local que cultivava uma relação de proximidade com aquele grupo indígena desde a infância e conhecia sua linguagem. Foi, então, através da mediação de Cristino que o jovem etnógrafo russo foi capaz de apreender o grande volume de informações fornecido, sobretudo, por Mouni, chefe da família principal do grupo<sup>194</sup>. No caso do período em contato com os indígenas que habitavam o Posto de Pancas, Manizer teve seus acessos iniciais proporcionados pelo inspetor Raul Ribeiro e, a partir de então, contou com o suporte e mediação do ancião cego Jerônimo, um Botocudo com bom conhecimento do português que já havia sido líder entre os grupos que viviam ali<sup>195</sup>.

Como nos informa outro dos participantes da Expedição Russa de 1914, o zoólogo Strelnikov, a figura de Jerônimo merece lugar de destaque, já que “através dele, Manizer estudou o idioma botocudo, redigiu textos e compôs um dicionário”<sup>196</sup>. Ainda em seu relatório sobre a expedição, Strelnikov faz elogios à versatilidade e capacidade de Manizer para o trabalho etnográfico e aprendizado de línguas, destacando, nesse sentido, as atividades

---

<sup>193</sup> Manizer, 1916b, p.246.

<sup>194</sup> Ibidem, p.248.

<sup>195</sup> Ibidem, p.252.

<sup>196</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazíliya, Bolíviya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

de seu companheiro em uma escola infantil no Posto de Pancas, onde se esforçou para ensinar o português às crianças indígenas e, com isso, teria avançado em seu próprio conhecimento daquele idioma e do Botocudo, na medida em que investia em seu grau de proximidade com indígenas e funcionários da Inspetoria<sup>197</sup>. Ainda sobre esse tema, o zoólogo complementa suas observações, indicando que “Manizer chegou a dominar tanto o idioma Botocudo que, em determinado momento, chegou a ser apontado vice-inspetor do governo naquele Posto”<sup>198</sup>.

Podemos considerar, portanto, que os avanços das capacidades pessoais e experiência de campo de Manizer se equipararam aos resultados materiais alcançados, com a coleta de amplos e raros objetos, além de atentas observações que deram origem a manuscritos e publicações de grande valor histórico e etnográfico, a exemplo do já mencionado e pioneiro dicionário do idioma Botocudo, dotado de descrições detalhadas dos fonemas das palavras e indicação de exemplos de uso em frases comuns<sup>199</sup>. Concluída a estadia entre os Botocudos, Manizer retornou ao Rio de Janeiro, onde fez os preparativos finais para, enfim, voltar para seu país. Partindo da capital brasileira no dia 20 de setembro de 1915, o russo ainda passaria por uma última e breve escala no estado de Pernambuco antes de fazer a travessia do Atlântico em direção à Europa. Notamos ainda que, curiosamente e ironicamente, no dia do início da viagem de Manizer a bordo do navio Dana, ele finalmente recebeu uma carta em que o MAE declarava ter decidido enviar mais mil rublos para o prosseguimento de seu trabalho etnográfico no Brasil. Já era tarde, porém, para uma mudança de planos daquele tipo

200

De volta à Rússia e através de contatos de Radlov e Shternberg, do MAE, três dos membros da expedição apresentaram seus resultados diante da Sociedade Imperial Geográfica Russa, no dia 13 de maio de 1916. Nesse dia, as falas de Strelnikov sobre os Kaah-iwa do Paraguai, de Fielstrup sobre os Kadiwéu do Mato Grosso e de Manizer sobre os Kaingangs de São Paulo e os Botocudos da divisa entre Espírito Santo e Minas Gerais lhes

---

<sup>197</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

<sup>198</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

<sup>199</sup> Dicionário do idioma Botocudo, Manizer, 1915.

<sup>200</sup> Diário de Manizer, setembro de 1915.

renderam a premiação com medalhas prateadas de honra ao mérito<sup>201</sup>. Tendo esses fatos em vista e ajustando as perspectivas para a seção seguinte deste capítulo, chamamos a atenção para a Sociedade Imperial Geográfica Russa não apenas como a instituição que forneceu uma gratificação aos membros da expedição de 1914, mas como a principal entidade a nos permitir encadear uma discussão sobre o que estava em jogo nas bases da etnografia russa enquanto disciplina acadêmica. Essas mesmas bases são o ponto de partida para identificarmos e entendermos eixos teóricos importantes na orientação dos interesses científicos da expedição que é objeto deste trabalho.

### **3.2 A expedição de 1914 e os rumos da etnografia russa**

Mais de meio século antes do planejamento e realização da expedição de 1914, um ostentoso banquete que, em março de 1845, reunia acadêmicos e viajantes exploradores em São Petersburgo foi a ocasião de concepção de uma antiga ideia do geógrafo e almirante Fyodor Litke e seus colegas, o também almirante Ferdinand Wrangel e o biólogo Karl Ernst von Baer (1792 - 1876), que propunha a criação de uma sociedade intelectual que se concentrasse no estudo dos povos, geografia e recursos dos domínios do Império Russo. Partindo de figuras pertencentes à nobreza e ligadas, em alguma medida, ao czarado, o que era natural para os círculos intelectuais russos, o projeto não tardou em ser acatado pelo czar Nicolau I e, naquele mesmo ano, foi inaugurada a Sociedade Geográfica Russa, patrocinada por setores da burocracia imperial, como o Ministério de Assuntos Internos (ALEKSEEV, 1970; KNIGHT, 1998).

Entre as divisões que se organizavam no seio da incipiente Sociedade Geográfica Russa, a etnográfica foi a que, sem dúvidas, apresentou o maior número de embates e discussões internas sobre qual deveria ser a natureza de suas atividades. Uma razão imediata a propiciar as divergências que tomaram conta dos primeiros anos de trabalhos da divisão era a novidade representada pela etnografia como disciplina estruturada institucionalmente na Rússia, condição que, fatalmente, conduziria a debates envolvendo suas diretrizes teórico-metodológicas (KNIGHT, 1998: 116). A discussão desses debates será parte da base

---

<sup>201</sup> Texto de Vasili Radlov, apresentado à XIª Sessão da Seção das Ciências Históricas e da Filologia da Academia das Ciências da Rússia, 20 de setembro de 1917. p.2.

contextual a dar suporte ao que será proposto na chave dos interesses teóricos que mobilizavam a etnografia russa e, especificamente, os projetos conduzidos pelo MAE no momento em que se deu a expedição de 1914. Também foram esses debates o objeto principal abordado por Knight (1998), onde foi discutido seu teor e o que reivindicavam os as correntes que se formaram ao longo das disputas sobre os rumos da divisão etnográfica da Sociedade Geográfica Russa.

Ainda no primeiro ano de atividades dessa sociedade, se evidenciava o surgimento de uma oposição entre as formulações do biólogo e cofundador Karl von Baer e do editor do *Periódico do Ministério de Assuntos Internos*, Nicolai Nadezhdin (1804 - 1856), para a agenda etnográfica. Nesse sentido, uma chave de leitura possível para o debate se baseia, essencialmente, nas noções de *Volkskunde* - estudo do próprio povo; e *Völkerkunde* - estudo dos diferentes povos, terminologias originárias da ciência alemã para diferenciar linhas de estudo dentro da Antropologia como grande área do conhecimento sobre a humanidade em seus aspectos físicos e sócio-culturais, onde se insere a etnografia (KNIGHT, 1998: 117; VERMEULEN, 2006: 123).

Tendo isso em vista, observamos que Karl von Baer advogava uma proposta que trazia uma concepção de Rússia enquanto “território vasto e inexplorado, povoado por uma multitude de nacionalidades diversas, algumas das quais se encontravam em perigo de desaparecerem da face da Terra.” Nesse sentido, Baer se aproximava do chamado *Völkerkunde*, defendendo o estudo dos diferentes povos como um dispositivo capaz de introduzi-los à civilização e iluminação europeias. Sob essa perspectiva, “os etnógrafos, portanto, deveriam se lançar à coleta e preservação de artefatos materiais e culturais de populações menos desenvolvidas para que as futuras gerações pudessem estudá-las e apreciá-las” (KNIGHT, 1998: 117).

Nadezhdin, por sua vez, não rejeitava explicitamente o estudo de outros povos e nacionalidades, mas era categórico em defender uma etnografia que, como na definição de *Volkskunde*, concentrasse seus esforços e interesses em apenas um deles, no caso os russos. Dessa forma, para Nadezhdin, “os Russos deveriam se preocupar, primeiramente e acima de tudo, em conhecerem a si mesmos”, a partir de uma etnografia que, antes de ser considerada uma ferramenta a serviço de uma missão civilizatória, deveria se apresentar como expressão

de uma identidade nacional (Ibidem : 118). Através desses pontos já é possível notarmos que, apesar do território da Rússia, à época e atualmente, comportar uma grande variedade de povos, as formulações de Nadezhdin apontavam para apenas um desses grupos como detentor da qualidade de “Russo”<sup>202</sup>, e do privilégio das atenções científicas da etnografia proposta. A principal chave a fornecer base para essa determinação estava no caráter especificador do termo *byt*, já abordado no segundo capítulo. Sendo um derivado do verbo russo correspondente ao “ser” da língua portuguesa, sua utilização etnográfica previa o *byt* como um aspecto único e fundamental de cada nacionalidade ou, nos termos russos utilizados por Nadezhdin, *narodnost*<sup>203</sup>, como unidade básica de identificação:

O termo *byt*, em si mesmo, revela muito sobre a natureza da etnografia nacional. O conceito de *byt* – a totalidade de elementos materiais e culturais compreendendo um modo de vida particular – era endêmico à etnografia russa. Diferentemente das noções de civilização, iluminação ou cultura, que dominavam o pensamento dos etnógrafos imperiais tanto na Rússia quanto no Ocidente, *byt* era não hierárquico e não comparativo: não há níveis ou estágios do *byt*. A própria etimologia da palavra, derivada do verbo “ser”, trai sua essência: *byt* simplesmente é (Ibidem: 127).

Além dos elementos materiais e culturais indicados no trecho destacado acima, o *byt* representa, também, as tendências russas em atribuir uma dimensão metafísica à nacionalidade (LEVINE, 1914), gerando sentimentos associados a expressões bastante correntes em sua tradição, como essência nacional, espírito nacional ou, ainda, alma popular, este último verificado em anotações de Strelnikov sobre os “rios históricos” e seus efeitos, conforme apontado no segundo capítulo. Nesse sentido, as diretrizes defendidas por Nadezhdin fomentaram a estruturação da ideia de uma “etnografia nacional” que, como o nome indica, trazia a nacionalidade como unidade fundamental de classificação do espírito humano, caracterizada pelo *byt* para eleger a nação ou alma russa como seu objeto por excelência (KNIGHT, op.cit.: 127). Já o entendimento de Baer apontava para uma “etnografia imperial”, que trataria a nacionalidade russa como uma entre outras muitas que habitavam os limites territoriais do Império e deveriam ser integradas, na medida do possível, à incansável marcha do progresso da humanidade ou, ainda, estudadas com o intuito de

---

<sup>202</sup> Knight(1998) cita diversos trechos de declarações sobre esses debates, onde a palavra “Russo” sempre aparece iniciada com letra maiúscula, sinalizando a importância do termo para designar aquela nacionalidade.

<sup>203</sup> O conceito de *narodnost* aparece na etnografia nacional de Nadezhdin como dimensão metafísica do sentido de nacionalidade. Em outras palavras, *narodnost* é o espírito nacional russo (KNIGHT, 1998, Idem, 2008).

produzir o quadro amplo da “classificação hierárquica dos povos e raças, no topo da qual se encontrava a “raça caucasiana - i.e. o Europeu branco”” (Ibidem: 118).

A partir do que foi exposto até aqui, devemos atentar para o fato de que, embora cada uma das vertentes fosse guiada por noções principais diferentes, isso não significa que elas fossem mutuamente excludentes no arcabouço teórico de seus proponentes e daqueles que se alinhavam a uma ou à outra. Posto em outras palavras, a apologia feita por Nadezhdin com base nos termos que definem o *byt* e a nacionalidade russa em nada impedia que ele nutrisse uma compreensão de mundo que incluísse as mesmas chaves de civilização e iluminação que Baer trazia no centro de suas formulações para a etnografia. Ao analisarmos o caso de Baer, percebemos o mesmo, já que, ao lançar-se ao estudo de um povo específico, ele poderia fazer uso dos preceitos contidos no conceito de *byt* a partir da realização de observações e coleta de materiais. Mais adiante nesta discussão, veremos que a própria expedição de 1914, em sua relação com os interesses do MAE e dos cinco jovens que dela tomaram parte, pode ser vista como exemplo dessas possibilidades. A questão que interessa a este trabalho e que separava Baer e Nadezhdin em suas convicções era, portanto, no que se refere à incipiente agenda etnográfica da Sociedade Geográfica Russa (Ibidem: 116, 117).

Depois de considerado o conteúdo básico das tensões elaboradas entre as propostas desses dois personagens para os rumos etnográficos daquela nova instituição, é importante partirmos para a constatação de que esses debates eram reflexo e parte de disputas mais amplas que, desde a fundação da Sociedade Geográfica Russa, movimentavam seus integrantes ainda nas cadeias de comando. Esse cenário começou a ser produzido já desde o discurso inaugural, proferido pelo geógrafo e fundador Fyodor Litke, e colocava em embate duas perspectivas acerca do modo como deveria funcionar a sociedade, em seus objetivos e atribuições (Ibidem: 110). A progressão dessas disputas internas pôs em evidência, então, a formação de duas alas ou facções que, inicialmente, se enfrentaram com algum equilíbrio (Ibidem: 112).

O primeiro desses grupos era liderado pelos fundadores Litke, Baer e Wrangel, que trataram de nomear figuras chave para as posições de importância na Sociedade Geográfica Russa, como meio de fortalecer suas convicções de que a nova instituição deveria se apresentar como uma ramificação mais especializada do modelo que regia as pretensões da

Academia Russa de Ciências, isto é, a busca por inserção nos círculos acadêmicos europeus através de estudos que fossem “demonstrações da contribuição da Rússia para o pensamento científico moderno” (Ibidem: 111). Entretanto, para aqueles que seguiram a proposta dos irmãos e oficiais Nicolai e Dimitri Milyutin, tanto a postura da Academia de Ciências quanto uma eventual atitude da Sociedade Geográfica Russa de, em seu entendimento, se voltarem para a Europa e dar as costas para os reais problemas russos, era inaceitável e desrespeitosa. A partir dessa negativa, os “burocratas esclarecidos”, como acabaram ficando conhecidos os irmãos Milyutin, propuseram uma sociedade que, em sua atuação, fosse uma ferramenta a serviço da Rússia e para a Rússia. Essas formulações se baseavam, assim, em um forte componente utilitarista e nacionalista que expressava a visão de que, mesmo após a Sociedade Geográfica Russa ter recebido, oficialmente, o status de “imperial” em seu nome, em 1849, ela não deixava de ser, também e principalmente, russa (Ibidem: 112).

Apresentada a configuração desses discursos, podemos notar que, além de representarem um importante cenário de divergência entre a ciência dita pura e universalista e o utilitarismo nacionalista nos setores intelectuais que conduziam a vida científica russa, eles também sinalizavam a delicada relação em que se encontravam, já naquele momento, as categorias de Império e nacionalidade (Ibidem:109, 112). Nesse sentido, ainda vale chamar a atenção para um detalhe interessante a respeito do perfil dos que se alinharam a cada uma das facções formadas na Sociedade Geográfica Russa. O grupo ligado a Litke, Baer e Wrangel era composto, essencialmente, por figuras que, assim como o trio de fundadores, possuíam origem germânica, muitos tendo nascido em partes não russas do Império<sup>204</sup>, enquanto outros construíam parte de suas carreiras na Rússia, com incentivos fornecidos através da Academia de Ciências para atrair o prestígio de importantes acadêmicos, sobretudo alemães, para a ciência nacional. Seria natural assumir, portanto, que tais personagens não seriam identificados com as questões de identidade nacional russa e teriam, assim, concepções e preocupações apartadas das mesmas (Ibidem: 111, 112).

A facção liderada e articulada pelos irmãos Milyutin, por outro lado, era marcada pela predominância de russos étnicos que, como o etnógrafo Nadezhdin, com origens camponesas na província de Riazan, haviam nascido e crescido em ambientes propícios ao florescimento

---

<sup>204</sup> Baer, por exemplo, nasceu onde hoje é o território da Estônia, em uma família de origem germânica (KNIGHT, 1998).

do sentido de uma identidade nacional russa e eram, portanto, críticos contumazes da ciência produzida visando os círculos europeus em detrimento dos assuntos da nação, sendo um dos pontos mais acionados da retórica desse grupo, inclusive, a oposição à ideia de os estudos da Sociedade Geográfica Russa serem publicados em outras línguas, ficando fora do alcance dos russos que, por ventura, não as compreendessem (Ibidem: 112, 115, 120). Apesar do relativo pé de igualdade inicial desses debates, com seus desdobramentos mais específicos na divisão etnográfica, a partir do momento em que a Sociedade Geográfica ampliou o processo de admissão de novos membros, esse cenário mudou drasticamente com o ingresso de um grande número de pesquisadores em vários sentidos mais voltados para as teses defendidas pela “facção russa” dos Millyutin e Nadezhdin. Isso ajudou a promover a gradativa perda de espaço da “facção alemã” de Litke, Baer e Wrangel que, por volta de 1848, já não tinha controle sobre as divisões estatística e etnográfica (Ibidem: 112).

Esse desenrolar dos fatos acabaria sendo determinante para os rumos da prática etnográfica produzida pela instituição e, conseqüentemente, para as disposições gerais dessa disciplina na Rússia. A etnografia russa de meados do século XIX se desenvolveu, então, adquirindo contornos políticos cada vez mais pronunciados e tornou-se uma importante arena de debates e reivindicações a contribuir, de maneira mais ampla, para o processo de emancipação dos camponeses<sup>205</sup> do Império do regime de servidão (Ibidem: 127, 128), como componente de destaque das mudanças que marcaram a chamada Grande Reforma, a partir de 1861, sob o governo de Alexandre II (LINCOLN, 1990; ZAKHAROVA, 1994).

Munidos das informações sobre as bases teóricas dos primeiros passos institucionais da etnografia russa, reajustemos nossas lentes de análise para a expedição de 1914, a fim de chamarmos a atenção para elementos contidos em algumas passagens da documentação e que deverão ser discutidos. Em primeiro lugar, destacamos um trecho eloquente do relatório apresentado pelo zoólogo Ivan Strelnikov, já em 1964, à Sociedade Geográfica Russa, na época chamada de Sociedade Geográfica da URSS. Naquele momento, eram marcados

---

<sup>205</sup> Apesar da variedade de origens possíveis no campesinato do Império Russo, a categoria de “camponês” foi amplamente mobilizada para designar costumes e tradições que estavam na essência da identidade nacional russa, segundo a agenda da etnografia de Nadezhdin. Assim, embora todos os camponeses do Império tenham sido atingidos pelo processo de emancipação, o discurso etnográfico valorizava, especificamente, um tipo de camponês que, em seu *byt*, tinha o *narodnost* Russo de fato (KNIGHT, 1998).



cinquenta anos desde a organização da expedição estudantil e Strelnikov, próximo a seus 80 anos, versava sobre os resultados científicos da campanha da qual participara:

Em nós, jovens, havia inspiração, vontade e espírito de luta, superação de obstáculos e conquista. A alegria de conhecer a grandiosidade e beleza da natureza e do espírito humano nos diferentes passos de seu desenvolvimento, dos primitivos índios às grandes personalidades da ciência e da arte na Rússia e na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, na América do Sul e do Norte e nos diferentes países da Europa, com os quais me encontrei, falei e dos quais aprendi<sup>206</sup>.

Somemos a esse fragmento outra parte do mesmo texto escrito por Strelnikov, na qual o zoólogo afirma que, na viagem pela América do Sul, “conhecemos o luxo e a riqueza da vida na Terra e as fontes da cultura humana”<sup>207</sup>. Nesse sentido, ainda vale acrescentarmos uma observação feita pelo etnógrafo Fielstrup em um de seus manuscritos da viagem, intitulado “Pelo rio Paraguai e os Kadiwéu”, em que caracteriza o continente sul americano como a “menos civilizada parte do Novo Mundo”<sup>208</sup>. O ponto de interesse a proporcionar a análise de uma relação entre as três passagens destacadas se apresenta quando verificamos a utilização de categorias como *civilização* e *cultura* para se falar em partes mais ou menos civilizadas do mundo e, também, em “fontes da cultura humana”. Notemos ainda que, embora os trechos do relatório escrito por Strelnikov sejam datados de um momento bastante posterior à própria expedição, o registro feito por Fielstrup consiste em apenas um dos exemplos de aparição dessas noções em meio à documentação produzida na época da viagem.

Esses fragmentos podem ser considerados, portanto, apenas como primeiros indícios a sugerirem uma possível proximidade do trabalho da expedição com as ideias que, no século anterior, haviam sido as unidades centrais da etnografia proposta por Karl von Baer. Podemos, então, encontrar um complemento a essa sugestão com uma retomada do momento em que, no primeiro capítulo desta dissertação, foram apresentados os claros objetivos de Radlov e Shternberg, no sentido de representarem, com as coleções obtidas e organizadas pelo MAE, um quadro detalhado das populações que habitavam o mundo, em consonância

---

<sup>206</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

<sup>207</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

<sup>208</sup> Anotações de Fielstrup intituladas “Pelo rio Paraguai e os Kadiwéu”, junho-agosto de 1914, p. 4.

com o estudo dos diferentes povos pregado pela modalidade de *Völkerkunde* que o grupo de Baer tentara introduzir na divisão etnográfica da Sociedade Geográfica Russa. Além disso, se seguirmos observando as discussões preliminares do primeiro capítulo, podemos perceber que esses objetivos foram articulados, no MAE, através de uma reestruturação que se baseou em uma mudança de atitudes em relação à organização, aquisição e processamento de coleções que, por sua vez, esteve em direta associação com o processo de expansão dos horizontes de intercâmbio do museu com pesquisadores e instituições europeias, proporcionando sua inserção prática, teórica e metodológica nesses círculos.

Foi, então, esse contexto de objetivos e relações do MAE, alavancado pelo trabalho realizado por Radlov e Shternberg a partir dos primeiros anos do século XX, que, em 1914, produziu o eixo de orientação científica da expedição estudantil à América do Sul. Nesse sentido, vale indicarmos que a própria campanha de 1914 representa, em si mesma, um ponto fora da curva do *Volkskunde* russo de Nadezhdin, que se estabeleceu como corrente etnográfica dominante ao longo da segunda metade do século XIX. A expedição de Manizer, Fielstrup, Geiman, Strelnikov e Tanasiichuk transpôs fronteiras disciplinares e, inclusive, territoriais mesmo se levarmos em consideração as formulações de Baer, que restringiam as regiões de atuação dos estudos aos domínios do Império Russo (KNIGHT, 1998: 117). Um novo resgate de informações do primeiro capítulo nos permite ressaltar que a expedição de 1914 não foi a primeira ou um caso isolado de rompimento das fronteiras russas, uma vez que o próprio Geiman já havia sido enviado, pelo MAE, em outra expedição estudantil para coleta de material etnográfico na China, Índia, ilha de Java, Nova Guiné e Japão, em 1913.

Lançando um olhar mais específico sobre as análises e conclusões etnográficas elaboradas pelos jovens membros da expedição, chamamos a atenção para uma parte das análises de Strelnikov, na qual o zoólogo elabora uma síntese de pontos importantes observados não apenas em seu trabalho, mas também no material de seus colegas, tendo estabelecido um diálogo interessante, sobretudo, com os registros feitos por Manizer. Em um dos casos, Strelnikov acrescenta suas próprias conclusões àquelas produzidas por Manizer sobre os Botocudos e Kaingang, observando que, em termos de representações e práticas espirituais, estes grupos indígenas se assemelhavam bastante aos Kaa-iwá Guarani que ele próprio havia estudado. A partir de então, ele complementa seu ponto associando essas práticas a outros grupos igualmente diversos e distantes entre si e chega a formular a hipótese

de que os grupos Guarani teriam, no passado, apresentado larga influência sobre indígenas de regiões diversas. De acordo com essa proposta, portanto, Botocudos e Kaingang poderiam descender de Guarani ou serem fortemente “guaranizados”<sup>209</sup>.

Ainda sobre as conclusões contidas nos trabalhos dos membros da expedição, podemos destacar aquelas que Manizer registrou em seu “A música e os instrumentos musicais de algumas tribos do Brasil”, identificando elementos culturais comuns entre os grupos indígenas através de seus instrumentos e expressão musical<sup>210</sup>. Assim como no exemplo anteriormente apresentado, essas observações demonstram uma tendência a abordagens comparativas, em diferentes buscas por pontos de ligação entre os povos em sua história para que fosse possível a elaboração de um quadro amplo dessas relações, detalhando aquelas características consideradas originais e as que, por sua vez, fossem compreendidas como derivadas. Ao buscarmos mais informações na bibliografia, percebemos que essa modalidade de perspectiva não foi caso isolado ou exclusividade das expedições relacionadas ao MAE no início do século XX, mas a manifestação, a partir do final do século XIX, de um crescente movimento de crítica etnográfica ao paradigma então conduzido pela centralidade do *byt* como descrição do *narodnost*, o espírito nacional russo (KNIGHT, 2008: 84, 85).

A nova tendência se apoiava, portanto, em questionamentos direcionados ao problema de uma etnografia russa que havia sido construída na qualidade de “ciência do particular”, inteiramente baseada na caracterização e valorização de uma única essência étnica e que, segundo essas críticas, não teria como sustentar um status de ciência propriamente dita enquanto não se concluísse que “seus fatos e observações precisavam estar incorporados a um sistema coerente de verdades aplicadas universalmente” (Ibidem: 85). Ganhou terreno progressivamente nos meios acadêmicos russos, então, a corrente que pregava abordagens etnográficas mais amplas e voltadas a uma reconciliação com os sistemas e valores dominantes dos círculos europeus, apesar de não ter sido poupada de fortes oposições dos setores ligados à tradição vigente (Ibidem: 108, 109).

As críticas recebidas pela etnografia nacional russa não se limitavam às abordagens mais amplas, que admitiam diversos povos como objeto de estudo. O que também se apresentava em jogo era a validade de um método comparativo para etnografia, que se

---

<sup>209</sup> Strelnikov, 1926; 1928b.

<sup>210</sup> Manizer, 1918.

chocava com as disposições epistemológicas vigentes na tradição russa. Entre os russos que defendiam a inviabilidade das abordagens comparativas, a principal crítica apontava para o fato de que, mesmo que se admitisse essa orientação, seria necessário o acúmulo de mais informações sobre os povos para que seus resultados não se mostrassem frágeis. A vertente comparativa encontrava expressão em outros países e, de maneira ampla, sofreu ataques por parte de outras escolas etnográficas e antropológicas que visavam neutralizar a força que o método comparativo ganhara em sua associação com o evolucionismo. Um exemplo importante dessa oposição era o antropólogo estadunidense Franz Boas, que conquistou grande parte de seu prestígio “derrubando métodos evolucionistas tanto em mostras em museus quanto na pesquisa etnográfica, substituindo-os por investigações holísticas e apresentações de culturas individuais”(Ibidem: 109).

A respeito das relações de algumas das principais escolas antropológicas e etnográficas europeias com os aportes evolucionistas, percebemos variações:

Boas, é claro, era um produto da tradição alemã, onde os modelos evolucionistas [...] sempre haviam sido temperados por uma grande atenção à influência de fatores geográficos. Não à toa, acadêmicos alemães também foram rápidos em romperem com o evolucionismo em favor de modelos de difusão cultural centralizados geograficamente, dotados de níveis variados de determinismo racial. Na França, as concepções evolucionistas também foram equilibradas com o foco na raça, que tendia a desviar os antropólogos da unidade psíquica da humanidade. A sociologia de Durkheim, em contrapartida, emergiu como o método dominante, na França, para o estudo da sociedade e organização social. Até mesmo na Inglaterra, onde o evolucionismo sempre estivera mais forte, ideias e evidências contraditórias começaram a ganhar corpo depois de 1900, levando acadêmicos proeminentes, como William Rivers, a se indisporerem com o evolucionismo por volta de 1911, abrindo caminho para a emergência do funcionalismo inglês (Ibidem: 109,110).

Nesse sentido, é interessante notarmos que, embora as análises produzidas pelos membros da expedição de 1914 já apontassem para essa nova orientação etnográfica, Strelnikov escreve, em seu relatório de 1964, que, no trabalho sobre os Botocudos, “Manizer descreveu seu byt”<sup>211</sup>. Esse exemplo é uma demonstração de que, conforme sugerido em um

---

<sup>211</sup> Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.

momento anterior desta discussão, o *byt* não deve estar, necessariamente, excluído de estudos russos que não sejam focados em sua essência nacional, uma vez que, enquanto noção particular à etnografia do país, ela mantém sua importância como conjunto de características a serem observadas em qualquer povo que, no momento, sirva de objeto para o trabalho. Embora central para a etnografia nacional de Nadezhdin e muito ligado a ela, o *byt* não é, portanto, de seu uso exclusivo (KNIGHT, 1998: 127). Ao mesmo tempo, verificarmos esse tipo de passagem em um texto escrito por Strelnikov meio século depois da organização da expedição e passados mais de cem anos dos debates iniciais da Sociedade Geográfica é uma marca da relevância prolongada do conceito de *byt*, mas também nos permite identificar essa mesma sobrevida para a etnografia nacional que o cristalizou:

Enquanto se blindava e minguava em resposta à força relativa das influências do Ocidente, a ideia de etnografia como uma ciência centralizada na nacionalidade (ou *ethnos*, como o *narodnost* de Nadezhdin tem sido tratado em sua mais recente encarnação) vem resistindo como um elemento persistente na etnografia russa, conferindo a ela uma condição destacada em relação a disciplinas análogas no Ocidente até os dias atuais (Ibidem: 122).

Retomando, então, a discussão acerca da nova abordagem que passou a ser reivindicada para a etnografia russa, chamamos a atenção para um elemento que esteve, de maneira decisiva, na base teórica desse processo. Ao analisarmos o perfil daqueles que se envolveram na referida corrente etnográfica, concluímos a predominância de acadêmicos que, na época, faziam parte de uma nova geração de etnógrafos, composta por figuras como Nicolai Kharuzin (1866 - 1900) e o próprio Lev Shternberg, supervisor da expedição de 1914. Essa geração, “que já buscava a ciência para revelar não apenas os segredos da natureza, mas também o caminho do progresso humano”, defendia suas abordagens amplas e de viés marcadamente comparativo bebendo da fonte do evolucionismo de Charles Darwin (1809 - 1882) e Alfred Russel Wallace (1823 - 1913) que, a partir da segunda metade do século XIX, forneceu material fundamental para novas interpretações científicas que não se restringiram aos estudos biológicos (KNIGHT, 2008: 84, 86). Dessa maneira, Shternberg, Kharuzin e outros jovens etnógrafos tiveram terreno propício para o contato com as ideias que balizaram leituras sociais e antropológicas do pensamento evolutivo:

Assim como outros de sua geração, Kharuzin encontrou a chave para as leis que guiavam o avanço da cultura nos escritos de acadêmicos como Auguste Comte,

Edward Tylor, Henry Lewis Morgan, John McLennan, e James Frazer - um corpo teórico ao qual nos referimos, agora, como evolucionismo sócio-cultural ou antropológico. O advento da teoria evolutiva foi apenas um de uma série de avanços ao longo da década de 1890, da criação de novos periódicos acadêmicos à introdução de cursos universitários em etnografia, que serviram para colocar o campo em bases mais sólidas como uma disciplina acadêmica estabelecida (Ibidem: 86).

Particularmente em solo russo, pode-se dizer que a Teoria da Evolução alcançou recepção e repercussão notáveis e em pouco tempo. Um indicativo dessa questão é o fato de, tendo sido publicado pela primeira vez em 1859, o livro *A Origem das Espécies*, de Darwin, já contava, em 1867, com quatro edições russas, sem falar na profusão de edições e traduções de outras obras do mesmo autor (ROGERS, 1973: 484). O cenário era tal que vale destacar que “muitos observadores na Rússia czarista comentaram que o Darwinismo encontrou menos resistência na Rússia da década de 1860 do que na Europa Ocidental”, o que é atribuído, entre outros motivos, a uma intensa dinâmica de circulação de ideias relativas à antiga noção de evolução biológica em círculos intelectuais e acadêmicos do Império antes mesmo da publicação do *Origem das Espécies* (Ibidem: 484, 485). O próprio Charles Darwin, a fim de ser mais esclarecedor sobre suas formulações e no esforço de evitar maiores problemas de reivindicações de precedência que se referissem, equivocadamente, ao conceito mais amplo de evolução ao invés de sua ideia de Seleção Natural, chegou a elaborar um prefácio histórico para a terceira edição do *Origem das Espécies*, no qual separava sua teoria de propostas de antecessores, dentre os quais ele nomeou um grande número de russos, especialmente de origem báltica, como Alexander Keyserling (1815 - 1891), Christian Pander (1794 - 1865) e Karl von Baer (Ibidem: 485, 487; KRIVOSHEINA, 2014: 294).

Mais especificamente e com relação às chaves de interpretação antropológica derivadas da base evolucionista de pensamento, é importante que se indique que as mesmas mobilizaram inúmeros debates, entre outros momentos, na ocasião da organização da Exposição Antropológica de 1879, em Moscou (KRIVOSHEINA, 2014: 290, 291). No Brasil as controvérsias em torno do evolucionismo antropológico marcaram a Exposição Antropológica brasileira, realizada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1882 em um momento em que inclusive o imperador Pedro II se preocupava com tais questões (DOMINGUES E SÁ, 2003: 101, 102, 106; GUALTIERI, 2003: 56, 57). Ambas as

exposições acompanharam uma tendência que marcou a segunda metade do século XIX e já havia produzido eventos da mesma natureza em cidades como Londres (1862), Chicago (1876) e Paris (1878) (DOMINGUES E SÁ, 2003: 104; AGOSTINHO, 2016: 4).

Em sua identificação com o evolucionismo e o repertório teórico que fornecia à etnografia, Shternberg não apenas sinalizava sua divergência em relação à hegemonia exercida pela etnografia nacional russa, mas também indicava não se tratar de um nacionalista, ainda mais se considerarmos que, conforme apontado no primeiro capítulo, ele era um etnógrafo judeu, condição que lhe impunha obstáculos profissionais e, de maneira mais ampla para outros como ele, um sentido de não pertencimento ao discurso da nação (KAN, 2003: 29). Ainda assim, Shternberg podia ser considerado um “populista”<sup>212</sup> em seu interesse e apreço pela comuna camponesa e pelo povo ou *narod*, na tradução para o russo (Ibidem: 27). Seu exílio no extremo leste do Império, no entanto, lhe forneceu a possibilidade de estudar as estruturas sociais de povos indígenas desconsiderados pelo discurso da etnografia nacional, enquanto desenvolvia suas perspectivas universalizadas e metodologicamente comparativas e afinadas com preceitos evolucionistas, afinal, para Shternberg, era um grave equívoco se falar em uma etnografia russa, quando, na realidade, só existia uma etnografia no mundo (Ibidem: 27, 30). Como observamos neste trabalho, portanto, esse também foi o tipo de abordagem identificado nos registros, interpretações e conclusões etnográficas da expedição de 1914.

---

<sup>212</sup> Os Populistas russos ou *Narodniks* eram intelectuais das elites que militavam por um socialismo agrário, em que pregavam romanticamente um retorno à vida no campo. A partir desse regresso, eles defendiam que o poder deveria ser transferido para a dimensão coletiva dessas comunidades rurais (KAN, 2003).

## Considerações Finais

---

A identificação do método etnográfico comparativo nos trabalhos de Manizer, Fielstrup, Strelnikov, Geiman e Tanasiichuk abre o espaço necessário à discussão dos caminhos do pensamento e da prática russa na etnografia. O propósito de vincular o trabalho etnográfico da expedição russa de 1914 a segmentos específicos desses caminhos históricos ganha em clareza e precisão na medida em que são expostas as relações das observações e interpretações dos viajantes russos com categorias evolutivas de análise. A abordagem da expedição, ao sublinhar o aspecto disciplinar, ilumina as disputas da etnografia russa e evidencia a concepção de noções próprias, vinculadas à dimensão pronunciadamente local de suas questões acadêmicas, políticas e sociais. Aplicar essas perspectivas às atividades da expedição possibilita, além de sua inserção na tradição etnográfica russa, maior detalhe na leitura do próprio empreendimento, suas orientações e as bases epistemológicas que guiaram os estudos e demais registros produzidos.

O caminho trilhado nesta dissertação pincelou alguns outros eixos temáticos que oferecem um olhar preliminar a potenciais objetos de exploração. Com referência à temática das controvérsias do início do século XX sobre os indígenas brasileiros, vale reforçarmos a constatação, nesta pesquisa, da ligação improvável entre Brasil, Rússia, questão indígena e expedições através do botânico Albert Fric e sua denúncia no Congresso de Americanistas de Viena, onde conheceu o etnógrafo russo Lev Shternberg. Apontamos, portanto, para a perspectiva de novas investigações sobre as relações de Fric com a realidade brasileira na chave da história da construção de interpretações sobre os indígenas do país por meio de expedições. Tomando a relação entre expedições, coleções e memória, novos horizontes de abordagem também se fazem possíveis sobre as dinâmicas envolvidas na transição da expedição de Langsdorff entre as condições de campanha esquecida e legado redescoberto. Por fim, o caminho desta pesquisa aponta para a exploração do contato entre as concepções russas de nação e a experiência nacional brasileira conforme expresso em dois estudos não publicados específicos, descobertos durante as investigações para este trabalho. Ambos são de autoria do etnógrafo Genrikh Manizer e intitulados “Sobre o Brasil como exemplo do



processo de formação de uma nova sociedade”<sup>213</sup> e “Neobrasileiros”<sup>214</sup>. Manizer apresentou ambos os estudos, como olhar russo à diversidade brasileira e seus processos coloniais, em sessões do círculo geográfico de discussões promovido por Shternberg no MAE.

---

<sup>213</sup> Manizer, 1916c.

<sup>214</sup> Manizer, 1916d.

## Listagem de fontes

---

### Fontes publicadas

Fielstrup, F.A. 2005. Kadiwéu. in *Aborigeni Ameriki: predmeti e predstavlenia* (in *Aborígenes da América: assuntos e representações*). SPB, 2005, 399 p.

Manizer G.G. 1916a. Russkie studenti v Iujnoi Amerike. *Birjivie Vêdomasti*. 26 maya, 1916a.

Manizer, G.G. 1916b. Os Botocudos (Borunas), segundo observação feita durante minha estada entre êles em 1915. in *Anuário da Sociedade Russa de Antropologia da Universidade de Petrogrado*. Petrogrado, 1916.

Manizer, G.G. 1917. Sôbre a Viagem pela América do Sul em 1914-1915, in *Priroda* (Natureza), Petrogrado, 1917.

Manizer, G.G. 1918. A música e os instrumentos musicais de algumas tribos do Brasil. *Colet. do Museu de Antropologia e Etnografia*, tomo V, 1918.

Manizer, G.G. 1930. Os Kaingangs de São Paulo. *Proceedings of the twenty-third Internacional Congress of Americanists*. New York, 1930.

Manizer, H. H. 1948. *Ekspeditsiia akademika G. I. Langsdorfa v Braziliiu (1821-1828)*. Shprintsin, N. G. (Ed.). Moscou: Geografiz, 1948.

Strelnikov, I.D. 1919. O termitar Iujnoi Ameriki. *Iz Paragvaya, Matto Grosso (Brasilia), Chiquitos (Bolivia)*. (Sobre cupins da América do Sul. Do Paraguai, Mato Grosso (Brasil), Chiquitos (Bolivia)). *Izvestia Nauchnovo instituta im. P.F. Lesgafita*. 1919 – 1920. S. 212 – 226.

Strelnikov, I.D. 1926. Les Kaa-iwua du Paraguay. Atti del XXII. Congresso Internazionale degli Americanisti, Roma, 1926. Vol. II. Roma, 1928. P. 333–366.

Strelnikov I.D. 1928a. The Expedition of G.I. Langsdorf to Brazil in 1821–1829. Proceedings of the XXIIIth International Congress of Americanistes, New York, September 17–22, 1928. N.Y., 1930. P. 751–759.

Strelnikov, I.D. 1928b. La música y la danza de las tribus indias Kaa-iwua (guarani), Kaingang y Botokudo. Proceedings of the XXIIIth International Congress of Americanistes, New York, September 17–22, 1928. N.Y., 1930. P. 796–802.

Strelnikov, I.D. 1930. Religioznie predstavlenia indeitsev guarani baceuna r. Verrniaia Parana (Paragvay i Brasilia). (Representações religiosas dos indígenas guarani da bacia do Baixo Paraná (Paraguai e Brasil). Sbornik Museia Antropologii i Etnografii. 1930. T. IX. S. 293–339.

### **Fontes não publicadas**

- Manizer, G.G. 1916c. A Brazílii kak primer protsessa formirovki novovo obchestva. (Sobre o Brasil como exemplo do processo de formação de uma nova sociedade). Gueografitcheski Kursi, 14 maya.
- Manizer, G.G. 1916d. Neobrazilitsi. (Neobrasileiros). Gueografitcheski Kursi, 10 fevralya.
- Anotações de Strelnikov, janeiro - fevereiro de 1915.
- Anotações de Fielstrup intituladas “Pelo rio Paraguai e os Kadiwéu”, junho-agosto de 1914.
- Diário de Fyodor Fielstrup, abril de 1914 - novembro de 1915.
- Diário de Genrikh Manizer, abril de 1914 - setembro 1915.
- Diário de Ivan Strelnikov, abril de 1914 - julho de 1915.

- Diário de Sergei Geiman, abril de 1914-16
- Dicionário do idioma Botocudo, Manizer, 1915.
- Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 28 de março de 1914.
- Cartas de Fiesltrup a Emil Fielstrup, 25 de abril de 1914.
- Cartas de Fiesltrup a Emil Fielstrup, 27 de abril de 1914.
- Carta de Fielstrup a Emil Fielstrup, 19 de maio de 1914.
- Carta de Manizer a Shternberg, 18 de junho de 1914.
- Carta de Manizer a Shternberg, 16 de julho de 1914.
- Carta de Strelnikov a Sergei Strelnikov, 3 de maio de 1914.
- Carta de Strelnikov para Sergei Strelnikov, 28 de julho de 1914.
- Carta de Strelnikov para Sergei Strelnikov, 15 de agosto de 1914
- Carta de recomendação de Julio M., do museu de Mendoza, para ida de Geiman, além de um médico austríaco e sua esposa, ao Chile e Peru, 6 de janeiro de 1915.
- Carta de Clebseh Alfredos a Geiman sobre a colônia socialista russa em Villarica, Paraguai, 1 de novembro de 1914.
- Carta de Luka Bonacic, da colônia croata Hrvatski Dom de Punta Arenas, a Geiman, 22 de abril de 1915.
- Relatório de atividades de Strelnikov e Tanasiichuk para o Laboratório Biológico P.F. Lesgaft, 1916.
- Relatório de Fielstrup, apresentado ao círculo de estudos romano-germânicos da Universidade de Petrogrado, 1916.
- Relatório de Strelnikov intitulado “Nautchnie resultati russkoi ekspeditsi 1914-1915g.g. Brazilia, Bolivya i Paragvay” (Resultados científicos da expedição russa de 1914-1915. Brasil, Bolívia e Paraguai), apresentado à Sociedade Geográfica Russa em 20 de abril de 1964.
- Relação de itens a serem depositados no Museu Etnográfico da Universidade de Buenos Aires (Geiman), julho de 1915.

- Texto de Vasili Radlov, apresentado à XIa Sessão da Seção das Ciências Históricas e da Filologia da Academia das Ciências da Rússia, 20 de setembro de 1917.

## Referências Bibliográficas

---

Agostinho, M. B. 2016. A Exibição Humana na Exposição Antropológica Brasileira de 1882: os indígenas do Brasil sob o olhar cientificista no Museu Nacional. Anais eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Florianópolis, Santa Catarina, 2016, pp. 1-16.

Beer, D. 2008. *Renovating Russia: The Human Sciences and the Fate of Liberal Modernity, 1880–1930*. Ithaca: Cornell University Press, 2008.

Belov, D.V., Bredirrin, A.V., Dobrolyubov, S.A., Komissarov, B.N., Naumov, A.S., Sizonenko, A.I., Sokolova, D.V., Tanasiichuk, V.N., Rolina, V.N. 2014. Velikie russkie ekspeditsii. Russkie geografii v Latinskoy Amerike: kronika puteshestvii XIX - pervoy poloviny XX v. Moscou: Avanta , 2014, pp. 261-287.

Bergman, J. 1980. Vera Zasulich, the shooting of Trepov and the growth of political terrorism in Russia, 1878–1881. *Terrorism*, vol.4, 1980, pp. 25 - 51.

Bertomeu-Sánchez, J. R.; García-Belmar, A.; Lundgren, A.; Patiniotis, M. 2006. *Introduction: Scientific and Technological Textbooks in the European Periphery*. *Science & Education*, Springer, n°15, 2006, pp. 657–665.

Bigio, E. S. 2007. A ação indigenista brasileira sob a influência militar e da Nova República (1967-1990). *Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília*, v.4, n.2, dez. 2007, pp. 13-93.

Bittencourt, C. M. F., Ladeira, M. E. 2000. *A história do povo Terena*. Brasília : MEC ; São Paulo : USP/CTI, 2000. 156 p.

Brito, C.A.G.; Lima, N.T. 2013. Medicina e antropologia: a saúde no Serviço de Proteção aos Índios (1942 -1956). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 8, n. 1, jan.-abr. 2013, pp. 95-112.

Caballero, G.D. 2017. Res non verba, religión, patriotismo, trabajo y regeneración. En: Susana Bandieri y Sandra Fernández (coord.). La Historia argentina en perspectiva local y regional. Buenos Aires: Teseo, pp. 83-117.

Caser, A. T.; SÁ, D. M. 2010. Médicos, doenças e ocupação do território na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915). Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 2, maio-ago. 2010, pp. 363-377.

Castelnuau, F. 1949. Expedições às regiões centrais da América do Sul. Rio de Janeiro : Cia. Ed. Nacional, 1949. 266p.

Choldin, M.T. 1979. Aleksandr Voeikov`s travels in Yucatán, 1874. In: Hinshaw, R. (Ed.) Currents in anthropology: essays in honor of Sol Tax. De Gruyter Mouton, Studies in Anthropology 3, 1979. pp. 195 - 220.

Cibotti, E. 2000. Del habitante al ciudadano: La condición del inmigrante. Sudamericana, Buenos Aires, Argentina, 2000, pp. 365-407.

Cueto, M. 1989. Excelencia científica en la periferia: actividades científicas e investigación biomédica en el Perú 1890-1950. Lima, GRADE Group for the Analysis of Development, 1989, 223 p.

Cukierman, H. 2014. Who Invented Brazil?. In: Medina, E., Marques, I.C., Holmes, C. (Orgs.) Beyond Imported Magic: Essays on Science, Technology, and Society in Latin America. The MIT Press, 2014. 410 p.

De Paula, A. E. H. 2015. A Crítica Anarquista de Piotr Kropotkin e Elisée Reclus à Geografia Escolar no Final do Século XIX. Interfaces Científicas - Educação, Aracaju, vol.3, n.3, jun., 2015, pp. 11 - 21.

Di Liscia, M.S. 2012. Desde fuera y desde dentro. Enfermedades, etnias y nación. In: Hochman, G., Di Liscia, M.S. (Org.) Patologías de la patria. Enfermedades, enfermos y nación en América Latina. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2012, 280 p.

Di Liscia, M. S.; Billorou, M. J. 2003. Locura y crimen en el discurso médico-jurídico. Argentina, Territorio Nacional de la Pampa, ca. 1900. Tomo LX, n. 2, 2003, pp. 581-606.

Di Liscia, M.S., Marrón, M.F. 2009. Sin puerto para el sueño americano: políticas de exclusión, inmigración y tracoma en Argentina (1908-1930). In: Gómez, M.J.C., Sepúlveda, R.L. (Orgs.) Historizar los cuerpos y las violencias. América Latina, siglos XVII-XXI (dossiê). 2009, pp. 1-27.

Domingues, C. M. 2010. A Comissão de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a Integração do Noroeste. XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio. UNIRIO, Rio de Janeiro, jul., 2010, pp. 1-24.

Domingues, H.B., Sá, M.R. 2003. Controvérsias Evolucionistas no Brasil do Século XIX. In: Domingues, H.B., Sá, M.R., Glick, T. (Orgs.) A recepção do Darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, 189 p.

Elina, O. 2014. Between local practices and global knowledge: public initiatives in the development of agricultural science in Russia in the 19th century and early 20th century. Centaurus, vol. 56, 2014. pp. 305-329.

Erthal, R. M. C. 1992. Atrair e Pacificar: A Estratégia da Conquista. Dissertação de Mestrado do Museu Nacional da UFRJ, Rio de Janeiro, 1992, pp. 145-184.

Farris, G. 1997. The age of russian imperialism in the North Pacific. Kroeber Anthropological Society Papers, n.81, 1997. pp. 187-194.

Feklova, T.I. 2016. Deyatelnosti russkoy durrovnoy missi v Pekine v pervoy palavinie XIX v. pa sboru informatsi polititicheskovo i ekonomiticheskovo raraktera. Sankt Peterburg: Vestnik Sankt Peterburgskovo Universiteta, n. 17, 2016. pp. 151-157.

Ferreira, L. M. 2005. Arqueologia do Sul do Brasil e política colonial em Hermann von Ihering. Anos 90, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, jan./dez., 2005, pp.415-436

Foster, M., Henrikson, S. 2009. Symbols of Russian America: Imperial crests and possession plates in North America. Concepts, n. 5, 2009. pp. 1-8.



Frolova, M. 2007. A paisagem dos geógrafos russos: A evolução do olhar geográfico entre o século XIX e o XX. *Ra`e Ga*, n.13, 2007. pp. 159-170.

Gill, F.; Donsker, D. 2019. Ovenbirds, woodcreepers. World Bird List Version 9.1. International Ornithologists' Union. 2019.

Guartieri, R. C. E. 2003. O Evolucionismo na Produção Científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915) In: Domingues, H.B., Sá, M.R., Glick, T. (Orgs.) *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, p.p. 45-96.

Günerngun, F., Raina, D. *Science between Europe and Asia: Historical Studies on the Transmission, Adoption, and Adaptation of Knowledge*. Dordrecht: Springer Verlag, 2011. 279 p.

Hachten, E. A. 2002. In *Service to Science and Society: Scientists and the Public in Late-Nineteenth-Century Russia*. *Osiris*, 2nd Series, vol. 17, Science and Civil Society, 2002, pp. 171-209.

Hardman F. F.; Kury L. 2004. Nos confins da civilização: Algumas histórias brasileiras de Hercule Florence. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 11(2), maio-ago., 2004, pp. 385-409.

Ihering, H. 1907. *A anthropologia do estado de São Paulo*. *Revista do Museu Paulista*, vol. VII, Typ. Cardozo, Filho & Cia, São Paulo, 1907, pp. 202-257.

Ihering, H. 1911. *A questão dos índios no Brazil*. *Revista do Museu Paulista*, vol. VIII, Typ. do Diario Official, São Paulo, 1911, pp. 112-140.

Kan, S. 2003. Lev Shternberg (1861-1927): Russian Socialist, Jewish Activist, Anthropologist. *Bulletin: Anthropology, Minorities, Multiculturalism* 5: 27-34. Center for Pontic and Caucasian Studies. Kuban State University, Krasnodar.

Kan, S. 2009. *Lev Shternberg: Anthropologist, Russian Socialist, Jewish Activist*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2009.

Knight, N. 2008. Nikolai Kharuzin and the Quest for a Universal Human Science Anthropological Evolutionism and the Russian Ethnographic Tradition, 1885-1900. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History* 9, 1, 2008, pp. 83-111.

Knight, N. 1998. Science, Empire and Nationality: Ethnography in the Russian Geographical Society, 1845-1855. In: Burbank, J., Ransel, D.L. (Eds.) *Imperial Russia: New Histories for the Empire*. Bloomington: Indiana University Press, pp. 108-142.

Kochtcheeva, L. V. 2010. Russia's Response to Globalization: Europeanization, Americanization and Self-Determination. *New Global Studies*, 2010, vol. 4, n.2, pp.1-35.

Kodama, K. 2009. Os índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860. Editora Fiocruz/EDUSP, Rio de Janeiro/São Paulo, 2009, 336p.

Komissarov, B. 1994. Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas. Trad. Marcos Pinto Braga, São Paulo/Brasília, Ed. da Unesp/Langsdorff, 1994. 126p.

Komissarov B., Lukin B.V. Russkie utchionie v Latinskoi Amerike. *Priroda*. 1965. n.1. C. 105–107.

Korsun. S. A. 2012. L.I. Shternberg kak amerikanist. In: Rezvan, E.A. (Org.) *Lev Shternberg — grajdanin, utchionii, pedagog. K 150-letyu so dnia rojdenia*. Sankt Peterburg. MAE RAN, 2012.

Kozel, S.; Torres, M. A. 2012. A paisagem sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço. In: Barthe-Deloizy, F.; Serpa, A. (orgs). *Visões do Brasil estudos culturais em geografia*. EDUFBA e Edições L'Harmattan Salvador, 2012, pp. 167 - 190.

Krivosheina, G. 2014. Long Way to the Anthropological Exhibition: The Institutionalization of Physical Anthropology in Russia. *Centaurus*, vol. 56, 2014, pp. 275-304.

Leitão, C. M. 1941. História das expedições científicas no Brasil. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, v. 209, 2ªed., 1941.

Levine, L. 1914. Pan-Slavism and European Politics. *Political Science Quarterly*, vol. 29, n. 4, Dec., 1914, pp. 664-686.

Lima, A.C.S. 1987. Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade: considerações sobre a constituição do discurso e da prática da “proteção fraternal” no Brasil. In: Oliveira, J.P. (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro : Marco Zero : Ed. UFRJ, 1987. p. 149-204.

Lincoln, W. B. 1990. *The Great Reforms: Autocracy, Bureaucracy, and the Politics of Change in Imperial Russia*. DeKalb: Northern Illinois University Press. 303p.

Loskutova, M. 2012. “Vliyanie lesov na obmelenie rek est’ tol’ko nedokazannaya ipotez”: prikladnaya nauka i gosudarstvennaya politika po upravleniyu prirodnyimi recursami v Rossiiskoi imperii vtoroi chetverti XIX v. *Istoriko-Biologicheskie Issledovaniya*, n. 1, 2012, pp. 9–32.

Loskutova, M. 2014. Early Research on Insect Pests in the Russian Empire: Bureaucracy, Academic Community and Local Knowledge in the 1830s–1840s. *Centaurus*, vol. 56, 2014, pp. 229 – 253.

Lukin B.V. K 50-letiu russkoi nautchnoi ekspeditsi v Latinskuiu Ameriku. *Vestnik AN URSS*. 1964. № 6. C. 107–109.

Lukin B.V. K voprosu ob istorii russkir isledovaniy v Latinskoi Amerike (50 let ekspeditsi 1914–1915 gg.). *Izvestia Vcesoyusnovo gueograficheskovo obchestvo*. 1965. T. 97. C. 70–75.

Lukin, B. V. 1977. Iz materialov russkoi ekspeditsi 1914-1915 gg. v Iujnuiu Ameriku. *Latinskaia Amerika*, n.1, 1977, pp. 159-189.

Maia, J.M.E. 2005. Entre Henry Ford e Ariel: Caminhos do Americanismo em Vicente Licínio Cardoso. *Caderno CRH*, Salvador, v.18, n.44, Maio/Agosto, 2005. pp. 197-205.

Marquiegui, D. 2014. Fotografia, “estigmas” físicos y condena social desde los libros de historias clínicas de la colonia nacional de alienados de Open Door, 1901-1930. *Revista de*

Historia Bonaerense, Instituto y Archivo Histórico Municipal de Morón, n. 43, Jun., 2014, pp. 52-64.

Mattos, I.M. 1996. Borum, bugre, kraí. Constituição social da identidade e memória étnica krenak. Dissertação (mestrado em Sociologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

Mello, D.S.B. 1982. Entre índios e revoluções: Pelos sertões de São Paulo, Mato Grosso e Goiás de 1911 a 1941. São Paulo: Editora Soma, 1982. 275p.

Mironos, A. A. 2000. Uchenye komitety i sovety ministerstv i vedomstv v XIX veke: zadachi, struktura, evolyutsiya. Nizhnii Novgorod: Nizhnii Novgorod University, 2000, pp. 1-10.

Oliveira, J.P. 1985. Contexto e horizonte ideológico: reflexões sobre o Estatuto do Índio. In: SANTOS, S. C. (org.). Sociedades indígenas e o direito: uma questão de direitos humanos. Florianópolis: Ed. da UFSC/CNPq, 1985, p. 17-30.

Palmer, S. 2006. “O Demônio que se transformou em vermes”: a tradução da saúde pública no Caribe Britânico, 1914-1920. Hist. Ciênc. Saúde-Manguinhos, vol. 13, n. 3, set., 2006, pp. 571-589.

Pessoa, K. N., Seki, L. 2014. Henri Henrikhovitch Manizer’s botocudo folklore texts: a symbol analysis. Language Typology and Universals, vol. 67, n. 2, 2014. pp. 213-227.

Renn, J. 2015. The History of Science and the Globalization of Knowledge. In: Arabatzis, T.; Renn, J.; Simões A. (Eds.) Relocating the History of Science: Essays in Honor of Kostas Gavroglu. Springer, Boston Studies in the Philosophy and History of Science, 2015, pp. 241-252.

Rodrigues, R. A. 2007. Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: Um estudo etnoarqueológico da ocupação kaingang no Rio Feio/Aguapeí. Tese (doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 210 p.

Rogers, J. A. 1973. The Reception of Darwin's Origin of Species by Russian Scientists. *Isis*, vol. 64, n. 4, Dec., 1973, pp. 484-503.

Saldaña, 2013. *Conocimiento y Acción. Relaciones Históricas de la Ciencia, la Tecnología y la Sociedad en México*. Plaza y Valdes, abril, 2013, 244 p.

Sá, D. M., Sá, M. R., Lima, N. T. 2008. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *Hist. Ciênc. Saúde-Manguinhos* [online], vol.15, n.3, 2008, pp.779-810.

Seki, L. 1992. Notas para a história dos Botocudo (BORUM). *Boletim do Museu do Índio*, n. 1, Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1992.

Sevcenko, N. 1996. O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. *Revista USP, Brasil dos viajantes*, n. 30, 1996. pp. 108-119.

Shanin, T. 2018. 1881 Letters of Vera Zasulich and Karl Marx. *The Journal of Peasant Studies*, vol.45, n.7, 2018, pp. 1183 - 1202.

Silva, J. C. 2003. *Arqueologia no médio São Francisco. Indígenas, vaqueiros e missionários*. Tese (doutorado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2003. 421 p.

Soboleva, E.S. 2016. G.G. Manizer – utchastnik vtoroi russkoi ekspeditsi v Iujnuiu Ameriku 1914 – 1915 gg. *Brasiliski dnevnik*. SPB., 2016.

Stauffer, D.H. 1959. Origem e fundação do Serviço de Proteção aos Índios. *Revista de História, USP*, vol. 18, n. 37, 1959, pp. 73-95.

Stites, R. 1989. *Revolutionary Dreams: Utopian Vision and Experimental Life in the Russian Revolution*. Oxford UP, 1989.

Taksami N.T. *Po Iujnoi Amerike. 1914–1915. Neotkritie dnevniki S.V. Geimana. Etnografia i arkheologia korenovo nacelenia Ameriki*. SPB., 2010. C. 271–285.

Tanasiichuk, V.N. 1966. *Russkie Studenty v Iujnoi Amerike*. *Nauka i Jizni*, n.1, 1966. pp. 114-125.

Tanasiichuk, V.N. 2001. Vtaraya rosyiskaya ekspeditsia v Iujnuiu Ameriku (1914-1915). Tr. Gosudarstvenovo museia istorii Sankt- Peterburga, Peterburjets putechestvuiet, n. 6, 2001. pp. 134-142.

Veiga, J. Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Je meridional. 1994. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 226p.

Vermeulen, H. F. 2006. The German Invention of *Völkerkunde* Ethnological Discourse in Europe and Asia, 1740-1798. In: Sara Eigen and Mark Larrimore (eds.) *The German Invention of Race*. Albany, NY: State University of New York Press, 2006, pp. 123-145.

Vinkovetsky, I. 2011. Russian America: An Overseas Colony of a Continental Empire, 1804 – 1867. New York: Oxford University Press, 2011.

Weindling, P. 1999. A Virulent Strain: German Bacteriology as Scientific Racism, 1890-1920. In: Ernst, W.; Harris, B. (Eds.) *Race, Science and Medicine, 1700-1960*. London/New York: Routledge, 1999. pp. 218-235.

Wright, P. G. 2003. Colonización del espacio, la palabra y el cuerpo en el chaco argentino. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n.19, jul., 2003, pp. 137 - 152.

Zakharova, L.G. 1994. Autocracy and the reforms of 1861 – 1874 in Russia: Choosing paths of development. In: Eklof, B., Bushnell, J., Zakharova, L. (Orgs.) *Russia's Great Reforms, 1855 – 1881*. Indiana University Press, 1994, 297 p.